

jornal da REPÚBLICA

SÃO PAULO, QUINTA-FEIRA 6 DE DEZEMBRO DE 1979
Nº 87 ANO I C\$S 10,00

O Sistema e seus mistérios

Da majestade de Geisel ao estilo de Figueiredo, uma grande diferença

Página 4

A comunicação e o presidente
Um governo desentendido consigo mesmo não se entende com a sociedade
Página 4

ARTIGO DE FUNDO

O momento da fé e da inteligência

MINO CARTA

Leonel Brizola falou ontem, no Rio, em tom irônico, dos profissionais do opositorismo, isto é, daqueles que pretendem manter unidas as oposições num só partido. "Eles lamentam a divisão dos votos, não da causa", disse Brizola. E, já se antecipando a novas críticas à linha de atuação que adota desde o seu regresso ao Brasil, Brizola declarou que não o preocupam as "patrulhas esquerdistas", assim como jamais se preocupou com as "patrulhas de direita".

Sem negar a sua qualidade de opositor, Leonel Brizola mostra ser um bom profissional da política. Sem abandonar as suas velhas idéias, sem afastar a mira do seu objetivo, a criação do PTB, ele se revela arguto observador do momento que vivemos, pragmático na justa medida, bom farejador de todos os humores do quadrante. E diga-se que, entre os aspirantes a fundador de partido, ele foi, de longe, o menos favorecido pelos primeiros lances da reforma partidária. Mas tanto não se entregou a queixumes quanto, na hora em que o projeto do governo veio a público, não figurou entre aqueles que peremptoriamente negaram a mais pálida possibilidade de nascimento de novas agremiações políticas - enquanto agora já as compõem e lhes anunciam os nomes.

Brizola está dando uma lição de fé. Há quem até hoje o acuse de nutrir sonhos caudilhescos. Se for assim, será ao menos lição de fé em si mesmo, e não é pouco. Há outros brasileiros, em todo caso, que vivem o momento com inteligência e fé. Em primeiro lugar, os jovens líderes sindicais, Lula e companhia. Discretos mas ativos, eles já estão montando o seu PT, com o pensamento voltado para as eleições de 82.

Este momento precisa de inteligência e fé. Eu me pergunto que tipo de fé alimentam os jovens burgueses que saem pelas ruas para desafiar o presidente da República e que, de repente, agregam aos seus slogans tradicionais outros capazes de atizar a ira dos desvalidos, daqueles que realmente sofrem a penúria na carne. Também me pergunto se eles são inteligentes, pois é fácil verificar que essa ação (estratégia?) aproveita a reação e desencadeia a fúria policial, contra a qual o povo não tem armas. Enfim, turva ainda mais as nossas águas bastante poluídas.

DESTAQUE

Crise? Não há crise, dizem os cientistas

Surpresa: o futuro não é negro, não há maiores ameaças no ar, a crise do petróleo pode até ser o prenúncio de uma saudável transformação no cenário mundial. Estas são as previsões de cinco renomados cientistas de várias áreas, que ontem abriram o seminário "Brasil, o Futuro Iminente", promovido pela Federação do Comércio. James Schlesinger, ex-secretário de Defesa dos EUA, descartou a ameaça de uma conflagração mundial por causa da crise de petróleo. Alvin Toffler, sociólogo americano autor do best seller O Choque do Futuro, antevê o início de uma terceira revolução mundial, a Revolução Tecnológica, em que o homem será a peça mais valorizada. Stefan Robock, professor americano, antecipa um futuro promissor para o Brasil.

Página 8

Fecharemos o ano com 75% de inflação

A alta em novembro ficou entre 5,5% e 6%. A de dezembro será de 6% a 7% - mas não por causa de novos reajustes de preços: é que a Fundação Getúlio Vargas somente agora vai utilizar, no cálculo dos seus índices, os preços verdadeiros do petróleo. Eles já subiram, mas a FGV continuava a usar os preços velhos, mais baixos
Página 7

O campeonato recomeça dia 12



Ricardo Giraldez

A blitz contra o churrasquinho

Vitor David, o administrador regional da Sé, saiu ontem com seus fiscais expulsando os marreteiros do centro de São Paulo. E poucos conseguiram escapar com suas muambas
Página 9

Do México, onde participa de uma conferência da Unesco, o ministro da Educação, Eduardo Portella, pediu ao presidente do CND, Giulite Coutinho, que aceitasse em seu nome a mediação solicitada pelos clubes e pela PFP para resolver o impasse do Campeonato Paulista. E Giulite, ontem, determinou que o Corinthians seja julgado pelo TJD - o que o presidente corinthiano, Vicente Matheus, já aceitou, abrindo mão da Justiça Comum. Assim, o campeonato vai recomeçar na próxima quarta-feira. O Nacional, no entanto, está ameaçado, pois Atlético (MG) e Goiás não chegaram a um acordo.

Página 14

Estudantes presos em São Paulo

Cinco estudantes foram presos ontem, no centro de São Paulo, quando distribuíam cópias de um manifesto que a UNE e a UEE paulista pretendem entregar hoje à tarde ao presidente João Figueiredo, durante sua visita à Bienal. O panfleto exigia a libertação de todos os estudantes presos em Florianópolis, o fim da repressão e da Lei de Segurança Nacional, além da extinção do regime militar. Apesar das prisões, os estudantes persistem na idéia de encontrar-se com o presidente cujo programa da visita é estritamente reservado a contatos não-abertos com a população.

Figueiredo chega ao meio-dia, conversa com empresários, almoça no Circulo Militar (onde faz um discurso), recebe deputados no Palácio dos Bandeirantes e à noite, antes da volta, tem um jantar íntimo com a família do governador Paulo Maluf. Seu esquema de segurança é imponente: desde ontem, todo o seu percurso foi cronometrado e haverá helicópteros e soldados acompanhando cada trecho do roteiro presidencial.

Página 3

Por causa do Irã, acusações entre os Estados Unidos e a União Soviética

Com seus porta-aviões os EUA fazem chantagem, diz Moscou. A URSS é ambígua, responde Washington. Pela primeira vez, na crise, polêmica entre as potências

Página 5

Massacre Zona Sul. Seis jovens de Copacabana encontrados mortos. Mistério

O crime ocorreu em Magé, e suspeita-se que esteja ligado a entorpecentes. Ao estilo do Esquadrão da Morte, foram fuzilados quatro homens e duas mulheres

Página 9

O Congresso quer de novo seus direitos

E o Planalto dá sinal verde para a volta da inviolabilidade

Página 2

Derrame mata o general Hugo Abreu

"Esse homem morreu foi de desgosto", disse a nora, no velório

Página 3

Só 12 votos entre Maluf e seu sonho

São os deputados ainda indecisos sobre a nova capital

Página 16

Os locais do vestibular da Fuvest

A lista completa e as últimas instruções aos 124 mil candidatos

Página 10

AGENDA

O planalto debate plano do álcool

O vice-presidente da República, Aureliano Chaves, os ministros chefes da Casa Civil, Casa Militar, SNI, Secretaria do Planejamento e o secretário particular da Presidência, Heitor Ferreira, foram personagens, na manhã de ontem, de longa reunião na sala dos ministros (no terceiro andar do Palácio do Planalto), cujos objetivos eram, definir e explicitar a política energética brasileira e, também, buscar uma fórmula de ação coordenada dos ministros de Estado e dos demais órgãos envolvidos com o assunto. O segundo item da discussão terminou resultando numa fórmula de comunicação governamental. Isso, para evitar que ministros e autoridades ligadas ao setor façam, como ocorreu nos últimos dias, declarações discordantes a respeito do mesmo assunto.

A reunião foi realizada logo após o encerramento da sessão do conselho do desenvolvimento econômico e dela não participou o presidente da República. Na realidade, o grupo de assessoramento mais próximo ao presidente da República está traçando uma linha de ação que deverá ser levada a ele, para implementação, em curto prazo. A reunião de ontem, partiu da constatação de que ao governo federal

não faltam mais dados nem informações que lhe possibilitem agir no setor energético. Ao contrário, todos os estudos necessários já foram realizados, restando, apenas, trabalhar para implementá-los em curto prazo.

Em princípio, os ministros decidiram que o governo federal vai adotar, na sua política alternativa de combustível o álcool de cana-de-açúcar como primeira prioridade. Vem, em seguida o carvão. Os demais álcoois, derivados de mandioca ou madeira, segundo os estudos do governo poderão ser desenvolvidos num programa de prazo mais longo. Ao lado destas decisões, os ministros resolveram também atribuir novas e mais amplas responsabilidades à Comissão Nacional de Energia, que presidia por Aureliano Chaves, deverá assumir a feição de um verdadeiro ministério da energia.

As modificações na condução da política energética obedecem a vários estímulos. Um deles, é uma avaliação do Conselho de Segurança Nacional que detectou uma inaceitável balbúrdia de projetos e intenções oficiais no setor. Essa avaliação chamou a atenção da assessoria presidencial e já começa a ter desdobramentos.

André Gustavo Stumpf

Uma fria nota do Planalto sobre Abreu

O secretário de Imprensa da Presidência da República, Marco Antonio Kraemer, disse ontem, em tom seco e formal, que o presidente João Figueiredo lamenta, pela família, o falecimento do general Hugo de Andrade Abreu. E nada mais disse, embora lhe tenha sido perguntado.

É explicável o tom objetivo e lacônico do comunicado oficial, embora o general Hugo Abreu, até os primeiros dias de janeiro de 1978, tenha sido o chefe do Gabinete Militar do governo Geisel. Abreu, ex-comandante da Brigada de Para-quadristas e depois chefe da Casa Militar, foi um dos principais dissidentes militares e opositores da candidatura Figueiredo à Presidência da República. E, depois de deixar o Palácio, transformou-se em importante articulador da campanha do general Euler Bentes.

O regimento põe para fora os partidos

A mesa da Câmara dos Deputados aprovou ontem a regulamentação da lei da reforma partidária disciplinando o funcionamento dos blocos. Ela nada inovou regimentalmente. O artigo 8º, porém, provocará discussões. Ele estabelece que as dependências da Câmara não poderão ser utilizadas para o funcionamento de partidos políticos. E proíbe, também, o aproveitamento pelos partidos dos servidores do Legislativo.

José Lindoso deu o "bolo" em Figueiredo

As 16 horas de ontem, em Brasília, um fato inusitado: com lugar reservado antecipadamente na agenda do presidente da República, o governador do Amazonas, José Lin-

dos, simplesmente não compareceu. Além de perpetrar um autêntico "bolo" em Figueiredo, Lindoso deixou frustrados os repórteres, que o esperavam para saber de sua briga com o atual presidente da Suframa.

Ninguém fala, mas ministro sabe de tudo

Sobre a mesa do ministro Said Farhat, da Comunicação Social, está um trabalho com o título "Programa das Viagens do Presidente ao Exterior". No Palácio do Planalto ninguém fala sobre as futuras viagens presidenciais. Mas, ao que se vê, os programas de cada uma das próximas tournées de Figueiredo já estão elaborados, a começar pela visita a Assunção, no Paraguai, no início de 1980.

Segundo Cals, Irã convoca a Petrobrás

Nas últimas horas da noite de ontem, a Agência JB informou que o ministro das Minas e Energia, César Cals, havia confirmado, após entrar em contato com o presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki, que a empresa estatal iraniana de Petróleo, NIOC (National Iranian Oil Co.) acabara de convocar a Petrobrás, por telex, para negociar, na segunda quinzena de dezembro, o contrato de fornecimento de petróleo ao Brasil para 1980.

Oportunista, Jânio fatura qualquer uma

O lunático e desastrado ex-presidente Jânio Quadros continua especialista em aproveitar qualquer oportunidade que lhe permita reaproximar-se do poder. Por conta dos incidentes em Florianópolis, o homem das "forças ocultas" já enviou extenso telegrama ao presidente Figueiredo. De solidariedade, é evidente.

Começa a luta para recuperar direitos

Já foi apresentada emenda à Constituição para devolver prerrogativas ao Congresso.

ARMANDO ROLLEMBERG, de Brasília

Dessa vez tudo indica que o Congresso reconquistará algumas de suas principais prerrogativas eliminadas em parte no texto constitucional de 1967 e principalmente pela junta militar que assumiu o governo em 1969. Os presidentes do Senado, Luis Vianna Filho (Arena-BA), e da Câmara, deputado Flávio Marcílio (Arena-CE), estão pessoalmente empenhados na aprovação de uma emenda constitucional com esse objetivo, preparada, sob encomenda dos dois por uma comissão integrada por representantes da Arena e do MDB. Entre os quais estão os deputados Djalma Marinho (Arena-RN) e Célio Borja (Arena-RJ). A iniciativa dos presidentes do Senado e da Câmara foi precedida por um discreto sinal verde do Palácio do Planalto.

Da emenda constitucional proposta constam as seguintes disposições:

- 1) o Congresso voltaria a poder convocar-se, por decisão de dois terços de seus membros;
- 2) o veto presidencial, hoje apreciado separadamente pelas duas Casas, passaria a ser apreciado conjuntamente;
- 3) seria restabelecida a inviolabilidade do parlamentar no exercício de seu mandato, por opiniões, palavras e votos;
- 4) seria eliminada do texto constitucional uma série de restrições ao exercício da atividade parlamentar. Por exemplo: a proibição de realização de mais de uma sessão ordinária por dia; a proibição de despesas com viagens para os membros das comissões parlamentares de inquérito.

As duas modificações mais importantes dizem respeito, no entanto, à extinção de

algumas atuais prerrogativas do Executivo, em seu relacionamento com o Legislativo. A comissão propõe uma nova mecânica para a apreciação e tramitação dos projetos oriundos do Executivo. Decorrido o prazo para deliberação, essas matérias não seriam aprovadas automaticamente "por decurso de prazo", como ocorre atualmente. Elas passariam a constar obrigatoriamente da ordem do dia, até que houvesse uma decisão. Nenhum outro assunto seria resolvido enquanto a decisão sobre a matéria não fosse tomada.

Outra proposta da comissão que estuda a emenda constitucional, retira do Executivo a prerrogativa, por intermédio de decretos-lei, criar ou extinguir cargos públicos ou fixar vencimentos dos servidores da União. Além disso, a apreciação do veto do presidente da República, seria feita em votação secreta e não em votação nominal, como ocorre atualmente.

A emenda constitucional proposta ainda está longe de recuperar, para o Legislativo, a gama de atribuições que teve no passado. O Congresso, por exemplo, continua proibido de legislar sobre matéria financeira ou de aumentar as despesas da União. Mas há quem esteja prevendo a ampliação da emenda quando o assunto for apreciado pelas duas Casas do Congresso, em março do próximo ano.

E, quando a discussão for iniciada, o equilíbrio de forças no Congresso será diferente do atual. Se o governo conseguir fazer maioria, será por uma margem tão pequena que uma aliança das oposições poderá fazer ultrapassar os limites do sinal verde do Planalto.



LUIZ VIANNA
Conseguiu o sinal verde



FLÁVIO MARCÍLIO
Patrocinou a emenda

CONGRESSO

Arraes fica entre os fundadores do PMDB

A batalha final em torno da escolha dos fundadores do partido do MDB foi como a de Itararé: não houve. Foi tudo resolvido antes, em conversas diplomáticas. E, depois, pôde-se até simular um bem-ensaiado movimento duplo de tolerância: Miguel Arraes telefonou a Ulysses Guimarães para dizer que não reivindicava nada para si e que se o seu nome era o motivo de tanta resistência por parte dos senadores "não-alinhados", ele não se incomodava em não constar, pessoalmente, entre os fundadores do novo partido; já se sentia representado por algumas importantes figuras do partido em organização. A comissão coordenadora do PMDB orientada por Ulysses, anotou o gesto e elogiou-o e, completando a representação, decidiu, por consenso, incluir o ex-governador entre os fundadores do PMDB. Para acalmar os senadores mais conservadores incomodados com a presença de Arraes, a saída foi a generalização. Entram Arraes e mais um expressivo número de grandes nomes das oposições, alguns à esquerda, outros liberais.

A comissão decidiu que os fundadores serão, primeiro, os deputados federais e senadores que já estão assinando o livro de adesões. Depois, entram os "notáveis", conforme estes critérios: 1) os ex-governadores, e isso abre as portas para Arraes, Mauro Borges (Goiás), Chagas Rodrigues (Piauí), Rafael de Almeida Magalhães (Rio) e mesmo Barbosa Lima Sobrinho (Paraná); 2) os ex-

ministros, e aqui entram Severo Gomes, Almino Afonso; 3) os ex-líderes do MDB, cassados, uma faixa aberta para Alencar Furtado e Mário Covas. A comissão coordenadora concluiu que, mesmo assim, ficaram de fora alguns nomes importantes, por isso decidiu ela própria sugerir alguns "notáveis", entre os quais, desde já, estão incluídos o professor Fernando Henrique Cardoso, suplente de senador e Edgar da Matta Machado, mineiro, figura histórica das oposições. Outros poderão ainda ser indicados. Uma ausência notada: não se falou no nome do general Euler Bentes Monteiro.

Pacificada essa questão dos fundadores a comissão coordenadora marcou nova reunião plenária para o dia 18 próximo em Brasília, quando deverão ser examinadas as minutas dos documentos necessários à fundação do novo partido: manifesto de lançamento, programa e estatutos. Ficou decidido ainda que, uma vez aprovados pela comissão coordenadora nacional, os documentos descerão às bases em organização do novo partido.

Enquanto isso, o partido de Tancredo Neves, ou Partido Popular Brasileiro já tem formada uma comissão que vai preparar sua fundação e é integrada por Tancredo Neves, Thales Ramalho e Miro Teixeira, como ex-emedebistas e mais Magalhães Pinto e Olavo Setúbal, como ex-dissidentes do governo. O PPD marcou reunião plenária para o próximo dia 20, em Brasília.

A crítica contra o "divisionismo e sectarismo" dirigia-se claramente à "tendência popular", que tem coordenação própria e se comporta como grupo organizado dentro da nova federação oposicionista. Mas a "tendência" em reunião na noite de terça-feira, decidiu justamente manifestar "aos companheiros de partido a disposição de colaborar sem radicalismos, sem manobras hegemônicas, na base de um compromisso sério com os senadores liberais, compromisso que já existe e vem sendo cumprido". - conforme explicava, ontem, o deputado baiano Elquisson Soares e assim ficou clara a intenção dos "populares" de apagar a imagem de "radicais que querem dar o golpe nos liberais". Frequentemente desenhada pelos portavozes do governo na Câmara.

De todo modo, Partido do Movimento Democrático Brasileiro entrou no recesso parlamentar em clima de paz aparente. As disputas maiores se darão mais para a frente, na hora de se escolherem a comissão provisória nacional e as provisórias estaduais.

Enquanto isso, o partido de Tancredo Neves, ou Partido Popular Brasileiro já tem formada uma comissão que vai preparar sua fundação e é integrada por Tancredo Neves, Thales Ramalho e Miro Teixeira, como ex-emedebistas e mais Magalhães Pinto e Olavo Setúbal, como ex-dissidentes do governo. O PPD marcou reunião plenária para o próximo dia 20, em Brasília.

O adeus da Arena e do MDB no Congresso

CARLOS ALBERTO SARDENBERG, de Brasília

Quatro discursos dos líderes dos dois partidos em extinção foram, ontem, as últimas manifestações da primeira sessão legislativa da nova legislatura do Congresso Nacional, cuja história contemporânea começa com a Assembleia Constituinte de 1946. Mais contemporaneamente, deve-se notar que 1979 foi o primeiro ano, desde 68, em que o Congresso funcionou sem estar sob a ameaça do Ato Institucional nº 5, vale dizer, sem a terrível ameaça das cassações de mandatos.

Passaram neste ano algumas leis importantes. A principal delas, sem dúvida, é a Lei de Anistia, que, embora não fosse ampla e irrestrita como desejavam as oposições, trouxe exilados de volta e abriu as portas de presídios políticos. Esta última sessão legislativa votou ainda a Lei de Reforma

Partidária, momento em que o Parlamento brasileiro teve a oportunidade de fazer o que nenhum outro Parlamento no mundo havia feito: extinguir partidos políticos.

Esses temas e mais a crise econômica que atravessa o país foram as referências principais dos discursos dos senadores Jarbas Passarinho, pela Arena, e Marcos Freire, pelo MDB, e dos deputados Nelson Marchezan, Arena, e Freitas Nobre, MDB, ontem. Foram as últimas manifestações de Arena e MDB no Parlamento. Quando se abrir a segunda sessão legislativa desta legislatura, os deputados e senadores já estarão agrupados em novas agremiações.

Passarinho tratou da nova agremiação do governo para em seguida co-

mentar, de modo positivo, o nascimento da "oposição leal e responsável" anunciada pelo senador Tancredo Neves e seu Partido Popular Brasileiro. Essa "oposição leal ao governo" o líder do governo distinguiu da oposição radical ao regime que seria preconizada pelo ex-governador Miguel Arraes e pelo fundador do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, onde está Marcos Freire, com Ulysses Guimarães, Franco Montoro, Teotônio Vilela, etc. Já se anteviu assim o que ocorrerá na próxima sessão legislativa: as oposições, pelo que disse Freire buscando o reagrupamento, e o governo, pelo que disse Passarinho, tentando pinçar entre os partidos de oposição um confiável, para dialogar, isolando o "radical". Será, pelo menos, mais animado que Arena versus MDB.



ESTÁ ENCERRADA A SESSÃO
Os deputados se abraçam, troçam amabilidades. Começa o recesso

DIREITOS HUMANOS

O Conselho só investigará casos atuais

LUIZ AUGUSTO GOLLO, de Brasília

O Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana reuniu-se na tarde de ontem, pela terceira e última vez este ano, no gabinete do ministro da Justiça, Senador Petrólio Portella. Em clima de fim de ano, às vésperas do recesso parlamentar, o encontro foi ameno e dele participaram, além de Portella, o presidente da ABI, Barbosa Lima Sobrinho; Seabra Fagundes; presidente da Associação Brasileira de Educação Benjamin Albagli; Pedro Calmon; Benjamin de Moraes; Lindenberg Sette; o senador Murilo Badaró (substituindo o senador Jarbas Passarinho); o

deputado Ibrahim Abi-Ackel (no lugar do deputado Nelson Marchezan) e o subprocurador-geral da República, João Boabard Itarary.

Não se falou sobre o processo do desaparecimento do deputado Rubens Paiva, mas o ministro da Justiça apresentou uma preliminar à votação, alterando o disposto no item 13 do artigo 4º da lei que criou o conselho. Nele, trata-se da atualidade das denúncias apresentadas ao CDDPH e, pela mudança votada ontem, a aceitação de qualquer denúncia fica condicionada a verificação de sua "atualidade". A

medida foi aprovada mas teve os votos contrários da ABI (Barbosa Lima), da Associação Brasileira de Educação (Albagli) e da OAB (Seabra Fagundes). Segundo a resolução de ontem, casos antigos, como o de Rubens Paiva, não serão mais aceitos no âmbito do conselho.

Seabra Fagundes pediu, logo na abertura da reunião, que as sessões do CDDPH fossem públicas. Mas o ministro Petrólio Portella recusou, citando um decreto-lei de 1972, assinado pelo presidente Médici, proibindo as sessões públicas do CDDPH. O presidente da ABI Barbosa

Lima Sobrinho, apresentou três requerimentos. O primeiro, sobre a explosão do automóvel da filha do jornalista Hélio Fernandes diretor da "Tribuna da Imprensa". O segundo, sobre a recente apreensão do jornalista argentino Ricardo Hanna, do país. Portella explicou que o CDDPH designou Benjamin de Moraes para acompanhar as investigações sobre a explosão, e garantiu haver falado, por telefone, com o próprio Hélio Fernandes, no dia do atentado. Em seguida, justificou a apreensão do jornalista e a expulsão

do jornalista argentino. Foram designados também os relatores de todos os processos recebidos recentemente pelo conselho: um sobre ocupação de terras no Estado do Pará, onde grandes projetos agropecuários foram a migração de contingentes populacionais para áreas não-ocupadas, outro sobre a violência na Baixada Fluminense, encaminhado pela Comissão Justiça e Paz de Nova Iguaçu e um terceiro sobre ofensa aos direitos humanos em Minas Gerais, encaminhado pelo Conselho Regional de Medicina do Estado.

Os participantes da ses-

são de ontem, como de hábito, foram conduzidos ao gabinete do ministro da Justiça pelo elevador privativo e por ele deixaram o prédio, sem que a imprensa a eles tivesse acesso. O sigilo da reunião só foi quebrado em seus minutos finais, quando uma equipe de cinegrafistas de TV pôde entrar na sala e documentar as conversas finais do conselho e seus representantes durante alguns minutos. Nesse momento em torno da mesa, falava-se de "uma guerra cruel", possivelmente a propósito da situação iraniana, e lembrava-se a guerra do Vietnã.

FIGUEIREDO EM SÃO PAULO

Os estudantes querem entregar-lhe manifesto

Ontem, cinco deles foram presos panfletando

O presidente João Figueiredo chega hoje ao meio-dia em São Paulo, para uma visita de onze horas na qual não estão previstos contatos abertos com a população, como acontecia nas anteriores viagens presidenciais. O esquema de segurança montado para protegê-lo é inusitado, envolvendo algumas centenas de homens do Exército, Marinha, Aeronáutica, Polícia Militar e Polícia Civil. Ontem, o escalão avançado percorreu todos os percursos, cronometrando e armando alternativas. Ficou acertado que a visita contará, todo o tempo que durar, com cobertura de helicópteros.

Figueiredo seguirá do aeroporto de Congonhas para o Centro Campestre do SESC, onde terá encontro com empresários paulistas, promovido por José Papa Júnior, presidente da Federação do Comércio. Dali, dirige-se ao Círculo Militar, onde almoça. Estão previstos para o almoço três discursos: um de Alberto Figueiredo, presidente da Associação Comercial de São Paulo, outro do governador Paulo Salim Maluf e o terceiro do próprio presidente da República. Depois do almoço Figueiredo segue para a Bial de São Paulo, n Ibirapuera. Após essa visita, a comitiva do presidente irá ao Palácio dos Bandeirantes. Onde constam da agenda um contato com os estudantes da Escola Técnica Lauro Gomes, de São Bernardo e conversas com parlamentares convidados por Maluf. E a visita se encerrará com um jantar íntimo, ao qual estarão presentes apenas o presidente e os membros de sua comitiva, além do governador Maluf e sua família.

Previsivelmente será na Bial que os estudantes tentarão aproximar-se de Figueiredo para entregar-lhe um manifesto ontem

já em distribuição no centro da cidade. É um texto preparado e assinado pelas diretorias da UNE e da UEE de São Paulo, no qual basicamente, os estudantes fazem uma severa crítica do governo Figueiredo e terminam por apresentar quatro reivindicações: 1) libertação imediata dos estudantes presos em Florianópolis; 2) fim da Lei de Segurança Nacional e das outras leis de exceção; 3) fim da repressão organizada; 4) fim do regime militar. Ontem, quando distribuíam panfletos no centro da cidade, cinco dos estudantes foram presos. Entre eles estava Laura Feuerwerker, diretora da UEE paulista. À noite os estudantes reuniram-se na sede do Comitê Brasileiro de Anistia com parlamentares do MDB e representantes do Movimento do Custo de Vida. Foi tentado um contato com o assessor de Imprensa do Planalto, marco Antônio Kraemer, para conseguir dele a autorização da entrega do manifesto estudantil a Figueiredo, durante sua passagem pela Bial. Decidiu-se também que não haverá vaia ao presidente nem palavrões, embora os estudantes se disponham a enfrentar a segurança, para falar com o presidente.

Em Brasília, ontem, fontes do Planalto confirmavam que Figueiredo não manterá contatos populares também na sua próxima viagem ao Rio de Janeiro, marcada para a próxima semana. Mas afirmavam que essa postura não será definitiva. Figueiredo voltará a ter contatos populares, "mas de forma bem-organizada", esclareciam os informantes palacianos. E acrescentavam outra novidade nas viagens presidenciais; daqui por diante, não serão admitidas passivamente manifestações de protesto diante do presidente; "nesse caso, haverá sempre repressão".

Em Brasília, ele busca adesões parlamentares

RICARDO PEDREIRA, de Brasília

A formação do novo partido do governo, o Partido Democrático, levou o presidente Figueiredo a intensificar, nos últimos dias, seus contatos com parlamentares dos moribundos Arena e MDB. Tudo faz parte de uma linha de ação estabelecida no encontro que reuniu o presidente e seu comando político, na última segunda-feira. Objetiva-se, assim, garantir ao PD o maior número possível de parlamentares, pois o Planalto espera dificuldades no Congresso, a partir do próximo ano, quando existirão três partidos de oposição.

Na noite de terça-feira, por exemplo, Figueiredo passou mais de quatro horas reunido com políticos do Estado do Rio, o único onde a Arena não tem governador, e apelou aos membros da bancada para que permaneçam com o governo, "pois o programa do partido que vamos fundar é o que melhor corresponde aos anseios do nosso povo". Dentro desta tática de vender otimismo, Figueiredo formulou votos para que "o nosso partido possa eleger o próximo governador do Estado do Rio de Janeiro. Deus sabe premiar os que trabalham.

Um dia antes, na noite de segunda-feira, o presidente esteve na casa do deputado Theodorico Ferraz (Arena-ES), jantando com 93 deputados e 8 senadores. Três par-

lamentares eram do MDB e deverão passar-se para o lado do governo: Florim Coutinho (RJ), Celso Peçanha (RJ) e Antônio Zacharias (SP). No jantar, o chefe do governo conversou longamente com um grupo de deputados dissidentes da Arena, buscando evitar que eles integrem o Partido Popular Brasileiro.

A dois destes dissidentes, Paulo Lustosa (CE), e Alberico Cordeiro (AL), o presidente prometeu "dar um aperto" nos governadores dos respectivos Estados, que, por marginalizarem os grupos políticos destes deputados, os forçou a entrar no grupo dissidente. De qualquer forma, Figueiredo reclamou que tenha que pagar pelas brigas estaduais, pois os dissidentes acabam se voltando contra o governo federal.

Ontem, enfim, Figueiredo almoçou, no clube do Congresso, com cerca de cinquenta deputados do Grupo Parlamentar Cristão, que funciona há catorze anos. Apesar do sentido religioso do encontro - Figueiredo ao final do almoço leu o Salmo 23 - o presidente aproveitou também para conversar com alguns dissidentes presentes. Um membro do grupo dissidente, Afro Stefaneli (MT) não compareceu. Mas suas duas filhas foram ao clube do Congresso especialmente para pedir ao presidente que o convença a ficar no partido do governo.



A morte aos 63 anos, 23 meses após deixar o poder

Derrame mata o general Hugo Abreu

Morreu ontem, às 16h45, no Hospital Samaritano, no Rio de um acidente vascular-cerebral, o general Hugo Abreu, ex-chefe da Casa Militar no governo Geisel e depois ferrenho adversário da candidatura Figueiredo à Presidência. O enterro será hoje, às 16 horas, no cemitério de São João Batista. Desde que foi internado (segunda-feira) até ontem à noite, enquanto o corpo do general era velado no necrotério do hospital apenas por pessoas da família e amigos mais chegados - que aguardavam a transferência para a capela do São João Batista - nenhum político ou militar compareceu ao hospital, confirmando talvez a afirmação de sua nora, a jornalista Angela Abreu: "Este homem morreu de desgosto".

Hugo Abreu completaria este mês 63 anos. Nasceu em Juiz de Fora (MG) em 27 de dezembro de 1916, era filho do advogado José Ribeiro de Abreu, mais tarde delegado de polícia, que deixou fama em Juiz de Fora por ser "pequeninho mas valente pra burro". "Como o próprio general Hugo Abreu", segundo diziam seus amigos, ontem. Sua mãe era a professora Antônia de Andrade Abreu, definida como uma mulher que "naquele tempo, já trabalhava". Caçula de quatro filhos, um de seus irmãos, o ex-deputado federal pelo PTB e MDB Silvio Abreu, foi vítima também de acidente vascular-cerebral, que também matou seu pai. Hugo Abreu foi informado da morte do pai quando, durante a Segunda Guerra Mundial, na Itália, saía para a batalha de Monte Castelo. Sua irmã, Maria Isabel Abreu, professora de português na Universidade de Georgetown, nos Estados Unidos, chegou hoje para o enterro. O outro irmão, Murilo de Andrade Abreu, já faleceu. Ultimamente, a vida do

general se resumia a uma rotina tranqüila: a corrida na praia, na parte da manhã, e, à tarde, o trabalho de revisão dos originais do seu segundo livro, **Tempos de Crise**, a ser lançado em abril. À noite visitava, geralmente, um dos três filhos - Olavo, Maria Cecília e Maria Cristina. Começava a se dedicar também à iniciativa privada, com negócios em Juiz de Fora e um sítio recém-adquirido em Cabo Frio.

Segunda-feira, após o jantar, trabalhava na revisão do livro quando foi acometido de forte crise de vômitos, suando excessivamente. O médico da família, Wladimir Gonzalez, informado de seu estado pelo telefone, pediu auxílio à clínica Pró-Cardiaco, chegando à casa do general junto com a ambulância. Os dois eletrocardiogramas feitos então foram considerados normais. Mas o estado de desidratação, aliado ao fator idade, levaram os médicos a decidir por sua transferência para a unidade de terapia intensiva da Pró-Cardiaco. Ao meio-dia de terça-feira, já bem disposto, Hugo Abreu foi transferido para um quarto comum, avisado de que teria alta à noite. Às 18 horas, porém, sua pressão começou a subir, enquanto se queixava de forte dor de cabeça. Às 19 horas, sofreu o acidente vascular-cerebral, nos braços do filho, o major Olavo Procópio de Abreu. Reunida uma junta médica, a família foi informada, às 21 horas, de que o quadro era "gravíssimo", por ter havido uma hemorragia. Levado à Santa Casa para uma tomografia computadorizada - que deu a localização de todo o sangue na base do crânio -, foi operado no Hospital Samaritano, numa última tentativa de salvá-lo. O general deixou a sala de operações às 3h30, vindo a falecer às 16h45.

TRANSAS PARTIDÁRIAS

O PPB já alardeia o apoio de 40 arenistas

ARMANDO ROLLEMBERG, de Brasília

O presidente da Arena, senador José Sarney (MA), ditou ontem, solenemente, para os jornalistas: "Posso afirmar categoricamente que o nosso partido terá maioria absoluta na Câmara e no Senado". O líder do governo na Câmara, deputado Nelson Marchezan (RS, e o secretário-geral da Arena, deputado Prisco Viana (BA), estão tão otimistas quanto Sarney: na pior das hipóteses, segundo eles, o governo ficará com uma bancada de 215 deputados e 36 senadores. Do outro lado, no entanto, o deputado dissidente da Arena, Jorge Vargas (MG), um dos organizadores do PPB reagiu: "O senador Sarney insiste em continuar a fazer o papel de Pinochio. Quanto mais mente, mais cresce o seu nariz", comentou ele, garantindo que já existem 34 ex-arenistas firmemente comprometidos com o movimento. E que esse número poderá chegar aos 40 deputados.

Na verdade, tanto Sarney como Vargas procuram, com suas "categóricas" declarações, influir na escolha dos indecisos. O dissidente arenista porém tem sido mais convincente em seus argumentos. Além de lembrar as declarações anteriores do presidente da Arena de que o grupo dissidente se resumia a meia dúzia de descontentes, para mostrar que as declarações de Sarney não são confiáveis, ele fez questão de mostrar aos repórteres a lista de adesões ao PPB. Na pasta de Mato Grosso, por exemplo, lêem-se as assinaturas dos deputados Lourenberg Nunes Rocha e Afro Stefanini, tidos como "ex-dissidentes" pela cúpula arenista.

Segundo Vargas, nem o apelo feito pelo presidente Figueiredo ao deputado Paulo Torres, durante o jantar que ofereceu aos parlamentares fluminenses, conseguiu demover o ex-marechal de ingressar no PPB. Figueiredo, segundo Vargas, ofereceu ao deputado dissidente, o comando do partido do governo no Estado do Rio. O mesmo teria ocorrido com o deputado Nagib Haickel (Arena-MA) que, convidado a ter uma conversa com o presidente da República resolveu simplesmente recusar a audiência. Vargas, visivelmente eufórico, prometeu ontem a Sarney uma surpresa: "Além do marechal, mais dois arenistas fluminenses já prometeram sair para o nosso lado, e Sarney não sabe."

Há também arenistas que ainda não prometeram sua adesão ao PPD mas confessam a atração que o partido articulado pelo senador Tancredo Neves vem exercendo sobre os parlamentares do governo. Ontem, os deputados Belmiro Teixeira, Gerson Camata e Waldir Walter, os três da Arena capixaba, saíram do Congresso para uma audiência com o presidente da República. Na volta, falavam em aderir ao PPB. Outro dado que poderia preocupar o governo: o vice-líder da Arena, Ricardo Fiúza (PE), até recentemente arenista fiel às ordens oficiais, já manifestou sua dúvida com relação ao futuro partido ao qual se filiaria.

Sarney, no entanto, não está preocupado. Esse mês será dedicado a "consolidação das nossas forças", diz ele.

Voltam nove exilados

Mais dois exilados chegaram ao Brasil hoje. Só que de navio. Litz Benjamin Vieira e Rolando Frate desembarcaram, às 7 da manhã, do transatlântico Eugênio C. no porto de Santos. Frate foi banido com a primeira leva, trocada pelo embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick, em 1969, e desde então vive na Itália.

Moçambique. No dia 14, desembarca Carlos Minck. E dia 15 de dezembro retornam Sônia Mangabeira Unger, Cláudio Galeno Linares, Murilo Pinto Garcia e Bona Garcia, segundo informações do Comitê Brasileiro pela Anistia. No próximo domingo, é a vez de Flávio Koutzil, que esteve preso durante vários anos na Argentina e foi alvo de uma campanha internacional pela sua libertação, indo para Portugal.

Sábado, chega Samuel Aarão Reis, que vive em

Brizola acusa Simon

"Simon, traidor do Trabalhismo"; "Simon, Judas"; "Simon Silvério dos Reis". Essas eram algumas das pichações que apareceram, ontem, no percurso centro-aeroporto, em Porto Alegre, no dia da chegada de Leonel Brizola ao Rio Grande do Sul, depois das mal sucedidas negociações em Brasília e no Rio para obter o apoio parlamentar ao PTB. Brizola deu entrevista ainda na sala das autoridades do aeroporto, não poupando seu ex-aliado e agora rival gaúcho, Pedro Simon. Disse que, em 64,

deixou no Rio Grande um partido unido, que votou maciçamente em Simon. "Sua decisão de não ficar no PTB foi uma surpresa para mim, embora, alguns companheiros me houvessem advertido de que eu seria iludido na minha boa fé", disse Brizola. "Em Nova York, ele me disse que, extinto o MDB, ingressaria no PTB". O ex-governador declarou ainda que o sucedâneo do MDB "é um partido que não existe, não tem nome nem programa. É um partido que não tem futuro".

IPT-CESP assina, dia 11, contrato com Petrobrás

O contrato de risco entre a Petrobrás e o consórcio estadual IPT-CESP, que permitirá ao governo paulista procurar petróleo em São Paulo e na bacia do rio Paraná, será assinado na próxima terça-feira, dia 11. A data foi acertada, reservadamente, esta semana, entre os representantes da Petrobrás e do consórcio. Segundo informações de técnicos do setor, ontem, os termos do contrato são, basicamente, os que foram divulgados com exclusividade pelo JORNAL DA REPÚBLICA, na semana passada. A Petrobrás dará ao consórcio IPT-CESP 50% do valor do petróleo eventualmente encontrado. Mas a remuneração será dividida em duas partes: o consórcio receberá 37% do valor do petróleo encontrado, mais uma parte do lucro líquido da Petrobrás no empreendimento, até o limite de 13% do valor do óleo.

Agora DIA E NOITE NO AR

São Paulo

DIARIAMENTE

9:15 e 18:30

*(EXCETO ÀS 4ª E DOMINGOS)

Recife

Mais vôos DIRETOS para levar você à capital Pernambucana

O horário das 18:30 hs. oferece também conexões imediatas para Natal e Fortaleza.

VARIG
A maneira mais elegante de voar.

CARTAS

"Sr. redator:

Já foi um grande craque. Foi um zagueirão tamanho família que atuou no Corinthians, Vasco da Gama e Seleção Brasileira. Encerrada a carreira nos gramados, voltou à humilde vida operária e deu início paralelamente ao aprimoramento de seus dons mediúnicos, dentro da filosofia dos ritos de origem afro. Foi guindado à condição de babalorixá e fez a cabeça dos mais conhecidos babalorixás de São Paulo. O preâmbulo serve para colocar uma realidade sócio-religiosa. Recente estatística do IBGE acusa quase 35 milhões de pessoas no Brasil interessadas, direta ou indiretamente, aberta ou veladamente, nos coloridos e complicados rituais da umbanda e do candomblé. A imprensa do país passou a dedicar páginas inteiras ao assunto, colocando os aspectos positivos e negativos dessa explosão de fé cabocla, iniciada temerosamente no início do século.

Em torno do fenômeno campeia uma confusão muito grande por falta de uma codificação dos ritos e dogmas e por causa também de evidentes preconceitos daqueles que se julgam donos das verdades metafísicas. O candomblé, como se sabe, chegou ao Brasil através dos escravos africanos, donos de culturas-sambas. Antegama, roda de samba dilavada e era encardida em certa concentração de malandros e marginais, e que o digam os remanescentes de Ataúlfo Alves, Pinguinha, João da Baiana e outros luminares da mais autêntica tradição folclórico-musical deste país. Com o candomblé e posteriormente com a umbanda sincretizada no catolicismo aconteceu o mesmo.

Roda de samba e cerimônias de terreiros eram coisa de polícia, eram colocadas, ofensiva e racistamente, em termos de "coisa de negro". Mas a realidade dos fatos aí está: mais de 35 milhões de adeptos e 300 mil terreiros. Fações realistas da Igreja Católica, além de outras, não encontram mais argumentos para duvidar do pedigree dos caboclos, pretos-velhos, boiadeiros, marujos, crianças, Xangô, Ogum, Oxóssi, Iemanjá, Iansã ou Oxalá. Cálculos a longo prazo estimam que até o fim do presente século o contingente de seguidores dos orixás acusará a marca de 70 milhões. Já, o pai Já, argumenta: "Agora que aconteceu o estouro é preciso organizar". Que há muita mistificação é ponto pacífico. Que há muita bandalheira e exploração, também. Mas há um fato absolutamente irretorquível: o candomblé e a umbanda representam hoje uma força religiosa, social, política e mesmo econômica incontestável. Por que o povo deste país acorre aos terreiros com tal ímpeto? É só perguntar a ele, povo. Ninguém pode se sentir mal em ambientes apregoados como maus. As características étnicas do povo brasileiro são mais do que notórias. A maioria da população tem sangue africano. E quem decide é a maioria. Sempre importante sublinhar que as estrelas de David, de Belém, do Saravá, bem como a Caaba dos muçulmanos têm a mesma potencialidade sócio-religiosa e por isso mesmo devem merecer o mesmo apreço. A umbanda e o candomblé (ou a umbandombé, como colocam muitos) retratam uma realidade nacional. A codificação virá certamente. A triagem também. O respeito, idem."

Alexandre Kadunc, SP

CAULOS



Um caso de comunicação

Dos episódios de Florianópolis o governo tirou, pelos menos até agora, uma das inúmeras e importantes lições que ele comporta. Lamentável que tivesse sido necessário o tumulto da até então tranqüila capital catarinense para que o presidente da República se desse conta das graves falhas do serviço de comunicação social que ele próprio montou após a sua posse, atribuindo ao mesmo tanta importância que lhe deu nível ministerial. Já adquiriu foros de axioma o conceito de que a comunicação social são os nervos de um governo. Ela não é simples agência difusora de notícias. É, antes de tudo, a grande antena dos governantes. Como uma espécie de radar, tem como função básica captar os sinais emitidos pelo sentimento popular. No desempenho desse papel, erros cometidos até por pura inadvertência a comunicação social permite sejam evitados. No caso de Florianópolis, o fracasso do sistema de comunicação governamental começou com a ignorância dos resíduos, antigos mas vivos, da hostilidade do povo catarinense ao consolidador da República. Os atos de total insensibilidade ali cometidos por Moreira César, em nome do Marechal Floriano, indispueram a sensibilidade catarinense contra o sucessor de Deodoro. Não advertido pelo seu serviço de comuni-

cação social, o presidente Figueiredo fez a sua visita a Florianópolis ser precedida de uma placa homenageando Floriano. Em termos de psicologia coletiva, em termos psicossociais como é de uso hoje dizer-se, a doação daquela placa lançou os germes da irritação popular contra o presidente. Uma gafe acabou dando origem a um episódio deprimente para todos que nele se envolveram. Abrindo agora o I Seminário Nacional do Sistema de Comunicação Social do Poder Executivo, promovido pela Secom, o presidente da República deixou, no discurso que ali pronunciou, patente o seu descontentamento com o esquema que ele próprio criou. E reclamou a implantação de uma nova filosofia de comunicação do governo com a sociedade. Quer unidade nesse sistema, de forma que passe a haver coordenação nos pronunciamentos governamentais sobre os grandes problemas nacionais. A Secom precisa instrumentalizar, de forma coerente e limpa, a informação que o governo deve ao país. Nisto, o presidente tem inteira razão. Ele criou um serviço para esclarecer, com informações corretas à sociedade, e não para dificultar a compreensão nacional dos problemas do país. Mas, antes da Secom cumprir esse dever de sucessora de Deodoro, é preciso que as autoridades de entesimem opiniões não o façam na base de livres atiradores. A unidade da comunicação deriva da unidade de pensamento no seio do governo. E esta está reduzida a frangalhos. Problemas como, por exemplo, o do petróleo não podem chegar ao povo cavalgando declarações oficiais divergentes. Com isso, desorienta-se a nação, e a imagem do governo sofre desgaste irreparável.

Exemplo vivo desse estado de entesimem acaba de ser dado em cima da declaração presidencial contida no discurso de instalação do seminário ora em curso em Brasília. Enquanto o presidente exigiu coordenação nas atividades da Secom, o sr. Said Farhat, ministro da Comunicação Social, em discurso feito na mesma solenidade, insurgiu-se contra a centralização reclamada pelo chefe do governo. A discrepância entre o pensamento do presidente e o pensamento do seu ministro é indistigável. Coordenação é ato de harmonizar partes divergentes. Nesse sentido coordenação e centralização são equivalentes: centralizar é integrar, é promover a harmonia, a unidade de partes desajustadas. Isto posto, temos que o que o presidente quer, o ministro não quer. Um governo desentendido consigo mesmo não se entende com a sociedade.

Desaprovação, coragem e bravata

A capital paulista recebe hoje o presidente da República, em sua primeira visita depois dos lamentáveis acontecimentos de Florianópolis. Natural é o eventualismo reinante, que prevê a eventualidade de novas provocações, irrefletidamente organizadas com propósitos desmoralizatórios. Espera-se que nada aconteça que autorize as sombrias conjecturas: a população de São Paulo sabe, depois de longa e madura experiência histórica, distinguir o desgastado da afronta pessoal, que, no caso, atinge menos um homem do que a dignidade do mais alto cargo que a nação confia transitoriamente a alguém. Confia-o com a mútua hipoteca de respeitá-lo e ser respeitado. Se o governo não satisfaz as expectativas do desempenho das demandas populares, há meios regulares para demonstrar o desgastado, entre todos o mais qualificado o das eleições. Justo também que negue o aplauso quando o aplauso não se justifique. Todos os governos, ainda os mais democráticos, são forçados a tomar medidas que não são do agrado geral, mas com resultados que as aprovam mais tarde. A via de hoje pode ser a consagração de amanhã. Por isso não se entende a preocupação de cortejar a popularidade, certo que esta passa e não é a medida que define um bom governo. Dentro da austeridade que deve caracterizar um chefe de Estado se compreende o entendimento dessas ondas de insatisfação e de luvor. Diante da desaprovação, o governo, particularmente o seu chefe, se comportará com serenidade, que é, no caso, a maneira de demonstrar coragem e superioridade. Acima da coragem existe, na escala das qualidades humanas, a temeridade, que, por ser um exagero, é viciosa, confundindo-se à bravata, que é o desafio e a provocação em sentido inverso.

PRIMO FIGUEIREDO

Basta de palavões!
O criolêu de Florianópolis soltou para o presidente um sonoro FDP!

Ai o governo, que devia se dar o respeito e não se abaixar tanto, respondeu com outro palavrão muito mais cabeludo: LSN!

Vamos lavar estas bocas com sabão, ai?

Henzil

Repórteres não são manifestantes

Quando os governantes neste país vão entender que repórteres, no desempenho de suas atividades, as quais correspondem ao dever de informar, não são manifestantes políticos? Onde há manifestações populares, contra governantes ou a favor de governantes, eles têm de estar presentes, no mais legítimo dos sentidos: o profissional. Não entende assim o governo de Santa Catarina. Estudantes de Florianópolis forçados à praça pública, num ato que, pelo seu caráter pacífico, contrastou com os episódios de há uma semana. Jogou na rua a sua PM, mobilizada como se a cidade estivesse em estado de guerra. E a transformou em palco de inaudita violência. A pancadaria veio grossa e estúpida, atingindo inclusive jornalistas, entre os quais um repórter do JORNAL DA REPÚBLICA. Contra a bestialidade policial, nosso veemente protesto.

O súbito despertar do ministro

O ministro das Minas e Energia, César Cals, declarou no Recife que a situação energética brasileira é dramática, já que "estamos no auge de uma crise de petróleo e por que não dizer de uma síndrome nuclear em face do acidente em Three Mile Island, nos Estados Unidos". A crise já havia chegado aos consumidores, há algum tempo, com aumentos sucessivos e uma ameaça de racionamento, culminando com a extraordinária alteração dos preços dos derivados do petróleo, na semana passada. Há seis anos o mundo se debate com o aflitivo problema, que cada dia mais se agrava, sem que nenhuma solução esteja à vista. O ministro do Planejamento também fez uma viagem ao Oriente Médio, empreendida para assegurar o abastecimento ao país aos preços correntes da OPEP, que até então não estava certo. Provisões de tanto tempo, de tantas providências, de advertências vindas de todo o mundo, chegou a vez do ministro das Minas e Energia despertar para os fatos e reconhecer que eles são alarmantes. Descobriu o sr. César Cals, depois que tudo se tornou notório, a verdade, só para ele oculta: que as coisas vão mal no setor do petróleo e, de quebra, no programa nuclear.

A tardia tomada de consciência ministerial sugere que as velhas terapias foram caluniadas de ineficientes. Elas dão magníficos resultados ainda que utilizados sem plano e sem previsão. Florianópolis, com o seu incômodo cortejo de consequências, bem que podia, em lugar de denominar uma cidade, qualificar um meio de cura. O esquema é o mesmo de uma terapia conhecida, mas em desuso, a terapia do choque. Não vai mal o remédio. O laboratório está montado: a repartição incumbida da energia será a mesma que administrará o tratamento.

Não foi vingança do imperador descendo do trono

Mistérios do Sistema

MOACIR WERNECK DE CASTRO

Os analistas políticos ainda não conseguiram discernir, nas entranhas do Sistema, a linha mestra que tem decidido a escolha dos nomes para a Presidência da República. Uma regra não escrita é a exigência das quatro estrelas. Outra, a rotatividade no cargo. Mas o critério da eleição propriamente dita nunca obedeceu a uma sistemática que se conhecesse. Quanto à seleção entre os presidenciais, prevaleceu a certa altura a prática dos votos colhidos nos altos escalões da hierarquia militar. Em outra sucessão, o fator decisivo foram os laços de parentesco entre um dos pretendentes e o general que ocupava eventualmente a pasta do Exército. Mas a aprovação de um nome não se prendia a determinadas qualidades específicas: ora se tratava de um *trouper* bafejado pela popularidade na caserna, ora de um chefe militar com alguma experiência administrativa.

De qualquer forma, a influência do presidente cessante sempre foi elemento de peso na escolha do seu sucessor e sua ulterior aceitação pelo núcleo político do Sistema. Que a preferência do general Geisel tenha sido dominante nessa escolha é coisa que não parece dúvida. Basta recordar aquele estranho lançamento palaciano de julho de 1977, via Humberto Barreto, seguido de negações que culminariam com a espetacular confirmação nos primeiros dias do ano passado. Geisel afinal comunicava à Arena a indicação do general João Baptista Figueiredo, citando-lhe sumariamente as credenciais: 1) nome consagrado dentro das Forças Armadas; 2) revolucionário da primeira hora; 3) homem de sentido altamente humano e larga experiência.

Poucas vezes se viu na história política do país a presença tão avassaladora de uma personalidade imperial, majestática, um tão poderoso vinco de autocracia na condução dos negócios públicos. Para os olhos atônitos dos observadores da planície, o general Geisel se alocou naquele momento às alturas mais vertiginosas do poder. No seu impenetrável hieratismo, ele parecia a própria encarnação de um Sistema fechado em si mesmo.

Creio que por longo tempo há de constituir um mistério para os historiadores a questão de saber por que esse Kaiser decidiu escolher para seu Kronprinz um general cuja personalidade era exatamente o contrário da sua. Pelo gosto da dialética hege-

liana é que não há de ter sido. O prussiano Geisel deve ser mais chegado ao imperativo categórico de Kant. Mas o fato é que o general Figueiredo assumiu o cargo num festival de antíteses. Com ele, mudava o estilo de governo, mudava a adjetivação da democracia, mudava a própria imagem do chefe de Estado. Seria agora um governante aberto e franco, dado a tomar cafezinhos e a beijar crianças, disposto a submeter-se aos mais inéditos testes de popularidade na rua. Ao lado de Geisel, Figueiredo era um militar carrancudo - por instâncias do cargo, segundo diria depois. Uma vez na Presidência, deixou que fossem as suas características de homem comunicativo.

Mas em vão. Faltava o clima propício. Os incidentes de Florianópolis deram a plena medida do equívoco em que caíram os arquitetos do esquema e sua maior vítima, o próprio presidente. O figurino populista teria possibilidades de êxito numa outra situação, em que o povo brasileiro, vivendo sem maiores cuidados, pudesse dar expansão aos seus instintos lúdicos. Infelizmente, atravésamos um momento carregado de apreensões e amarguras, onde, na verdade, ninguém está para brincadeiras. Ou melhor, está todo mundo achando que brincadeira tem hora. As tremendas dificuldades que afligem a vida do povo somam-se as insatisfações decorrentes de uma democratização fajuta, marcada pelo vício da tutela, pelo vezo dos pacotes, pelo ranço do autoritarismo.

Terá essa reversão das expectativas entrado nos cálculos do Sistema ao endossar a indicação feita por Geisel? Que achará disso o próprio Geisel?

Tão cedo não saberemos. No vale-tudo da especulação, entretanto, se poderia chegar à pergunta: e se tivesse sido de propósito? *Horresco referens!* - como diria o Jânio Quadros. Mas, curiosamente, algumas coisas se passam como se assim fosse. Deixemos, porém, de lado essa maldosa hipótese de uma bomba de ação retardada posta nas mãos inexpertas do general Figueiredo. Não, não foi nenhuma vingança de imperador descendo do trono a contragosto. Foi simplesmente um grande abacaxi não previsto pelos estrategistas do Sistema, superados pela realidade nacional e mundial.

Moacir Werneck de Castro é jornalista

Os sindicatos devem abandonar a defensiva e formar uma plataforma

O planalto dos homens

PAULO SANDRONI

A viagem do ministro do Planejamento ao Oriente Médio serviu, pelo menos, para confirmar que o vendaval inflacionário ainda não atingiu seu ponto máximo. Na semana passada, a tradicional tônica otimista dos homens do planalto foi substituída por uma salada de declarações contraditórias sobre racionamento e inflação, evocando épocas que antecederam reformas ministeriais.

Apesar disso, todas coincidem: os gastos com as importações de petróleo durante 1980 aumentarão no mínimo em 40% (em termos reais). Eis aí o "êxito" da missão de Delfim Netto, pois se a fúria de Alá nos condenasse ao mercado livre o aumento seria muito maior. As exigências de nossos fornecedores, principalmente no campo político-diplomático, devem ter sido duras. Mas os homens do planalto têm como pagar esse tipo de dívida, embora hipotecando a flexibilidade e comprometendo o futuro de nossa política externa.

O que eles não podem é impedir que os preços dos derivados do petróleo disparem, acelerando o aumento do custo de vida. Na melhor das hipóteses, os preços internos dos combustíveis aumentarão de acordo com os reajustes determinados pela OPEP, impactando o conjunto da economia.

Infelizmente, existem outras pressões inflacionárias. Por exemplo, a originada na redução/eliminação dos subsídios ao consumidor, em nome do equilíbrio orçamentário. O descomunal aumento das tarifas de energia elétrica é uma consequência dessa política; o futuro aumento do preço do pão, resultante da segura eliminação do subsídio ao trigo, outra.

Mesmo que as próximas safras sejam satisfatórias, em 1980 a evolução do aumento do custo de vida poderá apresentar índices inclusive mais elevados do que em 1979. Nisso reside a debilidade

dos homens do planalto. Embora a reformulação partidária tenha desorganizado a oposição parlamentar (pelo menos a curto prazo), o que eles mais temem é galopar por muito tempo no cavalo da inflação, pois é inevitável que na planície as tensões e a efervescência aumentem ameaçadoramente.

Não é de estranhar, portanto, a manobra para dividir e neutralizar o movimento sindical, pois na planície este último representa, potencial e efetivamente, o mais importante segmento de oposição ao regime e ao governo do general Figueiredo.

A tática consiste em bloquear a autonomia que começa a se desenvolver no movimento sindical, uma vez que ela atenta contra o êxito da política econômica (reajustes "exorbitantes") e contra a estabilidade do "proprío governo", pois as greves espaciais o clima mais favorável para a explosão das massas empobrecidas (inclusive pequeno-burguesas) sem representação sindical ou parlamentar. A repressão horizontal e vertical necessária para conter a fúria liberada dos homens da planície é incompatível com o projeto, até agora bem-sucedido, de transição para uma democracia "cooptada", como diz o Weyffort.

Para o movimento sindical, negociar (impedindo a divisão e neutralização) é um passo delicado e difícil, porém ineludível: não há melhor alternativa para traduzir sua acumulação de forças em posições menos precárias e vulneráveis nos enfrentamentos com os patrões e com o próprio governo.

Sem dúvida, a forma mais conveniente de fazê-lo é abandonando a defensiva (e a diplomacia secreta) e confectionando, depois de ampla discussão e consulta às bases, uma plataforma de luta, norteadora de qualquer conversação ou negociação com os homens do planalto.

Paulo Sandroni é economista

República

DIRETOR-PRESIDENTE
Raymundo Faoro
EDITOR-CHEFE
Mino Carta
CONSELHO DE DIREÇÃO
Armando V. Salem,
Cláudio Abramo,
Fernando Sandcival
Hélio de Almeida, Mino Carta
Raymundo Faoro,
Tão Gomes Pinto
DIRETOR RESPONSÁVEL
Armando V. Salem
ENCONTRO EDITORIAL LTDA.
DIRETORES
Armando V. Salem
Fernando Sandcival
Mino Carta
Raymundo Faoro
Tão Gomes Pinto

SÃO PAULO
Redação, Administração e Publicidade:
Rua da Consolação, 293, 8º ao 12º andar
Telefones: 258-6699, 258-8244,
257-0099 (Publicidade)
Caixa Postal: 22.185
End. Telegráfico:
EDITRÉS (CEP 01310 - São Paulo-SP)
Sucursal BRASÍLIA (DF):
SRTN - Edifícios Brasília Rádio Center,
Salas 3060/61 Fones: 225-9296 /
225-8396 / 224-6873
SUCURSAL RIO DE JANEIRO (RJ):
Av. Almirante Barroso, 63
cont. 801 a 805
Fone: 242-2020
Impressa na S.A. Diário da Noite
VENDA AVULSA
São Paulo Cr\$ 10,00
Rio de Janeiro Cr\$ 12,00
Barto Alegre, Florianópolis,
Curitiba, Belo Horizonte e
Brasília Cr\$ 14,30
Salvador, Recife e
Fortaleza Cr\$ 15,00
Demais cidades Cr\$ 16,00

DIA A DIA

Previsível, mas um mau sinal

Pelas páginas do Pravda, a União Soviética acusou os Estados Unidos, entre outras coisas, de estarem fazendo «chantagem» com o Irã, em virtude da presença dos navios americanos nas proximidades do Golfo Pérsico. Os Estados Unidos responderam de imediato: segundo a Casa Branca, a União Soviética estaria adotando uma atitude «ambígua» na atual crise iraniano-americana. Ao mesmo tempo, a URSS vota no Conselho de Segurança da ONU em favor da libertação dos reféns americanos e dispara críticas contra os Estados Unidos.

Pela primeira vez, na crise já velha de um mês, surge uma polémica paralela entre as duas superpotências. Não faltou inclusive a convocação do embaixador soviético em Washington, Anatole Dobrynin, por parte do secretário de Estado Cyrus Vance. Na verdade, era mais que esperado que acabasse por pipocar uma controvérsia entre Moscou e Washington, tendo como pano de fundo a crise de Teerã. Mas não deixa de ser um mau sinal a mais.

Xá deu calote no hospital Cornell

O ex-xá Mohammad Reza Pahlavi deixou o hospital Cornell, de Nova York, no último domingo, sem pagar a conta. Segundo o jornal Daily News, ele deve 50 mil dólares. O banqueiro David Rockefeller, presidente do Chase Manhattan Bank e amigo do xá, que segundo a direção do hospital era seu fiador, negou ontem qualquer responsabilidade no caso. A diária da suíte que Pahlavi ocupou durante seis semanas no Cornell é de 859 dólares, algo como 27 mil cruzeiros.

Um filme sobre o caso Chappaquidick

O filme de estréia do diretor de cinema americano Glenn Stensel certamente terá grande repercussão — se não junto à crítica especializada, pelo menos nas colunas políticas. Para iniciar sua carreira nos longa metragem, Stensel escolheu como tema o até hoje mal explicado acidente ocorrido em 1969 com o senador Edward Kennedy e sua secretária Mary Jo Kopechne. O carro em que os dois viajavam caiu de uma ponte, nas águas da ilha de Chappaquidick. O

senador fugiu e Mary Jo morreu. O filme, que inevitavelmente se chamará «Chappaquidick», está sendo rodado na Califórnia e começará a ser exibido no próximo verão, ou seja, no auge da campanha presidencial, quando Edward Kennedy estiver disputando as preferências da Convenção Democrática com o presidente Jimmy Carter. Stensel diz que não sabe se seu filme será considerado pró ou anti-Kennedy. Ele garante que se limitará a apresentar na tela «a evidência dos fatos».

PS chileno quer acordo com DC e PC

O Partido Socialista do Chile acaba de relançar o projeto de um «acordo democrático» entre as grandes forças da oposição, para viabilizar politicamente a luta contra a ditadura do general Augusto Pinochet e devolver o país ao regime democrático. Nesse acordo participariam, além do próprio PS, o Partido Demócrata Cristiano do ex-presidente Eduardo Frei e o Partido Comunista.

Apresentada pelo menos duas vezes nos últimos quatro anos o mesmo projeto esbarrou na recusa dos demócratas-cristãos em se aproximarem do PC.

RODÉSIA/ZIMBABWE

Enfim, chega-se a um acordo

FERNANDO PACHECO JORDÃO, de Londres

Finalmente à vista a paz na Rodésia, depois de sete anos de guerra e treze semanas de negociações difíceis em Londres. Vitória da diplomacia Britânica, vitória dos líderes guerrilheiros da Frente Patriótica, — que demonstraram uma habilidade talvez inesperada para os ingleses. Derrota do bispo negro Abel Muzorewa, primeiro-ministro de um governo de espúria aliança com a mesma minoria branca, que há catorze anos decretara a independência da colônia para tentar manter sua supremacia. Derrota dos racistas de Salisbury, que tentavam preservar-se com a ajuda do bispo e — a não ser que os ingleses sejam incapazes de controlar a situação — derrota do Regime racista da África do Sul.

O acordo sobre o futuro de Zimbabwe-Rodésia foi anunciado ontem pelo chanceler britânico, Lord Carrington, depois de uma maratona de cinco dias consecutivos de conferências com os líderes da Frente Patriótica, Joshua Nkomo e Robert Mugabe. «Acredito que se tenha alcançado a paz», disse Carrington. A maior parte das questões constitucionais foi acertada entre Carrington e os líderes guerrilheiros. Faltam apenas alguns detalhes com relação à implementação do cessar-fogo que imediatamente será imposto ao país. O acordo desses detalhes não demorará muito, porém. Coisa de dois ou três dias, segundo Carrington.

Daqui para a frente, segundo o acordo, cabe aos ingleses reassumir suas responsabilidades na Rodésia, para administrar a independência de sua colônia. Pelo projeto que o governo conservador já enviou ao Parlamento britânico, será nomeado um governador do território, que, além de poderes administrativos, assumirá também o comando de todas as forças militares.

Não se sabe ao certo quantos soldados e pilotos sul-africanos estão colaborando com o Exército rode-

siano. Mas é certo que a tarefa mais espinhosa do governador britânico será forçá-los à retirada ou, na pior das hipóteses, à inatividade. Sem isso, o acordo de cessar-fogo finalmente alcançado não será mais que um pedaço de papel, sem valor prático. Nos últimos dias, as dificuldades que surgiram, retardando um acordo, pareciam todas relacionadas com a presença das tropas sul-africanas. Mas, como o JORNAL DA REPÚBLICA informou de Londres, não havia outros empecilhos que pudessem tornar a paz impossível. Indícios fortes de acordo iminente tinham sido as conversações de fim de semana entre os presidentes Kenneth Kaunda, de Zâmbia, e Samora Machel, de Moçambique, já acertando os detalhes para a fiscalização dos termos do cessar-fogo em suas fronteiras com a Rodésia.

O acordo de Londres é uma vitória diplomática importante para o governo conservador, que teve o bom senso de ajustar-se à realidade política, depois de alguns destemperos da primeira-ministra Margaret Thatcher, logo após sua posse, quase pondo a perder as delicadas negociações iniciais com os líderes guerrilheiros da Frente Patriótica. Desde então, ela recuou em vários pontos. O mais importante foi a concordância com a realização de novas eleições — foi quando Muzorewa sentiu que ia perder a batalha — e o fim do governo de vida curta e pouco fôlego político do bispo e seus aliados brancos. Agora, assumem os ingleses, para administrar a transição para a independência, inclusive as novas eleições, previstas para o começo do ano. Se a Frente Patriótica tiver condições de conduzir livremente sua campanha e vencer as eleições, será a primeira vez que guerrilheiros conquistam posições pelas armas, mas lutam pelo voto na mesa de negociações e chegam ao governo pelas urnas. Very Peculiar, como dizem os ingleses.

Lynch deixa o governo da República da Irlanda

O primeiro-ministro da República da Irlanda, Jack Lynch, anunciou ontem que vai renunciar ao cargo e pediu ao seu partido, o Fianna Fail, para convocar imediatamente uma reunião na qual será escolhido seu sucessor. Lynch, de 62 anos, decidiu renunciar para evitar que o partido sofra uma grave derrota nas eleições gerais marcadas para 1982. Ele comunicou sua decisão aos seus correligionários numa reunião convocada especialmente para discutir os recentes reveses eleitorais do governo, em dois pleitos regionais, um dos quais no próprio distrito eleitoral do primeiro-ministro.

Em Londres, afirma-se que pouca coisa deverá mudar nas relações entre o governo britânico e o da República da Irlanda. Lynch, um velho político, que ocupou pela primeira vez a chefia do governo em 1966, deverá ser substituído por um político mais jovem. Ultimamente ele vinha sendo alvo de algumas críticas devido a acordos secretos que assinou com a Inglaterra sobre a segurança da fronteira entre o seu país e a conturbada Irlanda do Norte. Seu partido não se opõe ao espírito, apenas à forma do acordo, que tem por objetivo impedir que militantes do IRA (Exército Republicano Irlandês) usem o território da República da Irlanda como base em suas ações contra as tropas britânicas acantonadas na Irlanda do Norte.

Os principais aspirantes a sucessão de Lynch são o vice-primeiro-ministro George Colley e o ministro da Saúde, Charles Haughey. O primeiro segue a política de linha dura de Lynch em relação ao IRA e o segundo já foi afastado uma vez do ministério, em 1970, acusado de colaborar com os guerrilheiros católicos da Irlanda do Norte.

ISRAEL

Libertado o prefeito. Vitória palestina

SERGE AKIM, de Jerusalém

É possível que o súbito despertar de consciência para a monumental gafe que estava cometendo, e que poderia vir-lhe a custar muito caro politicamente, tenha induzido as autoridades israelenses a libertar, ontem, o prefeito de Nablus, Bassam Sha'Ala, anulando ainda o decreto de deportação que pesava contra aquele que é um dos mais influentes líderes palestinos da Cisjordânia ocupada. O «caso Sha'Ala», como acabou ficando conhecido, teve sua origem há pouco mais de três semanas, quando «alguém», pertencente aos quadros administrativos da ocupação militar israelense da Cisjordânia, transmitiu à imprensa de Tel-aviv detalhes incompletos — e incorretos — de uma conversa privada que havia sido mantida entre o prefeito de Nablus e um general israelense.

Segundo essa versão distorcida, o prefeito Sha'Ala era acusado de haver endossado as ações terroristas perpetradas por organizações palestinas contra Israel. Como era de se esperar, a publicação dessa notícia acabou levantando uma onda de furor entre a opinião pública e os meios políticos israelenses que passaram a exigir a cabeça do prefeito de Nablus em meio a manifestações que raivavam os paroxismos da histeria. Assim, Bassam

Sha'Ala passou a ser «legalmente» acusado de «incitação à violência», ao mesmo tempo em que as autoridades israelenses promulgavam um decreto determinando a sua deportação para a vizinha Jordânia.

O prefeito foi recolhido a uma prisão militar, enquanto a Justiça israelense examinava o apelo impetrado por sua esposa, que, afinal, comandou uma campanha pública nos territórios ocupados em favor de sua libertação, chegando inclusive a empreender uma greve de fome. Ao mesmo tempo, todos os prefeitos da Cisjordânia e a maioria dos da faixa de Gaza renunciavam em solidariedade ao seu colega de Nablus, enquanto greves e distúrbios populares eclodiam nas principais cidades dos territórios ocupados por Israel.

Posteriormente, entretanto, ficou claro que o prefeito não havia feito a «apologia do terror», conforme pretendiam os seus acusadores. Outras alegações assacadas contra ele, por parte de «fontes oficiais», não chegaram tampouco a ser publicamente substantiadas. Diz-se, entre outras coisas, que o prefeito era «associado à Organização de Libertação da Palestina», e que era «um dos organizadores de ações ilegais contra os israelenses».

Segundo o governador militar da Cisjordânia ocu-

pada, general Bem-Eliezer, que anunciou a libertação de Sha'Ala, a ordem de deportação contra o prefeito de Nablus «estava muito bem fundamentada nos interesses de segurança de Israel». Malgrado isso, as autoridades israelenses resolveram cancelar o decreto de expulsão. Por que? Ora, além da gafe, Jerusalém temia: 1) — a degradação de suas relações com Washington, em consequência do «affaire Sha'Ala»; 2) o comprometimento das negociações com o Egito, sobre a «autonomia palestina»; e 3) a degeneração da situação nos territórios ocupados, onde era possível um agudo recrudescimento dos distúrbios em protesto pela prisão e eventual deportação do prefeito. Vale dizer que, justamente em consequência do «caso Sha'Ala», o prestígio e a autoridade da Organização de Libertação da Palestina terão conhecido níveis sem precedentes nos territórios ocupados. Foi da OLP, com efeito, que partiu, desde Beirute, a palavra de ordem no comando às manifestações de repúdio à ação do ocupante israelense. E nesse sentido, portanto, que a libertação de Bassam Sha'Ala deve ser interpretada, em termos políticos, como uma vitória de marca da causa palestina, jamais tão coesa como foi vista durante este episódio.

ARGENTINA

Caminho da Casa Rosada livre para o general Viola

JOSE MARIA PASQUINI DURAN, de Buenos Aires

Os analistas têm dificuldades para classificar politicamente os chefes militares. Todos eles vêm de uma experiência limítima, a da «guerra anti-subversiva», na qual muitas normas foram transgredidas e certas fronteiras ficaram menos nítidas — inclusive as que delimitavam etiquetas tradicionais como «duro» e «brando» ou «constitucionalista» e «golpista». Mesmo assim, não é difícil apreciar as atuais promoções aos postos de comando no Exército, a começar pela designação do general Leopoldo Galtieri para chefia da força de terra, centro do poder político na Argentina, anunciada há dois dias.

Até meados deste ano, os altos chefes militares argentinos tinham inimigos em comum e não existiam fissuras entre eles. As diferenças apareceram quando alguns anunciaram que a guerra contra a subversão estava concluída, ao passo que outros se negaram a abandonar o campo de batalha, porque ainda não tinham exterminado todos os inimigos.

Entre os que se negaram a aceitar a «paz», estava por exemplo, o ex-comandante do Terceiro Corpo do Exército, o

general Luciano Menendes, que em setembro passado se rebelou contra o comandante do Exército, general Roberto Viola. Nesta ocasião o general Galtieri se colocou ao lado de Viola, de quem se declarava amigo. A esta altura, já se sabia que Galtieri estava destinado a ocupar o primeiro lugar para a sucessão de Viola. Galtieri que passará em breve a integrar a junta do governo, é um engenheiro militar de 53 anos de idade, com passagens pelas academias da Zona do Canal do Panamá e dos Estados Unidos.

Viola poderá retirar-se tranquilo, no início do ano que vem, após permanecer dezoito meses no posto de comandante. Ele não apenas deixa Galtieri em seu lugar; todos os demais membros do Alto Comando que escolheu são «palomas», ou seja, moderados. E essa é a garantia maior com que Viola conta para chegar à Casa Rosada em março de 1981.

O «futuro presidente», como ele já é chamado por muitos, é um homem moderado nos seus hábitos, exceto em relação ao cigarro. Fuma vários maços por dia. Amigo de vários líderes políticos,

principalmente peronistas e radicais, nesses últimos três anos e meio Viola cultivou a amizade de vários dirigentes sindicais peronistas que hoje o consideram como «aliado». Certamente agora ele terá tempo e liberdade para conversar com esses líderes. Nessas conversas, Viola certamente vai convencer muitos a respeito da necessidade de se marchar em direção a uma «convergência civico-militar», por enquanto ainda não aceita pela grande maioria dos políticos tradicionais.

O novo comandante do Exército, por sua vez, também cultivou amizades políticas, principalmente nos últimos oito meses, quando sua projeção em direção à cúpula começou a se delinear de maneira cada vez mais nítida. Durante a «guerra anti-subversiva», ele dirigiu as operações no Segundo Corpo do Exército, sediado em Rosário, uma das regiões onde a luta foi mais dura. Trata-se, assim, de um «homem do processo». Quanto a suas opiniões políticas, em junho passado, ele declarou à imprensa que é a favor de que «se vá incrementando a participação dos civis nos assuntos públicos».

Argentina: 16 morrem no incêndio da boate

Às 5h20 da madrugada de ontem, o pânico tomou conta da boate Rilke II, na cidade argentina de Rosário, às margens do rio Paraná. O local estava lotado quando foi dado o alarme de incêndio. «Fogo», gritou um dos frequentadores e imediatamente todos se precipitaram para a única e estreita porta de saída.

A maioria das pessoas conseguiu deixar a boate antes que as chamas e a fumaça impedissem a fuga. Os bombeiros chegaram logo, mas levaram duas horas para apagar o incêndio. Quando conseguiram entrar no que restava da boate, encontraram os corpos calcinados de cinco mulheres e onze homens. Havia, ainda, do lado de fora, feridos, todos com queimaduras graves.

Bolívia: protesto nas ruas contra alta de preços

Na manhã de ontem, dezenas de manifestantes ergueram barricadas em La Paz e enfrentaram a polícia boliviana a pedradas. Os manifestantes protestavam contra as medidas econômicas adotadas pelo novo governo constitucional da presidenta Lydia Gueiler, que provocaram uma forte alta do custo de vida.

Os ônibus deixaram de circular pelos bairros operários da capital boliviana, para evitar possíveis depredações. Juan Lechin, líder da poderosa Central Operária Bolívia (COB), proclamara na terça-feira à noite num discurso perante cinquenta mil trabalhadores, que o governo atual não passa de uma repetição dos regimes militares dos últimos anos. Setores do Exército disseram ontem que não pretendem interferir no conflito.

Nicarágua: remanejamento no governo sandinista

Todos os ministros da Nicarágua renunciaram ontem a seus cargos para que a junta revolucionária que governa o país possa «agir livremente» na reformulação do gabinete. A renúncia coletiva foi divulgada num comunicado de dois parágrafos, assinado pelo secretário da junta, Emílio Ballónado. O ministro da Reforma Agrária, Jaime Wheelock, que se encontra em visita à Cidade do México considerou as renúncias um procedimento normal e negou qualquer conotação política ao acontecimento.

Explicou que se trata de mera questão administrativa que tem por objetivo facilitar as coisas para a junta que será obrigada a efetuar um remanejamento nos altos escalões do governo. Isso porque «em 1980 será executado um plano para reativar a economia».

Hoje, 6 de dezembro, é dia da Paulista completar 1.000.000 de consumidores.



Veja bem, 1.000.000 de consumidores!

A cidade de São Simão, no interior de São Paulo, inaugura neste momento o Centro de Lazer da Prefeitura. É um acontecimento importante para a população da cidade. Para a CPFL, então, nem se fala. Ali está nada menos do que o milionésimo consumidor ligado pela Companhia Paulista de Força e Luz. A CESP Companhia Energética de São Paulo, de quem a CPFL é

subsidiária desde 1975, está presente neste evento. Ela gera a energia que chega a São Simão pelas mãos da Paulista. A nossa produção de energia hidrelétrica vem aumentando em torno de 25% ao ano. E a CPFL, num trabalho conjunto, estreitamente ligado ao da CESP, tem levado uma parte desta energia produzida para toda sua área de

concessão — o interior mais desenvolvido do Brasil. Assim, a maior produtora de energia hidrelétrica do País vai levando uma vida nova para cada pessoa, através de uma das maiores empresas brasileiras de distribuição. É a meta comum: energia para todos os consumidores. Até o próximo milhão.





DELFIN NETTO E CHACEL
Do acerto de ponteiros, surgem os índices governamentais

CONFIRMAÇÃO

Inflação oficial será de 75% a 76% em 1979

MADALENA RODRIGUES e ALOYSIO BIONDI

Após reunir-se em Brasília com o ministro do Planejamento, Delfim Netto, o presidente do IBRE - Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, Julien Chacel, anunciou que a inflação no mês de novembro deverá situar-se entre 5,5 e 6%, e a de dezembro entre 6 e 7%. Com isso, segundo os seus cálculos, o ano de 1979 fechará com uma taxa inflacionária de 75 a 76%. Chacel procurou afastar qualquer insinuação de um «acerto» com o Ministério do Planejamento, para chegar a esses resultados, rebatendo, por exemplo, as críticas que o ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, fizera na véspera ao «expurgo» que a Fundação vem aplicando em seus índices, desde setembro. Para Simonsen, esse «expurgo» vem sendo excessivo, já que, além do petróleo, também as altas de outros produtos, sobretudo alimentos, vêm sendo colocadas de lado pela FGV, sob a alegação de «acidentalidade», isto é, altas provocadas por imprevistos.

«A crítica de Simonsen não se dirigiu a Delfim e sim a mim», disse ele, assumindo a responsabilidade pela decisão, sob alegados fundamentos técnicos, de realizar o expurgo. Mas o acerto de ponteiros, isto é, a decisão conjunta de «administrar» os índices, ficou claro através de dois pontos. Em primeiro lugar, na véspera, Chacel admitira, no Rio — e suas declarações foram registradas pelos jornais de ontem — que a inflação de 7,5% para novembro, estimada por algumas fontes, era «muito exagerada», para adiantar que «estamos corrigindo o índice para ficar entre 6 e 6,5%». Um dia depois, isto é, ontem, o presidente do IBRE reviu esses números para 5,5 a 6%. Além disso, Chacel procurou justificar a inflação de dezembro afirmando que os 6 a 7% se deveriam a um fato: o preço do petróleo comprado pela Petrobrás vinha subindo há meses, e nos cálculos dos índices a FGV estava usando o preço velho. Agora, vai usar o preço novo, isto é, real, em dezembro.

Simonsen contra «expurgo»

RICARDO BUENO, do Rio

«A correção monetária não é uma invenção brasileira. Foi proposta por um economista inglês em 1807. E a Correção brasileira deveria ser mudada, daqui a algum tempo, quando a inflação cair significativamente». A tese é do ex-ministro do Planejamento, Mário Henrique Simonsen, que a apresentou no Seminário sobre Problemas Brasileiros que está sendo promovido pela Fundação Getúlio Vargas, no Rio.

Como mudar? A sugestão de Simonsen, baseada em idéias lançadas pelo economista Milton Friedman (ultraconservador), é que a correção monetária não seja mais imposta pelo governo, mas negociada livremente entre as partes envolvidas numa determinada transação. Isso é o que Simonsen chama de «correção consensual», em oposição à correção legal, imposta por lei. Acontece que essa «correção consensual» poderia facilmente descambar para a agiotagem pura e simples. O próprio Simonsen reconhece isso, pois observou que em época de inflação alta essa correção consensual correria o risco de alcançar níveis absurdamente elevados, o que acabaria contribuindo para alimentar a própria inflação.

Embora assinalando que não estava fazendo crítica alguma ao ministro do Planejamento, Delfim Netto, o ex-titular da pasta voltou a atacar (como o fizera no dia anterior, também na FGV) a inclusão dos aumentos do preço da soja e do milho no conceito de «acidentalidade», o que provocou redução da correção monetária. Esse conceito, segundo Simonsen (que o criou), foi feito para reduzir o que pode chamar de «choques de oferta».

«Um exemplo típico de choque de oferta são os aumentos dos preços do petróleo, determinados pela OPEP. Agora, o da soja e o do milho não, pois a todo ano as estimativas de safra são superestimadas. Logo, a elevação dos preços da soja e do milho é na verdade perfeitamente previsível, e não deveria ser expurgada».

Simonsen, respondendo a uma pergunta do auditorio, negou que os índices da Fundação Getúlio Vargas possam ser manipulados pelo governo (embora isso tenha acontecido em 1973, conforme trabalho preparado por ele próprio demonstrado no início do governo Geisel): «Se o governo chegar aqui e disser me dá uma ajuda este mês no índice da inflação, isso não cola. A FGV não vai cair nessa. Os índices de preços têm toda uma liturgia e são índices públicos, cujos cálculos podem ser checados por qualquer um».

Além disso, «conheço pelo menos umas vinte empresas que têm sistemas de coleta próprios e fazem seus próprios cálculos da inflação. E, em geral, os índices batem com os da Fundação», disse Simonsen.

Por que a gasolina é tão cara?

A PETROBRÁS SE DEFENDE

Muitos sócios, no faturamento de 235 bilhões de cruzeiros durante 1978

RICARDO BUENO, do Rio

Sempre que há um novo aumento da gasolina, cria-se entre a população a impressão de que a Petrobrás está ganhando rios de dinheiro explorando violentamente o consumidor. Nada mais falso. E a empresa estatal divulgou dados para comprovar isso, ontem. No ano passado a venda de derivados de petróleo alcançou 235,2 bilhões de cruzeiros aproximadamente. Pois bem, desse total a Petrobrás fica com apenas 13,6%, ou seja, perto de 32 bilhões. Com esses recursos, a empresa estatal atende às suas despesas operacionais e realizou suas atividades de investimentos, com destaque para exploração e produção de petróleo.

A verdade é que uma infinidade de entidades oficiais obtiveram recursos resultantes de venda de derivados de petróleo. Mas como o público de maneira geral não sabe disso, a Petrobrás acaba ficando com a má fama pelo que não faz. E quem decide quem deve ser «sócio da Petrobrás» é o governo federal que vai colocando «taxas» sobre os derivados de petróleo.

A lista de entidades que ti-

ram uma casquinha da venda de derivados de petróleo é imensa. O Fundo Nacional de Desenvolvimento ficou, por exemplo, com 7,27% das vendas e recebeu no ano passado Cr\$ 16,9 bilhões; o Fundo de Liquidez da Previdência Social empalmou Cr\$ 9,3 bilhões, e assim por diante. A lista inclui o DNER, o PIS/Pasep, a Siderbrás, os municípios, o Conselho Nacional do Petróleo, o Fundo de Desenvolvimento do Transporte Urbano (que dá dinheiro para a implantação de sistemas de transportes coletivos nos Centros urbanos), a Sunamam, o Departamento Nacional da Produção Mineral, a Companhia de Pesquisas de Recursos Mineiros, o Ministério da Aeronáutica, a Nuclebrás, o IBDF, a Comissão Nacional de Energia Nuclear e até o Conselho Monetário Nacional, que ficou com 0,5% o que significou a bolada de Cr\$ 1,1 bilhão.

Os dados divulgados pela Petrobrás mostram que, os Cr\$ 235,2 bilhões das vendas de derivados de petróleo no ano passado, 40,2 bilhões representaram gastos com a importação de petróleo bruto. As distribuidoras particulares

e a Petrobrás distribuidora, que apenas — pegam o óleo nas refinarias e o repassam aos revendedores, ficaram com 5,3% das vendas. Em dinheiro, isso significou Cr\$ 12,3 bilhões. Um dado muito interessante diz respeito aos revendedores, ou seja, aos postos de gasolina que vivem reclamando que sua margem de lucros é muito baixa e que se continuar assim terão que despedir milhares de empregados. Isso parece estar longe da verdade, pois no ano passado os revendedores tiveram uma receita de Cr\$ 17,6 bilhões que corresponde a mais da metade da receita da Petrobrás.

Uma outra coisa que os dados agora divulgados pela Petrobrás revelam é que, somando-se os gastos com a importação de petróleo, os lucros da Petrobrás e as parcelas das distribuidoras e dos revendedores, chegou-se a 67% do valor das vendas de derivados de petróleo. Portanto, as entidades que nada têm que ver com a produção e a comercialização de petróleo se apropriaram 33% do preço da gasolina. E este ano essa parcela cresceu ainda mais.

A culpa não é da OPEP

(por que os derivados do petróleo custam caro)

	milhões Cr\$	Participação (PCT)
Petróleo importado	94.547	40,2
Petrobrás	32.104	13,6
Revendedoras	17.631	7,5
Fundo Nacional de Desenvolvimento - FND	16.902	7,2
Estados	13.195	5,6
Fundo de liquidez do Prov. Social	9.325	4,0
Distribuidoras particulares	8.589	3,7
DNER	5.190	2,2
PIS/Pasep	4.959	2,1
Petrobrás distribuidora	3.837	1,6
Siderbrás	3.170	1,3
Municípios	3.039	1,3
Encargos sociais (INPS, FGTS, Inca, Sesi, Sesi, etc)	2.965	1,2
CNP	2.339	1,0
Transporte ferroviário	2.019	0,9
Transporte rodoviário	2.018	0,9
Fundo de desenvolvimento do Transporte Urbano	2.018	0,9
Fundo Federal de Des. Ferroviário, Sunamam, União	5.072	2,1
Conselho Monetário Nacional	1.132	0,5
Refinarias particulares	976	0,4
Ministério da Aeronáutica	702	0,3
Fundo Nacional de Apoio ao Desenvolvimento Urbano	671	0,3
DNP, CPRM, Portos, Nuclebrás	1.602	0,6
Outros (*)	1.215	0,6
TOTAL	235.227	100,0

(*) inclui transporte fluvial, indústrias químicas, transporte lecatre, IBDF, CNEN etc.

Fonte: Petrobrás

A cautela em torno do Iraque

Em Brasília, insiste-se em desmentir pressões

O general Samuel Alves Correa está em plenos preparativos para assumir, ainda em dezembro, a embaixada do Brasil no Iraque. Ontem, depois de conversar cerca de uma hora com o ministro do Planejamento, Delfim Netto, ele falou pela primeira vez com a imprensa.

Muito cauteloso, falando

pausadamente, Alves Correa admitiu que tratou, com Delfim Netto, de dois assuntos que preocupam tanto o governo quanto a opinião pública: as possíveis modificações do contrato de risco firmado entre a Braspetro e o governo iraquiano, para a exploração do campo petrolífero de Majnoon, e a possibilidade de o Brasil vir

a comprar petróleo do Irã, no mercado livre.

O general evitou descer a detalhes sobre qualquer dos dois assuntos. E assegurou que durante a conversa com o ministro do Planejamento, não se falou sobre a possibilidade de transferência de tecnologia nuclear do Brasil para o Iraque, e nem sobre uma eventual instalação de uma fábrica da Engesa — empresa brasileira que produz material bélico — no Iraque.

Aparentando muita calma, o general terminou não satisfazendo a curiosidade da imprensa sobre como será a atuação da embaixada brasileira naquele país. Disse apenas

que pretende desenvolver, da melhor maneira possível, as relações entre os dois países, e que o Brasil tem muito a oferecer aos iraquianos, em termos de exportação de alimentos, como açúcar e soja, máquinas elétricas e outros tipos de equipamentos, entre outros produtos.

O ministro das Relações Exteriores, Saraiva Guerreiro, também esteve com Delfim Netto durante todo o tempo em que durou a audiência do general Alves Correa. A saída do ministério, entretanto, ambos insistiram em dizer que o encontro «foi uma grande coincidência, porque não haviam programado um

encontro simultâneo com Delfim».

Saraiva Guerreiro, muito apressado ao deixar o ministério, chegou a irritar-se com os jornalistas, afirmando que não participava de uma reunião conjunta e que não havia tratado do assunto petróleo. Também não desmentiu nem confirmou que o Brasil tenha sido convocado pelo Iraque para acertar um novo esquema de compras, passando a adquirir 20% do fornecimento do mercado livre.

Falando rapidamente, também à saída do ministério, Delfim Netto desmentiu que o Brasil esteja sofrendo pressões por parte do Irã.

São Paulo participará do Proálcool paraguaio

A missão enviada ao Paraguai pelo governo do Estado de São Paulo, sob a chefia do secretário da Indústria e do Comércio, Osvaldo Palma, concluiu quatro acordos, dos quais o mais importante prevê a participação paulista na implantação de um programa de produção de álcool, semelhante ao Proálcool, em território paraguaio. Além de assistência técnica, São Paulo deverá vender ministidularias ao Paraguai.

Camuquira, Caxambu, Lambari e São Lourenço. Nestas quatro estâncias hidrominerais, você conhece o que há de mais tranquilo em Minas Gerais.

Você se purifica pelas águas e pelo clima destas cidades. Você passeia, se diverte, não tem poluição de espécie alguma - e ainda pode comprar objetos típicos.

Conheça Águas de Minas. Trata-se de um plano de excursões turísticas tudo-incluído, coordenado pela

CONHEÇA MINAS PELA FONTES.

Toda excursão de Águas de Minas compreende um roteiro de visita a Camuquira, Lambari, São Lourenço e Caxambu.

Há somente 2 tipos de excursões:

GRUPO I

Excursão em ônibus com poltronas reclináveis, toalete, com hospedagem, custando Cr\$ 2.280,00 por pessoa (de 16/12/79 a 30/06/80).

GRUPO II

Excursão em ônibus com poltronas reclináveis e hospedagem, custando Cr\$ 1.880,00 por pessoa (de 16/12/79 a 30/06/80).

Serviços incluídos em cada uma das excursões:

transporte de ida e volta, passeios pelas 4 estâncias, 2 pernites (6ª-feira e sábado), 2 cafés da manhã, 2 almoços e 1 jantar, guia acompanhando no ônibus e guia local.

Preços especiais de lançamento, até 15/12/79: GRUPO I Cr\$ 1.800,00 GRUPO II Cr\$ 1.480,00

Procure um agente de viagens e deixe tudo por conta dele.

EMBRATUR ADETUR

INFORMAÇÕES: 223-5882 449-3052 449-6489



Empresa Brasileira de Turismo - Embratur e pela Agência de Desenvolvimento Turístico de Minas Gerais - Adetur, executado pela Associação Nacional de Transportadores de Turismo - Anttur, pelos Agentes de Viagens e a Hotelaria destas estâncias.

As excursões de Águas de Minas são feitas nos fins de semana, exceto nos prolongados, como finados, carnaval etc.

Com Águas de Minas você faz economia o tempo todo. O preço é mínimo e já inclui passagens de ida e volta em ônibus especiais, diárias nos hotéis, refeições e passeios dentro das cidades.

Economia, diversão e tranquilidade - o que mais você poderia desejar? Procure um agente de viagens e deixe tudo por conta dele.

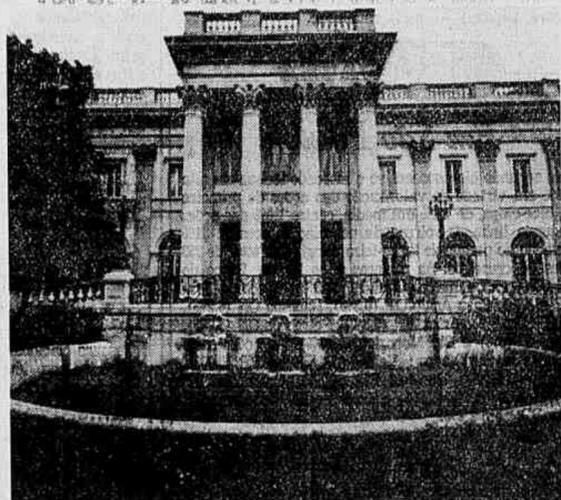
Coordenação Operacional ANTTUR Associação Nacional de Transportadores de Turismo

PROGRAMA PRO-ESTÂNCIAS

ÁGUAS DE MINAS



Ter uma casa como esta é difícil.



Aplicar em Letras de Câmbio Itaú é fácil.

Você só precisa ter um mínimo de Cr\$ 1.000,00 para adquirir as suas Letras de Câmbio em qualquer uma das 800 agências do Itaú. Fica sabendo na hora quanto vai receber no final da aplicação e pode levar as Letras para casa ou guardar no Sistema de Custódia do Itaú. Pode incluir suas Letras de Câmbio como pagamento na hora de fazer um bom negócio ou, se precisar, você pode vender as suas Letras de Câmbio Itaú a qualquer hora, com a maior facilidade e rapidez.

Para quem aplica em Letras de Câmbio Itaú, fica um pouco menos difícil ter uma casa como esta.



Cigarros puxaram o custo de vida em novembro

O custo de vida em São Paulo aumentou 4,72% em novembro, segundo a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas. Na variação dos últimos doze meses, o custo de vida aumentou 56,1%. Em novembro, o item que mais contribuiu para essa elevação foi o de despesas pessoais, com um acréscimo de 12,5%. Os aumentos brutais dos preços dos cigarros foram os responsáveis por esse comportamento (35,7%). Quanto à alimentação o aumento foi de 4,8%, aumentando em ritmo menor, conforme já indicavam as pesquisas do JORNAL DA REPÚBLICA. Os maiores aumentos foram para cebola (75,5%), o leite C (13,5%) e o arroz empacotado (12,3%). Em contrapartida, ocorreram algumas quedas de preços significativas: alface (-16,5%), vagem-manteiga (-15,6%), feijão a granel (-6,9%) e o frango com um decréscimo de 4,8%.

WOLFGANG SAUER

Era do automóvel não está no fim

VICENTE DIANEZI FILHO

A chamada crise do petróleo está provocando uma discussão quase filosófica em todo o mundo ocidental. O que estaria acabando, a era de um tipo de combustível ou a era do automóvel? — pergunta-se a todo momento. Para o presidente da Volkswagen do Brasil, Wolfgang Sauer, indiscutivelmente, estamos assistindo ao fim da era do petróleo, um produto para o qual o Brasil já tem um substituto: o álcool. Por isso, Sauer acha que não se pode falar no fim da era do automóvel. Mesmo porque, afirmou não existiria nenhuma outra força industrial capaz de substituir a indústria automobilística em sua função multiplicadora da riqueza em nível tecnológico e social.

Sauer conversou ontem com a imprensa durante o almoço anual de confraternização da Volkswagen. Falou de assuntos econômicos, políticos, e respondeu até a perguntas de caráter pessoal como a da sua naturalização depois de dezoito anos de residência no Brasil. «Sou hoje mais brasileiro do que alemão e estou aprontando os papéis para entrar com o processo de naturalização». Mas não ficou nisso. Disse acreditar na abertura política e elogiou a iniciativa governamental de desencadear a formação de novos partidos políticos, uma vez que no bipartidarismo «existiam várias correntes políticas indesejáveis em cada uma das duas agremiações».

Como sempre, porém, o forte de Sauer foram os assuntos econômicos, especificamente os ligados à Volkswagen. Contou por exemplo que a empresa está negociando com o governo mineiro a aquisição do controle acionário da Almec, a quarta maior fábrica de bicicletas do país, que até há pouco tempo contava com a participação da francesa Peugeot. «Realmente estamos interessados no controle da

Almec, em salvar a empresa que tem oitocentos funcionários, mas conta com problemas de organização e com a participação da Sudene». Em virtude dessas questões, as negociações, nas palavras de Sauer, «são muito complicadas e complexas». De qualquer forma, com o controle da Almec, a Volkswagen teria autorização de fabricar também ciclomotores fora da Zona Franca de Manaus ou seja, em Montes Claros, ao norte de Minas Gerais, onde está instalada a empresa. O projeto da Almec é anterior à legislação que canalizou para aquela região a produção de ciclomotores no Brasil.

Hoje, quinta-feira, Sauer, estará em Brasília para discutir com o ministro da Fazenda, Carlos Rischbieter, a necessidade de o governo brasileiro negociar com a Argentina a abertura de nossas fronteiras para os produtos lá fabricados. Isso mesmo. A Volkswagen apresentará dentro de alguns dias na Argentina o seu programa de exportação de veículos CKD, possível agora com a aquisição da Chrysler e com o projeto argentino de reformulação geral de sua frota. Em contrapartida, o governo argentino exige reciprocidade. E Rischbieter estará na Argentina em dezembro para discutir o assunto.

Tem mais. Sauer anunciou que o próximo aumento dos preços dos automóveis ocorrerá dia 1º de janeiro, embora ainda não haja um índice acertado entre a indústria automobilística. E reclamou dos reajustes de preços, agora reformulados, que serão efetuados três vezes ao ano. «Os aumentos, assim, ficaram pesados e poderão prejudicar as nossas vendas», queixou-se. De resto, porém, o presidente da Volkswagen está otimista. «Nesta mesma época, ano passado — afirmo —, fizemos previsões horríveis sobre 1979. Mas a realidade foi muito melhor».

A crise, como acelerador de mudanças

A escassez de petróleo e as dificuldades da economia mundial são motivo para otimismo, na visão de cinco grandes nomes internacionais

ANTÔNIO FÉLIX E ANTONIO MACHADO DE BARROS

O Brasil presenciou este ano um imenso festival de conferências, seminários, simpósios e congressos em que a tônica dos discursos, conferências e teses era a grande crise mundial, a catástrofe iminente, as dificuldades que aguardam a humanidade. Ontem, na abertura do Seminário «Brasil, o Futuro Iminente», idealizado pelo presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, José Papa Junior, foi a vez do contraponto, ou da visão mais ampla — e por isso otimista — da fase turbulenta que atingiu a humanidade. Cinco especialistas internacionais, pensadores sociais, além de técnicos, reconheceram a existência de crises — mas as interpretaram como o ponto de partida para transformações na vida da humanidade. Para melhor.

Stefan Robock, brasileiro e professor da Columbia University, prevê que o crescimento econômico brasileiro continuará numa taxa mais rápida que a dos países industrializados

e os de baixa renda. O sociólogo americano Alvin Tofler, autor do best-seller O Choque do Futuro anunciou o início de uma terceira grande revolução no mundo, a «Revolução Tecnológica», cujas consequências «serão tão ou mais profundas que a Revolução Industrial de trezentos anos atrás». Nesta nova sociedade, o homem e a natureza serão os fatores mais valorizados. James Schlesinger, ex-secretário de Defesa dos Estados Unidos, descartou ameaça de uma conflagração mundial. Lester Brown, especialista em alimentação, sugeriu uma reforma agrária para resolver o problema agrícola brasileiro. E Paul Demeny, vice-presidente do Population Council, propôs o planejamento familiar e maior índice de alfabetização como medidas para o Brasil conter a sua taxa de crescimento populacional. A crise energética, para esses cientistas, é o dado que menos assusta no futuro brasileiro e mundial.



OLIVIER GISCARD D'ESTAING E SCHLESINGER
O Ocidente rediscute os seus padrões de desenvolvimento

Ocidente comete erros no Oriente

Schlesinger pede atenção para valores sociais diferentes

Mais por força da insistência da imprensa, motivada pelos cargos que James Schlesinger já ocupou (diretor da CIA, secretário da Defesa dos EUA), os seus pronunciamentos, fora do cenário oficial, foram basicamente políticos. O assunto de sua palestra, «Os Caminhos para a Energia» (foi secretário dessa pasta no governo Carter), também ajudou. Daí a crise do Irã foi um pulo. Dependendo de como caminharem as coisas, a crise poderá precipitar um desequilíbrio de forças no mundo.

«Eu não creio em uma confrontação entre Estados Unidos e Irã, a menos que os reféns sejam levados a julgamento», disse ele, justificando-se com a lembrança de que existe um equilíbrio de forças entre Estados Unidos e União Soviética, no mundo, «mas há o perigo que ele deixe de existir, com a crise do Irã». Isto porque, na última década, a URSS teve um crescimento 80% superior ao dos EUA em armamentos, e de 50% em gastos militares. «Essa é uma mudança significativa no equacionamento de poder entre os dois países».

A ação militar americana, porém, repetiu ele, só acontecerá se o Irã se mostrar renitente e levar os reféns a julgamento. Ou, ainda obviamente, na hipótese de sacrifício desses reféns. Sem perder a calma, ele não aceitou a colocação de um repórter, de que os americanos têm tradição de invadir. A sua crença, apesar de tudo, é que as autoridades iranianas vão «libertar os reféns, chegando-se a uma solução feliz para uma crise difícil».

Por outro lado, a acusação de que os presos são espíões da CIA, feita por Khomeini, ele atribui tão somente à necessidade do ayatollah recuperar o prestígio perdido. «Todos eles tinham imunidade diplomática, de acordo com as leis internacionais. A invasão da embaixada foi um ato ilegal e não civiliza-

do, embora não se possa considerar de loucura, tendo em vista os objetivos de Khomeini». Acólher o xã, nos EUA, mesmo com as consequências atuais, não foi um erro: «Não deixaremos de ajudar nossos aliados. E nas suas condições de saúde não seria apropriado recusar o auxílio». Deixou, além disso, uma receita dupla para amenizar o confronto Oriente/Ocidente. «Primeiro, limitar o apetite do Ocidente por petróleo. Depois, o Ocidente tem que conhecer melhor os valores existentes naquela parte do mundo».

A situação não influenciou, no seu entender, o fornecimento de petróleo ao mundo: os EUA passam a comprar menos do Irã e mais de outros fornecedores. Os demais países fazem o inverso, mantendo o fluxo regular. Porém, a crise do petróleo em si é grave. E se transformou o problema prioritário de política externa. Por isso, os EUA precisam reaver «o equilíbrio original no Oceano Índico, o que vai requerer uma movimentação cada vez maior de frotas americanas na região, sem o que aumentará o poderio soviético, que poderá dominar o petróleo do Oriente Médio».

Na sua palestra aos empresários, Schlesinger disse que os EUA gastaram 42 bilhões de dólares na importação de petróleo, cifra que deverá subir para 90 bilhões de dólares em 1980. «No Brasil houve um magnífico reconhecimento do problema e se deflagrou contra ele uma batalha».

Nos EUA, todavia, o povo tem dificuldades em reconhecer que existe, de fato, uma escassez de energia, apesar do alerta de geólogos e cientistas nos últimos trinta anos. Os americanos terão que buscar maior eficiência no uso do petróleo e, rapidamente, procurar fontes alternativas (carvão nas caldeiras e, mais que a energia nuclear, desenvolver tecnologia para aproveitar o óleo do Visto).

Carro ou comida

A visão de Brown e Tofler

O Brasil é uma ironia agrícola. Disse Lester Brown, presidente do Worldwatch Institute. Apesar da grande extensão Territorial, é o maior importador de grãos do hemisfério ocidental. Enquanto isso, a população cresce em torno de 3,0% ao ano, o que resulta em um aumento, de dezenove vezes em um século. A situação de aumento da população e diminuição da produção de alimentos, porém, é mundial. Enquanto isso, as áreas cultiváveis vão sendo utilizadas para resolver o problema energético (no caso do álcool), quando o automóvel ocupa o último lugar entre as prioridades. Citando números na sua palestra «Alimentos: para quantos?», ele disse que entre 1950 e 1971 a produção de cereais, no mundo, crescia em 2,4% ao ano e, de 71 a 77 apenas 0,6%. A pesca em 50/71 reduziu-se em 14,0% e, até o ano 2000, deverá decrescer 30,0%.

Junto a isso tudo, os produtos químicos (fertilizantes) tiveram diminuída a sua ação. «Em 1950, uma tonelada de fertilizantes produzia 15 toneladas de cereais. Em 70, produzia 6 toneladas». Em vista dessas colocações — crescimento da população com redução na produção de alimentos e do uso do automóvel, que precisa ser também alimentado —, ele propõe o incentivo ao controle da natalidade, como vem fazendo a China, e um menor uso do automóvel, com a substituição pela bicicleta. No caso específico do Brasil, que tem áreas a serem cultivadas, ele lembrou que, há um século, os EUA fizeram a reforma agrária. Acredita, especialmente, no sistema familiar, onde «a mão-de-obra é usada porque está aí», a um custo mais baixo. «Eu mesmo vivi em uma fazenda familiar», acrescentou.

Alvin Tofler, sociólogo americano, autor de O Choque do Futuro, por sua vez disse que o mundo está no limiar de grandes transformações, dentro do que ele chama de «terceira onda» (a primeira foi a formação da sociedade agrícola, a segunda surgiu com a revolução industrial), aliás título de seu livro a ser lançado. Os países industrializados tiveram como componentes em comum a padronização (o tempo, por exemplo, é essencial para sincronização, sem a qual o sistema industrial não funciona); a concentração (reunião de pessoas em áreas urbanas, próximas a fábricas); a megalomania (quanto maior melhor).

A «terceira onda» rompe com esses padrões. Hoje, há indivíduos que mesmo na fábrica podem escolher seu próprio horário. E a massificação vai sendo abandonada em favor da individualização (exemplo, o sistema de televisão por cabo). Tofler não precisou, porém, um modelo para essas mudanças.

Frear natalidade

O conselho de Paulo Demeny

Planejamento familiar e maior ênfase nos programas de alfabetização, segundo o demógrafo húngaro e vice-presidente do instituto americano Population Council, Paulo Demeny, são os principais caminhos que o Brasil deve trilhar para conter a taxa de crescimento populacional nos próximos anos. Demeny descartou praticamente a necessidade de emprego de métodos diretos de controle da natalidade, pois, em seu entender, já há um processo natural de desaceleração do ritmo de crescimento demográfico no país. «O Brasil — disse — está diminuindo de uma maneira modesta o seu crescimento demográfico, em grande parte devido a um maior controle de natalidade, sobretudo a partir da década de 60».

No entanto, ele cita estatísticas da ONU (Organização das Nações Unidas) — as

quais situam a população brasileira no ano 2.000 entre um mínimo de 210 milhões de habitantes e um máximo de 310 milhões —, para afirmar que os esforços até agora desenvolvidos ainda são pequenos. Suas sugestões: 1) agregar a iniciativa privada aos programas oficiais de planejamento familiar, de forma a se evitar que todo o seu custo recaia sobre o governo; 2) dar melhor estrutura de vida às crianças através de uma educação dirigida.

Demeny, porém, disse não ver muita eficácia, dentro de um programa de contenção populacional do uso de uma política de distribuição de renda. «Dividir o bolo neste momento não resolve», afirmou. E garantiu que apenas o crescimento econômico, com a elevação do nível de vida, não é fator suficiente e natural para a redução da natalidade.

BOLSA

Em São Paulo

Pelo segundo dia consecutivo o mercado fechou em alta de 1,9% em virtude da valorização das ações de primeira linha, blue-chips, de 4,2% em média, contra 1,0% das ações de segunda linha. O volume de negociações cresceu 34% em relação ao pregão de terça-feira atingindo o total de 255 milhões de cruzeiros. As maiores altas foram: Banco do Brasil ON (10%), Cimento Cauê PP (7,3%), Banco do Brasil PP (6,4%), Casa Anglo OP (6,3%), Banespa ON (6,2%), Ibesa PPB (5,8%), Artex PP (5,3%), Petrobrás ON (5,2%), Manah PP (5%) e Bic Monark OP (5%). As ações mais negociadas a vista foram: Vale do Rio Doce PP (8,6%), Brasil PP (4,4%), Duratex PP (4,2%), Cobrasma PP (3,6%), Petrobrás PP (2,9%) e Bradesco PN, Cobrasma OP e Artex PP, com 2,9%.

No Rio

O IBV registrou alta de 4%, na média, e de 0,4% no fechamento. Foram negociados 237,3 milhões de títulos, mais 41,4% do que no dia anterior, no valor de 502,2 milhões de cruzeiros. Os papéis mais negociados a vista foram: Banco do Brasil PP (25,7%), Banco do Brasil ON (8,8%), Dohller PP (8,2%), Petrobrás PP (7,2%) e Companhia Vale do Rio Doce (6,2%). As cinco maiores altas foram: Petrobrás ON (8,1%), Banco do Brasil PP (7,4%), Banco do Brasil ON (6,7%), Acesa OP (6,6%) e Light OP (5,7%). As duas ações que registraram maiores baixas foram: Siderúrgica Riograndense PP (0,6%) e Moinho Fluminense OP (0,2%). No mercado a termo foram negociadas ações no valor de 345,3 milhões de cruzeiros.

OPEN

Letras do Tesouro Nacional. O mercado de Letras do Tesouro Nacional apresentou-se pouco movimentado, com negócios com leve tendência vendedora para papéis com vencimento em maio de 80, cotados entre 21,80% a 20,60% ao ano.

FINANCIAMENTOS. Os financiamentos por um dia em Letras do Tesouro Nacional apresentaram-se pressionados durante todo o período, abrindo a 37,20%, subindo até níveis de 75,20% ao ano e declinando para fechar a 69,60% ao ano. Média de negócios a 49,80% ao ano.

Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional. O mercado de Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional apresentou-se movimentado para papéis de dois anos de prazo e 6% de juros com vencimento no primeiro semestre de 81, cotados a 109,70% para compra e 110,50% para a venda. Os papéis de cinco anos de prazo e 8% de juros, convencionados no segundo semestre de 81, foram cotados a 105,80% para compra e 106,20% para venda.

JÁ NAS BANCAS

EXCLUSIVO

Três líderes comunistas debatem a política nacional

Tentando entender o Irã. Continua a matança das baleias. A alegria de Rita Lee.

A incrível confusão com Figueiredo

A CLASSE MÉDIA VAI ANDAR A PÉ?

ACIDIDADE ESTÁ COM MEDO

ESQUADRÃO DA MORTE?

A chacina de ontem no Rio: seis mortos

Quatro homens e duas mulheres nuas fuzilados com tiros de 38. O aviso chegou por telefone

VALÉRIO MEINEL

"É da Delegacia de Mesquita? Então anote aí. Tem seis 'presuntos' na rua D, no Bairro Paranhos, em Mongaba, Piabetá. Com esses, são catorze as vítimas que executamos na Baixada nos últimos quinze dias. E o número vai aumentar para dezesseis até o final da semana. O Esquadrão da Morte está de volta."

A informação passada era telefonema anônimo era absolutamente verdadeira. No endereço indicado foram encontrados os cadáveres de quatro homens vestindo short e de duas mulheres nuas, todos fuzilados com tiros de 38. As duas mulheres e três dos homens eram jovens moradores de Copacabana. A última vítima foi o trabalhador Valdir de Oliveira, 55 anos. A polícia concluiu que ele ia passando, teste-

munhou as execuções e foi por isso eliminado. Os crimes estão ligados ao tráfico de entorpecentes, segundo policiais que investigam a chacina.

O policial que atendeu ao telefonema anônimo na Delegacia de Mesquita, distrito de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, transmitiu a informação para seus colegas de Piabetá, distrito do município de Magé. Eles foram verificar e à porta de uma casa, na rua D, no bairro Paranhos, encontraram os cadáveres de Sônia Regina Rodrigues Motta, 21 anos, e Silvio Roberto Bueno Lima, 19 anos, amarrados um ao outro. Cem metros adiante, estavam os corpos de José Carlos Rodrigues Motta, 21 anos; de um homem que pode ser Wilson, irmão de Sônia, e José Carlos, ou um viciado conhecido por

Mauricinho, que faz ponto na rua Djalma Ulrich, em Copacabana, zona sul do Rio; e o de Antônio Gomes Marques, 38 anos. Afastado 300 metros estava o cadáver de Valdir de Oliveira, 35 anos, morador no local e empregado da firma Castanheira S.A. Ele foi identificado pelo cunhado, Adhemar Flavio de Mello.

Silvio, cujo cadáver estava amarrado ao de Sônia, foi identificado por uma parente de nome Elizabeth. A moça disse ao delegado Osmar Saraiva, da 70ª Delegacia, que Silvio é filho de um fazendeiro em Alagoas. Ele saiu de sua casa, na rua Ayres Saldanha, 114, apto. 602, em Copacabana, há um mês, para morar com Sônia que namorava já há algum tempo, contra a vontade de seus pais. O rapaz era estudante de agronomia. Sônia, por sua vez, morava na rua Joaquim Nabuco, 189, apto. 402.

A rua ligava Copacabana a Ipanema, dois tradicionais bairros da zona sul carioca. A moça era estudante do curso de secretariado.

A terceira vítima foi logo identificada: era José Carlos Rodrigues Motta, irmão de Sônia. A polícia tem dúvida quanto à identidade do quarto cadáver, mas sabe que a outra mulher morta é Antônio Gomes Marques, 38 anos, morador na praça Vereador Rocha Leão, também em Copacabana. Antônio comprara há um mês a casa em cujas proximidades foram encontrados os corpos.



MELHORANDO O VISUAL
Os marreteiros foram expulsos porque, como diz a Associação Comercial, deformam a imagem da cidade

MARRETEIROS

Olha o rapa! (o aviso veio tarde demais)

A Regional da Sé fez uma blitz contra o comércio marginal. E poucos conseguiram escapar

JOSÉ MEIRELLES PASSOS

— Olha o rapa! Mas não deu tempo para todo mundo escapar, apesar dos "pombos-correio" terem dado a dica. Valter Machado, por exemplo, tentou despachar as frutas de sua barraca, na praça Júlio Prestes, para um depósito ali perto. Mas quando ele e alguns ajudantes, todos muito afobados, enfiavam mangas, uvas e abacaxis nos caixotes, surgiu um círculo mal encarado, de óculos escuros, pinta de policial civil, dizendo: "Quietinho aí, companheiro. Tá tudo apreendido". Logo chegaram outros tipos, igualmente com cara de poucos amigos, suarentos, e cercaram a barraca. Não houve jeito: toda a mercadoria foi parar sobre um caminhão da prefeitura.

De repente, alguém gritou: "Olha lá o churrasquinho de gato", apontando para a fachada da estação ferroviária Júlio Prestes, onde os espetinhos de carne ardião sobre a brasa, em meia dúzia de pequenas churrasqueiras. Os fiscais se precipitaram. Afoitos, começaram a correr, seguidos por alguns PMs. Os vendedores perceberam a movimentação, recolheram seu equipamento e as sacolas cheias de carne e dispararam pela alameda Cleveland. Só um japonês, vagaroso, não conseguiu juntar tudo a tempo. Duas quadras adiante, sendo quase alcançados, os outros ambulantes largaram o material fumegante no meio da rua, criando uma confusão danada no trânsito.

O comando, iniciado às 14h30 de ontem, durou três horas. Vitor David administrador regional da Sé — cuja jurisdição vai desde a avenida Paulista até os lados da Barra Funda, Canindé e Pari, uma área de 25 quilômetros quadrados

— arregaçou as mangas e foi para as ruas, liderando uma equipe de fiscais, acompanhada por um caminhão, uma camioneta e dois furgões. Sairam à caça de marreteiros, tipos que a Associação Comercial de São Paulo, num ofício enviado à prefeitura há quarenta dias, denunciou como pessoas que deformam, "sob o ponto de vista visual, a imagem de nossa metrópole, em detrimento da nossa indústria turística".

A preocupação de Vitor David era outra. Ele contou, antes da blitz, que existem mil ambulantes credenciados em sua área, mas que seus rapazes apreendem, em média, duzentos vendedores todo mês: "Acontece que a autorização só é dada aos portadores de defeitos físicos de natureza grave. Mas os próprios inválidos alugam seus pontos para pessoas sadias. Oitenta por cento das barracas são alugadas, hoje, e os preços variam de 10 a 30 mil cruzeiros mensais".

Vitor David é um senhor de cabelos já bem grisalhos, de modos bruscos, que fala sempre em voz muito alta. É dono de um temperamento que, pelo que se viu ontem, nas ruas, está bem próximo da indole (publicamente reconhecida) do coronel Erasmo Dias. Vitor David estava irritado com a sujeira que os ambulantes fazem pela cidade, cuja limpeza, segundo seus cálculos, custam à administração da Sé, 1 milhão de cruzeiros por mês.

O comando começou em frente aos Correios, onde algumas bancas vendiam cartões de Natal, envelopes

e canetas. Exibindo o ofício que o coronel Oyama Olyntho de Almeida, diretor regional da ECT lhe havia remetido um dia antes, pedindo a retirada daqueles ambulantes, Vitor David foi até condescendente: "Vocês têm uma hora pra desmontar as barracas. Limpem isso aqui. Depois eu volto. Se encontrar alguém, leve tudo". (O material apreendido pode ser retirado no dia seguinte, mediante o pagamento de multa de meio salário mínimo. Reincidentes pagam mais).

Na avenida São João a operação foi drástica. Quem não tinha licença, quem só apresentava xerox da credencial, e quem vendia artigos não autorizados — como quadros a óleo e gravuras — teve tudo apreendido. Os excessos também o foram: "Acontece que as barracas só podem ter 1,20m por 1m, mas o pessoal aumenta. Então eu recolho o excesso de material e também os guardas com diâmetro maior que 1,20m".

Várias vezes ouviu-se o mesmo diálogo. Vitor David notava que o vendedor não era inválido e perguntava: "Quanto você ganha pra trabalhar aqui?" A resposta era quase sempre a mesma: "Três mil cruzeiros por mês". Ao que o administrador propunha: "Então pago 4 mil pra você trabalhar na regional da Sé, você quer?" Ninguém topou.

À medida que caminhávamos, sob um sol muito forte, Vitor David ia ficando mais irritado, colorido às vezas. "O Brasil precisa de outra produção,

e não desses vagabundos", ele disse na esquina da São João com Conselheiro Crispiniano. Mais adiante, no largo Paissandu, outro desabafo, após nova apreensão: "Podem recolher tudo... é lixo a menos na cidade".

Depois ele confidenciou: "Não posso ficar sentado lá no escritório sem saber o que está acontecendo na cidade. Preciso fazer isso aí, sair num comando, porque não sei se está havendo um acordo entre o meu pessoal e os marreteiros". Desconfiado de seus próprios auxiliares, ele inclusive recolheu vários atestados, firmados por Wesley Ângelo de Paula, chefe da Unidade de Controle Sanitário da regional Sé, autorizando alguém a substituir donos de barracas que, segundo o documento, estão "em tratamento médico". "Você verificar isso direitinho..." prometeu David.

Bem em frente ao DOPS, à rua Mauá, ele teve uma discussão que quase chegou aos tapas com David Pinto Bastos, presidente da Associação Brasileira dos Deficientes Físicos, que reclamava aos repórteres: "Nossos direitos estão sendo desrespeitados". Vitor David chamou um auxiliar e disse: "Chama o DOPS aí pra levar esse camarada. Estamos trabalhando e ele vem agitar...". No fim, ânimos serenados, não houve nada. E o comando seguiu, ouvindo a reação do povo, em voz alta, dizendo coisas como: "Brasileiro tem é que roubar mesmo"; ou "Olha aí, tão prendendo quem está trabalhando...".

Uma guarita na entrada da Urca

Foi certamente o convívio com instituições militares notáveis que permitiu e inspirou um grupo de moradores do bairro carioca da Urca a optar por uma solução tipicamente castrense, com o pretexto de afastar do local os maus espíritos da violência urbana. Contando com o apoio logístico da histórica fortaleza de São João e a colaboração da Polícia Militar, acaba de ser instalada uma magnífica guarita policial nos umbrais da única via de entrada e saída do aprazível logradouro.

Por enquanto, não há a intenção de proceder à revista de transeuntes e veículos que ousarem se aventurar por este bairro de 15

mil habitantes, com muitas casas e poucos edifícios — de no máximo cinco pavimentos — localizada no sopé do Pão de Açúcar. Mesmo porque a guarita espera, para ser convenientemente inaugurada, por um telefone pelo qual os moradores possam comunicar qualquer movimento que suscite estranheza nas redondezas.

A guarita, mandada confeccionar no Paraná, custou 57 mil cruzeiros e foi custeada por cerca de quarenta moradores que pretendem organizar-se formalmente em associação de bairro. Com esta finalidade, eles já vêm reunindo-se à noite em instalações da Fortaleza de São João, ce-

dida pelo seu comandante, coronel Pinto Manso. Ele próprio, aliás, um dos mais mobilizados e eloquentes dos moradores: "O negócios deles é segurança e como segurança me interessa, cedo o local", disse o coronel ontem ao JORNAL DA REPÚBLICA.

A Urca é um bairro de classe média alta e é inevitável que seja habitado por grande número de militares. Afinal, além da histórica fortaleza, localizam-se ali a Escola Superior de Guerra, o 2º Grupo de Artilharia de Costa, a Escola de Educação Física do Exército, o Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento do Exército e o arsenal da Urca.

Marcelo Fagá, do Rio

PM apresenta os espancadores

A polícia finalmente revelou o nome dos quatro policiais militares da ROTA 353 envolvidos no espancamento do jogador de futebol Roberto Kattarov, 20 anos, ocorrido no mês passado: José Soares Machado, 30 anos, sargento encarregado; Ismar José da Cruz, 27, e Luis Agostinho Dantas, 21, soldados; e Miguel Geraldo Truvillo, 31, motorista. Os quatro foram ouvidos na tarde de ontem, em inquérito aberto no 45º Distrito Policial na Vila Brasilândia, que visa apurar os responsáveis pelas torturas praticadas contra o rapaz. Ao delegado Benedicto Labriola, encarregado de presidir o inquérito, os qua-

tro disseram que não poderiam ter "usado de violência" uma vez que, ao levar Kattarov para a Pedreira, de Morro Grande, zona norte de São Paulo, sequer desceram da viatura policial, em que se encontravam. Isso porque, ali havia uma outra viatura a ROTA 354, comandada pelo tenente Mendonça, chamada ao local para prestar auxílio "nas investigações".

Roberto Kattarov, ao ser preso, na tarde do dia 21 de novembro último, em companhia de um amigo, Luis Otávio, fora acusado de ter roubado o carro, um Chevette, com o qual se encontrava na estrada do Sa-bão.

Antes de levarem o rapaz para a Pedreira, onde, segundo disseram, ele teria escondido dinheiro roubado e uma faca, os policiais da Rota 353 passaram pela casa da tia de Roberto, Mariana de Jesus, que ouviu dos policiais a ameaça de que seu sobrinho viraria "um trapo". Desde então, o rapaz desapareceu sendo encontrado apenas cinco dias depois, internado em estado grave no Hospital das Clínicas. Os familiares e o advogado do rapaz, Paulo Climeru, não acreditam na versão dos policiais, dada ontem no 45º Distrito, de que Kattarov se machucou quando tentava fugir, caindo em um barranco.

A poluição matou o operário?

A necessidade de maiores pesquisas e levantamentos técnicos especializados entravaram, ontem, em Cubatão, o primeiro julgamento de que se tem notícia no país onde o réu é a poluição industrial. Como provar que a morte do operário Verneval Leão Santana, em fevereiro de 78, foi consequência de exposição prolongada ao produto pentacloreto de fenol, produzido pela unidade química do grupo Rhodia naquela cidade? Disso depende a indenização por morte em acidente de trabalho que a viúva Elza Santos pretende receber do INPS, que não reconhece o envenenamento, preferindo crer no atestado de óbito que

justificou a morte como mais um caso de cirrose. "Logo Verneval" — diz a viúva — "que não bebia álcool".

Mas há muito mais em jogo nesse julgamento, aparentemente comum, que foi iniciado ontem. Por exemplo, a "brecha" legal para que a indústria seja responsabilizada pela morte do operário. Racionava-se assim no Fórum de Cubatão: se o INPS for condenado ao pagamento, significará que a indústria realmente expôs o operário ao risco de vida, sem qualquer informação ou sistema adequado de segurança e, neste caso, foi a responsável direta pela morte. Ainda resta saber se essa ação deve ser movida pela viúva ou

pelo próprio INPS, procurando ressarcimento de seus prejuízos.

As testemunhas levadas ao Fórum, ontem, depuseram sobre as doenças provocadas pelos produtos que manuseavam na Rhodia ao tempo em que Verneval trabalhava. Falaram dos estranhos carinhos que apareciam sobre a pele dos que trabalharam naquela unidade industrial. Disseram ainda ao juiz Volney Cordeira Leite de Moraes Júnior que a prova maior da periculosidade do pentacloreto de fenol foi a paralisação da produção, em dezembro do ano passado. Agora, um ano depois da desativação, ainda existiriam centenas de trabalhadores afetados.

SÃO PAULO Táxis ganham 50 pontos livres

Mas os motoristas não estão satisfeitos: são apenas 329 vagas

ANTÔNIO CARLOS GUIDA

Uma semana após a greve dos motoristas de táxi, a prefeitura começou a cumprir suas promessas e atender parte das reivindicações da categoria. Ontem à tarde, o diretor do DSV, Roberto Salvador Scaringela, anunciou a implantação dos primeiros cinquenta pontos livres de táxi, uma velha reivindicação dos motoristas, que ganhou argumentos mais dramáticos após o violento aumento do preço da gasolina.

Na verdade, esses pontos começarão a ser sinalizados pelo DSV amanhã pela manhã e estarão totalmente prontos no sábado. Dessa forma, pretende-se evitar que os táxis fiquem queimando combustíveis à procura de passageiros, proporcionando uma economia de gasolina que ainda não pode ser dimensionada.

Mas a capacidade total de abrigar conjuntamente apenas 329 veículos, (menos de 1% dos 35 mil táxis da cidade) nos cinquenta pontos, já foi criticada pelo presidente do Sindicato dos Motoristas Automóveis de Táxi. "Isso não refreia em nada, é apenas uma gota no oceano", queixava-se Rogério Aitor logo após tomar ciência do número de vagas que estarão à disposição dos motoristas. O próprio

Scaringela lembrava que esses primeiros cinquenta fazem parte de um projeto mais amplo, que prevê a implantação de mais pontos livres, embora não saiba precisar quantos serão eles e nem quando estarão implantados.

"Evidentemente que não poderemos abrigar os 35 mil táxis da cidade. Mas os locais desses pontos foram sugeridos, em grande parte, pelos próprios motoristas e creio que irão satisfazer tanto os motoristas como os próprios usuários, que agora saberão onde encontrar um táxi com mais facilidade", diz Scaringela. E lembra que já estão sendo feitos os estudos que, em breve deverão liberar mais duas vagas para táxi em cada 75 vagas das zonas azuis. Isso deverá representar, aproximadamente, mais 220 vagas para os táxis esperarem pelos passageiros, já que existem 14 mil vagas nas zonas azuis implantadas na cidade.

Mas essa não é uma notícia que chega a deixar Aitor animado. "Tá certo, é uma maneira de tentar melhorar a situação. Mas, para tentar tirar o pessoal do sufoco teriam que transformar as zonas azuis do centro da cidade totalmente em pontos livres", diz ele. Enquanto isso

não acontece, ele promete voltar à carga, reivindicando a implantação rápida dos outros pontos livres prometidos pela prefeitura.

São os seguintes os locais onde haverá pontos livres de táxi: Rua da Mooca, rua Ribeiro do Amaral, rua Cuiabá, rua Marina Crespi, praça XV de Novembro, rua Cristóvão Girão, rua Pio XII, rua Braz de Arzão, av. Rubem Berta, rua Arthur Azevedo, av. Álvaro Ramos, rua Sud Mennucci, av. Jabaquara, av. Nova Independência, rua Luiz Pinto, rua Paím, rua Jesuino Cardoso, rua Zacarias de Goes, rua Juatindiba, rua Luiz Piccolo, rua Muniz de Souza, rua Joaquim Machado, rua Pedro de Toledo, rua Monte Alegre, rua Lima e Silva, rua Napoleão de Barros, rua Afonso Bacari, av. Moaci, av. Vital Brasil, rua das Perobas, av. Casper Líbero, rua José Paulino, praça da Liberdade, rua Antônio Carlos, rua Boni Pastor, rua 21 de Abril, rua Francisco Marengo, rua Euclides Pacheco, av. Santo Amaro, rua Borges Lagoa, rua Santa Cruz, rua de acesso ao cemitério da 4ª Parada, rua Brigadeiro Jordão, rua Eng. Reynaldo Cajado, rua Vergueiro, praça Presidente Kennedy, av. Nazaré, rua Prates e rua do Manifesto.

O Estadão recusa-se a reintegrar jornalista

Ontem à tarde os diretores da S/A. O Estado de S. Paulo impediram a entrada da oficial de justiça Nanci Gambi no edifício do jornal. Ela tentava fazer cumprir a decisão do juiz Sérgio Mazilli, da 25ª Junta de Conciliação e Julgamento da Justiça do Trabalho, mandando reintegrar em suas funções a jornalista Lia Ribeiro Dias, diretora do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo.

Como Adélia Borges, que também teve suas imunidades sindicais violadas pelo jornal 40 Estado de S. Paulo, a reintegração de Lia Ribeiro Dias foi negada, segundo um assessor de relações do trabalho do Estadão, "porque a empresa entrou com um recurso junto ao TRT".

FUVEST

Tudo o que é preciso saber para domingo

Um aviso fundamental, por exemplo, é não chegar atrasado. Porque não haverá contemplação

FLAMÍNIO FANTINI

Uma carteira de identidade, dois lápis pretos nº 2, borracha e muita tranqüilidade - isso é tudo que os 124 mil candidatos ao vestibular da Fuvest deverão

levar no próximo domingo à primeira fase dos exames de 1980. Além disso, um lembrete e uma advertência: o horário marcado para chegar ao local das

provas é no máximo até o meio-dia, e os retardatários não serão aceitos.

Essas são algumas das últimas recomendações e instruções ditadas ontem pelo professor Moyses Szainbok, coordenador da Fuvest, ontem à tarde, em entrevista coletiva (leia abaixo). Muito calmo e sorridente, como se a complicada rede de organização do vestibular não o afetasse às vésperas do começo, o professor divulgou também uma lista completa e oficial dos locais dos exames.

As provas serão feitas em 88 locais da Grande São Paulo e em 45 locais distribuídos em 17 cidades do interior. Essa primeira fase consta de provas de conhecimentos gerais, referentes ao conjunto de disciplinas que integram o núcleo comum obrigatório de ensino do 2º grau, realizadas sob a forma de testes de múltipla escolha (cruzinhas), com cinco alternati-

vas, das quais apenas uma é certa.

O teste tem 96 questões, 12 de cada uma das seguintes disciplinas: matemática, física, química, biologia, história do Brasil e geral, geografia do Brasil e geral, e 24 questões de comunicação e expressão, abrangendo gramática e literatura brasileira. Não haverá questões de língua estrangeira.

A duração da prova será de quatro horas, e mais o tempo necessário para o candidato transcrever suas respostas para a folha própria. As 17h de domingo, a Fuvest divulgará à imprensa os gabaritos oficiais - o professor Szainbok lembra que a instituição "não é responsável por gabaritos divulgados por terceiros, que muitas vezes contêm respostas erradas". Dessa primeira triagem, será escolhido um número de candidatos três vezes maior que o número de vagas.



Um decálogo para os vestibulandos

1 O candidato deverá levar obrigatoriamente sua carteira de identidade. Sem esse documento, será sumariamente impedido de prestar o exame. Mas se alguém perder o documento nas vésperas? O professor Moyses Szainbok responde que não tem jeito mesmo - o vestibulando não fará o concurso. Ironicamente, o coordenador da Fuvest sugere que os candidatos guardem, de hoje até domingo, sua carteira de identidade numa redoma de vidro, para não ocorrer extravio do documento. Entretanto, o professor disse que a Fuvest admitirá carteiras de motorista do tipo antigo, isto é, com foto do cidadão e o número do RG.

2 Não será permitida, durante a prova, a posse pelos candidatos de anotações, livros, cadernos, apostilas, canetas, régua e máquinas de calcular, ou outros materiais que não sejam necessários à prova. A Fuvest permitirá apenas a utilização de dois lápis nº 2 apontados e borracha. Um candidato não poderá emprestar seu material a outro candidato.

3 Não será permitida a entrada de retardatários. O professor Moyses foi muito taxativo ontem: "Quem chegar atrasado vai se ferrar", disse. E a Fuvest costuma ser bastante rigorosa com o horário. Conta-se que, num dos últimos concursos, um grupo de candidatos perdeu o horário em decorrência de defeitos ocorrido no metrô.

4 Não houve concessão: foram barados. A Fuvest recomenda que o candidato compareça ao local às 12h de domingo, para que não ocorra nenhum problema para os vestibulandos.

4 Não deixe de localizar antecipadamente o seu local de prova. A coordenação do vestibular recomenda que você dê um passeio no sábado e localize já nesse dia a escola em que deverá fazer as provas. Na véspera da primeira etapa, tudo já estará montado, e você poderá testar o seu meio de transporte, para não chegar nenhum minuto atrasado. Os candidatos não poderão fazer o exame em local diferente daquele que consta no seu cartão de cadastro, ou na lista desta página.

5 Quando você receber o caderno de questões, durante o horário do exame, vire-se. Os fiscais e auxiliares não darão nenhuma instrução, ajuda, ou dica. Segundo o conceito da Fuvest, a prova é autoexplicativa.

6 A experiência indica que os candidatos que comparecem às provas em jejum ficam sujeitos a problemas médicos durante o exame. Por isto, recomenda-se a todos que se alimentem antes da prova.

7 Não deixe questões em branco. O teste constará de 96 questões e a cada candidato será atribuído um total de pontos, que é o número de respostas certas. Como as respostas erradas não serão descontadas neste cálculo, o melhor é você arriscar alguma cruzinha quando não se sentir em condições de resolvê-la. Os candidatos serão classificados em ordem decrescente do total de pontos.

8 A fim de chegar facilmente ao local no dia do exame, se precisar de con-

dução, usar de preferência os meios de transporte coletivo, que serão aumentados nas horas anteriores à prova, para melhor atendimento dos interessados, tanto os da CMTC quanto o metrô. A Fuvest solicitou à CMTC a colocação, no domingo, de um reforço nas linhas radiais e nas de integração com o metrô, a fim de atender ao crescimento da demanda de transporte. O DSV e a Polícia Militar estabelecerão esquemas especiais de trânsito nos locais de exame. O objetivo dessas medidas é atender plenamente a todos os candidatos da Grande São Paulo. Eis as linhas que serão reforçadas: Ana Rosa-Perdizes; Princesa Isabel-Indianópolis; ônibus elétricos da praça da Sé para Ipiranga e Mooca; parque Dom Pedro-Penha; parque Dom Pedro-Vila Prudente. Funcionará extraordinariamente, neste domingo, a linha circular da praça da Sé até a Barra Funda. Também estarão circulando as linhas da praça da Bandeira em direção a Santo Amaro e ao Brooklin, e do parque dom Pedro para a Vila Prudente.

9 Aqueles candidatos que forem prestar exames na Cidade Universitária, isto é, no campus da USP na capital, terão à disposição um transporte extra: três linhas da CMTC que não funcionam normalmente nos domingos, neste vão funcionar. São as que saem da praça da Patriarca, Jaqueã e largo da Condição, em direção à Cidade Universitária. A Prefeitura Universitária manterá em funcionamento as linhas internas, gratuitas, para o transporte da entrada da Cidade Universitária até os prédios em que farão o exame, a partir das 11 horas.

10 Escolas próximas ao metrô - A Fuvest recomenda a utilização do metrô aos candidatos que farão os exames nas escolas localizadas nos bairros ao longo do metrô.

Fuvest 80 locais de exame de primeira fase

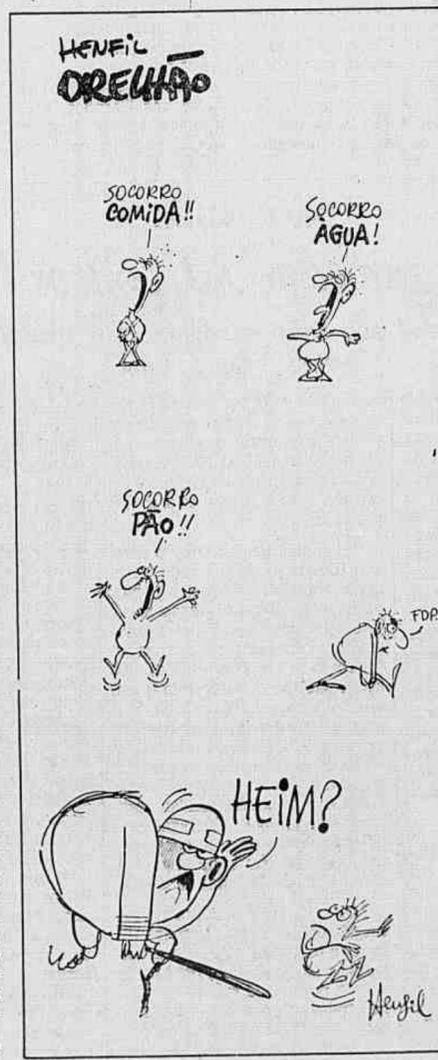
Table with columns: DE, A, ESCOLA, ENDEREÇO, CANDIDATOS. Lists 80 exam locations across various schools in São Paulo and surrounding areas, including USP, PUC, and various municipal schools.

SANTO ANDRÉ

Empresa atrasa salários e perde as máquinas

Depois de cinco horas de conversas e tentativas, o Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André conseguiu remover, ontem, três máquinas fresadoras da Norbert Winer, indústria de equipamentos eletrônicos, cujos operários estão em greve há dezoito dias, por atraso de pagamentos. As máquinas, retiradas da empresa por ordem judicial da 2ª Junta de Conciliação e Julgamento de Santo André, estão avaliadas em 380 mil cruzeiros e ficarão guardadas na sede do sindicato até que a Justiça determine a data em que serão leiloadas. O dinheiro servirá para pagar parte do que a empresa deve a cinco operários, que rescindiram seus contratos com a firma em janeiro, por atraso de pagamento, e que até agora não receberam sequer seus saldos de salários, segundo afirmou o advogado Valdecirio Telles Veras, do sindicato. Entretanto, nem com o leilão das três máquinas a firma conseguirá quitar as dívidas com esses cinco operários, avaliadas pelo advogado em 1 milhão de cruzeiros. Ontem à tarde, enquanto o secretário-geral

do sindicato, José Cicotti, tentava remover as máquinas da empresa, acompanhado por dois oficiais de Justiça, o advogado do sindicato entrava com o pedido de rescisão de contrato de 15 dos 21 funcionários que estão em greve desde o dia 20 do mês passado. Apesar de vários empregados estarem sem receber seus salários há vários meses - alguns desde dezembro do ano passado -, o Tribunal Regional do Trabalho ainda não declarou a legalidade do movimento. Mas o advogado do sindicato acredita que a sentença deverá sair nos próximos dias, "pois a greve foi deflagrada atendendo a todos os requisitos da lei 4.330". Além do atraso de salários, a empresa também não vem depositando o FGTS e o PIS de seus funcionários. No início da semana, a firma quitou parte do que devia aos empregados, que continuam em greve. Eles prometem não voltar ao trabalho enquanto não receberem seus direitos, inclusive o pagamento dos dias parados. Margarete Acosta, do ABC



MÚSICA

Os campeões invisíveis da música popular brasileira

Seus nomes nunca freqüentam as colunas de crítica musical. Nunca aparecem, também, nos grandes programas de televisão. E, no entanto, alguns deles vendem centenas de milhares de discos neste país

CLÁUDIO S. CARINA

Falar dos artistas que mais vendem discos no Brasil não é falar apenas de Roberto Carlos. Gal Costa ou Alcione, ou até mesmo de Nelson Gonçalves ou Agualdo Timóteo. Na sombra desses nomes mais conhecidos, abafados pelo alvoroço dos meios de comunicação de massa das grandes cidades, escondem-se os campeões invisíveis de vendas, artistas que chegam a vender mais de 700 mil discos sem que seus nomes ganhem qualquer notoriedade fora de público anônimo e intrigante que os prestigia.

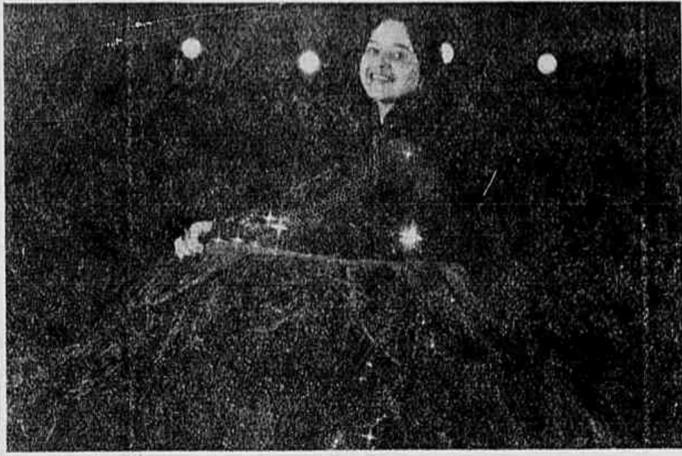
Ainda que em franca expansão, o mercado de discos no Brasil mostra-se ainda bastante acanhado quando comparado a mercados consumidores de países como Inglaterra ou Estados Unidos. Assim, enquanto nos Estados Unidos as gravadoras contam normalmente com 100 ou 200 mil unidades vendidas para qualquer artista pouco conhecido, no Brasil um artista iniciante que conseguir vender 10 mil cópias de seu disco deverá ter quase com certeza uma nova chance dentro da gravadora que o contratou. O que demonstra que vender algo como 100 mil discos ou mais, no ainda restrito mercado brasileiro, é façanha que poucos artistas conseguem, e que lhes garante, automaticamente, o prêmio "Disco de Ouro" por vendas. Por isso, ao saber que um cantor-compositor chamado Amado Batista vendeu em um ano mais de 700 mil exemplares de seu LP Sementes de Amor

(Continental), e que seu mais recente LP contava já com 300 mil cópias encomendadas antes de ser lançado, o mínimo que se pode fazer é perguntar: "Quem é esse cara? Que tipo de som ele faz?"

Amado Batista é um entre uma série de cantores de um gênero musical que o pessoal das gravadoras costuma chamar de "música de fossa". São em geral cantores-compositores sem um estilo específico, cantando uma mistura híbrida e anacrônica de música sertaneja-bolero-seresta-rock-romântico, entre outras. Assim, numa espécie de versão *hard core* das mesmas tragédias baratas en-

cadadas pelas telenovelas mais populares, Amado Batista - "minhas letras falam do cotidiano da gente simples" - fala em suas composições de crimes passionais, casais separados e amantes impossibilitados, sendo que uma de suas canções conta a história de um homem que assiste na maternidade a morte de sua esposa e o primeiro filho durante o parto.

Mais puristas no gênero musical que representam, mas também inspirados pelas estatísticas anônimas da crônica policial, o desconhecido conjunto sertanejo Trio Parada Dura aparece como um dos campeões de vendas no gênero "fossa". O mais recente LP do con-



Miss Lene: 250 mil discos em um ano. E Sementes de Amor, de Amado Batista, chegou aos 700 mil

junto, significativamente intitulado O Inferno da Vida (Copacabana), já vendeu mais de 250 mil cópias em todo o Brasil.

A dor-de-cotovelo e as paixões desvairadas - e geralmente contrariadas - são temas também muito bem recebidos pelo chamado público de discos "categoria econômica", principal alicerce de sustentação desses desconhecidos campeões. Um exemplo mais conhecido de cantor deste estilo é o folclórico Waldick Soriano, mas ao seu lado encontramos também alguns ilustres desconhecidos, como Carlos Alexandre, com 300 mil discos vendidos, ou Márcio França, com 250 mil.

Apesar de pouco divulgada nas grandes cidades, a música folclórica costuma ser uma área de investimento sólido e seguro para as gravadoras. São em geral discos de custos de produção baixíssimos, por não exigirem grandes sofisticadas em termos de qualidade de gravação, embalagem ou promoção, e que freqüentemente alcançam tiragens de 50 ou 100 mil exemplares. Entre os líderes do gênero, além do citado Trio Parada Dura, encontramos o violeiro Genival Santos, com sua música do Norte-Nordeste, e o trio caipira Milionário e Zé Rico, ambos com vendas acima de 300 mil discos.

Mesmo estando em franca e reconhecida decadência, a disco-music brasi-

Amado Batista:
Do romântico ao popular moderno, um LP que planta Sementes de Amor

Recentemente contratado pela Continental, Amado Batista já se consagrou como um grande vendedor de discos, dada sua grande capacidade como compositor e intérprete que abrange desde o romântico até o popular moderno. Nasceu em Catalão, Estado de Goiás, desde menino já mostrou fortes tendências musicais, tanto que, muito jovem ainda, em 1963, partiu para Goiânia a fim de estudar a carreira artística apreciando-se em vários festivais. Em 1974, participou do II FICANTH - Festival Popular da Condição Triadêmica - onde conseguiu impressionar vários jurados, merecendo dois prêmios para guitar e primeiro disco, um compacto duplo. Entretanto, foi em 1976 que Amado Batista conseguiu se definitivamente no mundo dos discos, quando gravou "Sementes de Amor" que se tornou em todo o Brasil com uma venda de 100 mil cópias e conseguiu permanecer por vários meses nas principais paradas de sucesso, principalmente em Goiânia, onde recebeu o prêmio de ouro e o diploma de "O Melhor Cantor de 1977". Neste novo LP, Amado Batista participa de seis composições belíssimas e interpreta duas faixas com a grande serenidade que o caracteriza, e que já nos faz reconhecer seu nome entre os grandes da Música Popular Brasileira. "Sementes de Amor" de Amado Batista é um lançamento de Disco Continental, já com uma venda aproximada de 200 mil cópias.

DEPTO. DE IMPRESSÃO
MUSICA
CONTINENTAL



SUCESSO MARGINAL
Carlos Alexandre: 300 mil discos vendidos

leira apresenta ainda alguns recordes de vendas, com fenômenos como o conjunto vocal As Melindrosas, que chegaram a vender, entre compactos e LPs, mais de 800 mil discos da trilha sonora do filme Disco Baby, estrelado pelo conjunto. Outra artista do gênero que se sobressaiu em vendas durante o último ano é a cantora Miss Lene, que, com a mesma voz metálica e impessoal dos modelos enlatados, vendeu nada menos do que 250 mil discos. Um pouco mais pretenciosa em suas letras, tendendo mais ao bom e velho rock'n'roll, e arriscando um esboço de crônica de seu tempo e sua geração, a cantora Bianca aparece logo a seguir, com 200 mil exemplares vendidos de seu compacto Os Tempos Mudaram (RGE).

Por maior que seja a diversidade de estilo dos

campeões de vendas de discos no Brasil - sejam eles conhecidos ou não -, é curioso notar uma particularidade: todos, sem exceção, são cantores ou cantoras. O que vale dizer que a música instrumental continua ainda longe do grande público, o que de certa forma condena os músicos instrumentistas ao papel de simples acompanhantes. Tanto isso é verdade que o disco instrumental que mais vende no Brasil é o LP A Harpa e a Cristandade, de Luis Bourdon, com músicas de Natal, contando até o momento com cerca de 1 milhão de unidades vendidas.

Só que o LP foi gravado quinze anos atrás, consta no catálogo permanente da gravadora e vende uma média de 100 mil cópias todos os anos, no período de setembro a dezembro.

INGLATERRA

Um manto diáfano sobre a pornografia

O Parlamento britânico prepara um código para disciplinar o avanço acelerado da pornografia

FERNANDO PACHECO JORDÃO, de Londres

Que cena de filme ou foto de revista é obscena, imoral, pornográfica ou simplesmente erótica e excitante? Os ingleses estão apenas começando uma discussão, que deverá durar muito tempo, sobre censura à pornografia. Um novo código poderá ser transformado em lei pelo Parlamento, a partir de um extenso relatório elaborado por uma comissão presidida pelo professor Bernard Williams, do King's College, de Cambridge, e integrada por advogados, jornalistas, um diretor de escola, um pastor da Igreja Anglicana e um psiquiatra. No total, um grupo de treze pessoas que passou várias semanas folheando a mesma literatura que os tímidos solitários de Londres folheiam em suas incursões pelo bairro de Soho e assistindo aos filmes que toda noite estimulam a imaginação dos freqüentadores dos sujos cineminhas da boca do lixo londrina. A que conclusão chegaram? Em primeiro lugar, todos acharam que não há nenhuma razão científica para se acreditar na relação entre pornografia e aumento do índice de crimes sexuais. Que o psicólogo australiano John Court procurou estabelecer em recente trabalho.

A comissão verificou que, quase sempre, o usuário das lojas e cinemas de pornografia, ao contrário do que afirma o psicólogo, não sai dali de olhos esbugalhados, pronto a atacar a primeira adolescente que passar à sua frente; ela descobriu que o hábito desse comércio está mais para o tipo a que o roteiro de fim de semana do JORNAL DA REPÚBLICA atribuiu certa vez a inscrição de parede "faço justiça com as próprias mãos: sexo também". Portanto, não há por que se preocupar com um imaginário aumento da criminalidade. A comissão está mais preocupada é com a poluição cultural e visual que a grossura e o mau gosto da indústria da pornografia trazem para a cidade. Por isso, os treze estudiosos do assunto propõem uma série de medidas, não para eliminar, mas para esconder a obscenidade, que atualmente está à vista de qualquer transeunte, nos cartazes e fotos de lojas e cinemas. Futuramente, se a lei for aprovada, qualquer loja ou cinema "de sacanagem" - como o ramo é conhecido no Brasil - terá uma fachada muito discreta, sem cartazes nem fotos.

Nos cinemas, além disso, a freqüência seria restrita rigorosamente aos maiores de 18 anos, e uma comissão a ser criada teria poderes para proibir totalmente a exibição, em qualquer sala, de filmes com jovens que aparentem menos de 16 anos. Proibem-se também os filmes em que os atores - como parece ter acontecido no passado - tenham sido submetidos a violências físicas reais e até assassinatos. Uma particularidade curiosa é a proposta de que, no saguão do cinema, ainda se previna algum desavisado que tenha comprado ingresso sem saber do que se trata.

O aviso estaria num folheto com a sinopse do filme, preparada pela própria comissão. O perigo de tudo isso é a pornografia fornecer pretexto para uma censura generalizada no cinema.

TELMO MARTINO

Pires motorizado

Embora São Paulo tenha apenas três ou quatro teatros que mereçam esse nome, há, no momento, nada menos do que 31 peças em cartaz. É claro que a cidade não tem público suficientemente interessado ou abnegado para fornecer um número

indispensável de espectadores para todos esses espetáculos. É por isso que, nessa proximidade do Natal, o teatro faz concorrência ao Exército da Salvação e passa seu pires motorizado, espalhando Kombis pela cidade, vendendo ingressos a preços

muito reduzidos. Nada mais natural. Quando se oferece *marron glacé* ao mesmo preço de Sonho de Valsa, aí mesmo é que aumenta a disputa pelo primeiro. Fernanda Montenegro e J. C. Violla são ótimos exemplos dessa situação.

Fama recuperada

Os jornais paulistas estão alegremente espantados com um grande aumento de vendas, nos últimos dias, na capital.

Ha motivo para a alegria e nenhum para espanto. O aumento tem fácil explicação e um único responsável. É a atriz Maria Schneider. Quando lhe contam que um

jornal paulista publicou seu nome e sua foto, ela sai correndo para a primeira banca e compra todos os exemplares que encontra. Com isso, ela se sente sete anos mais jovem. Pois foi só em 1972 que os jornais dos países importantes lhe deram destaque igual. Depois caíram num total, longo e, provavelmente, merecido silêncio.

União desunida

O Pequeno Polegar acaba de pedir a rescisão de seu contrato.

Prefere não ter nenhum pied-à-terre em São Paulo, a continuar usando um dos teatros da elitista Ruth Escobar como residência paulista. Esta semana, teve seus diminutos aposentos invadidos por duzentas mulheres da turma do xale-e-chita que ele identificou, imediatamente, como feministas, pelas cin-

turas alastradas por uma total ausência de soutiens. Durante o discurso de Zuleika Alembert, o Pequeno Polegar pôde dormir tranqüilo, embalado pela queda ritmada dos clichês. Mas na hora dos debates, ele não teve a mesma paz.

Foi acordado, abruptamente, por um tipo de palavra que lhe deu a ilusão de que alguma peça de Plínio Marcos tinha começado seu en-

saio geral. Lembrando-se, com saudades, do tempo em que a guerra dos sexos era assunto para o humor seletivo de James Thurber, o Pequeno Polegar procurou Ruth Escobar para uma reclamação. É claro que não encontrou. Sempre elitista, Ruth Escobar emprestou o teatro, mas não compareceu, não mandando sequer Assunta Perez para representá-la com mais uma imitação.

Conto verdade

O número de dezembro da revista Esquire vai exigir todo um trabalho de atualização por parte dos contistas mineiros. Amplamente noticiado na capa, Truman Capote, o grande estilista americano, publica, dentro da revista, um conto chamado Dazzle. Embora tudo o que Truman Capote escreve traz sempre novidade, ele garante que, desta vez, está iniciando um novo gênero. Quando publicou A Sanguê Frio, Truman Capote criou o "romance sem ficção". Com Dazzle, ele in-

venta o "conto sem ficção". Isto é, "utiliza os efeitos estilísticos dos bons romancistas e que raramente são usados pelos reporteres", mas sem qualquer "ficcionalização da realidade". O importante é dar à língua "a mais alta qualidade literária". Truman Capote garante que Dazzle é inteiramente autobiográfico. E para facilitar a integração dos contistas mineiros no novo gênero, é sobre episódios e experiências vividas em sua infância.

Viagem rápida

Os trabalhadores do serviço de limpeza urbana de São Paulo não se precisam inquietar com um excesso de trabalho. Regina Vater não vai jogar fora sua arte. Vai vender tudo antes de embarcar para Nova York. Pretende, aliás, demorar-se por lá, durante o tempo que puder comprar com o dinheiro apurado por essa venda. Sabendo disso, os amigos ficaram exultantes. Não terão ausência suficiente para uma saudade. Regina Vater sai em busca de Nova York, desiludida com o movimento artístico paulista. Os que ficam têm certeza de que, daqui a pouco, Regina Vater estará desembarcando aqui, com muita arte reproduzida, com muita cor, pelo sistema xerox. Xerox colorido, ainda uma exclusividade do primeiro mundo, é a última facilidade descoberta pelos artistas. E Regina Vater pode ser indiferente às novidades difíceis, mas nunca resiste a uma nova facilidade.

Mulheres históricas

Norma Benguel está escrevendo um livro. Possivelmente em papel quadriculado, certamente o mais indicado para dar tamanho uniforme para todas as suas letras. Norma Benguel só escreve a mão, usando sempre as maiúsculas que as outras pessoas só adotam quando são forçadas a colocar o próprio nome numa ficha. O livro de Norma Benguel, para não surpreender ninguém, será sobre as mulheres que conseguiram intrometer-se na história do Brasil. Dinah Silveira de Queiroz é que não pode estar contente com a novidade. Deve saber que, com livro publicado, Norma Benguel será rival como candidata à Academia Brasileira de Letras. Uma vez com capa, ela certamente exigirá a espada. Nem que seja para reforçar sua imagem de Zorro do feminismo. A publicação do livro de Norma Benguel exigirá também uma atitude de Odete Lara. Até agora a única vedete com livro editado, Odete Lara se sentirá na obrigação de escrever um segundo volume para as suas memórias, que, à essa altura, já merecerá o título de Cem Anos de Aquecimento.



Norma: a caligrafia, pelo menos, é maiúscula

LIVRARIA MANDURI
Livros Nacionais e Estrangeiros
Livros de Arte
Pockets
Peca p/ telefone!

Rua da Consolação, 323
Fone: 256-9610
CEP 01301 São Paulo.

livraria summus
TEM O LIVRO QUE VOCE PROCURA

BARÃO DE ITAPETININGA, 140
LOJA 4 - TEL. 34-0739 - SP

TURISMO

As notícias da semana, todo o vaivém dos negócios do turismo estarão sempre nesta nova coluna: "Dando o Serviço"

Ainda há tempo de você escolher como vai entrar em 1980. Veja os preços e mande o resto pro espaço

DANDO O SERVIÇO

As incertas da Embratur

De repente e sem alarde, no melhor estilo das "incertas" que os chefes costumam dar nas repartições públicas, a Embratur começará a inspecionar os hotéis classificados a partir do mês que vem. No Brasil inteiro já estão classificados setecentos hotéis e até o fim de dezembro esse número subirá para 1.500; a Embratur quer saber se eles continuam honrando o número de estrelas que conquistaram na primeira inspeção.

O presente da VASP

O presente de aniversário da VASP (46 anos) foi o anúncio oficial de que está autorizada a importar mais oito Boeing 727 Super-200, que serão incorporados à sua frota em 1980. E a VASP não fica nisso, não: quer (e vai conseguir) explorar linhas internacionais de cargas, começando por Manaus-Cidade do Panamá, que é servida apenas por empresas estrangeiras.

Viaje sem pagar taxa

Quem comprou passagem de avião até sexta-feira, dia 30, pode viajar sossegado porque não pagará nenhuma taxa extra para compensar o aumento de 23% autorizado pelo Departamento de Aeronáutica Civil. Mas é preciso utilizar as passagens dentro de trinta dias senão vai pagar.

Telefones sob controle

É tão grande a exploração que os turistas sofrem ao fazer ligações telefônicas nos hotéis que o Ministério das Comunicações foi obrigado a intervir. O ministro Haroldo Mattos vai assinar portaria fixando normas de aplicação e limites de valor para a taxa de serviço cobrada dos hóspedes.

porque atualmente há quem tenha o cinismo de exigir até 100% sobre o valor de tabela da ligação efetuada.

Varig premia os veteranos

Durante um jantar no salão nobre do seu edifício no Rio, a Varig homenageou 34 tripulantes que acabam de completar 25 anos de voo. Cada um recebeu um distintivo para recordar a festa.

Alagoas não é só mar

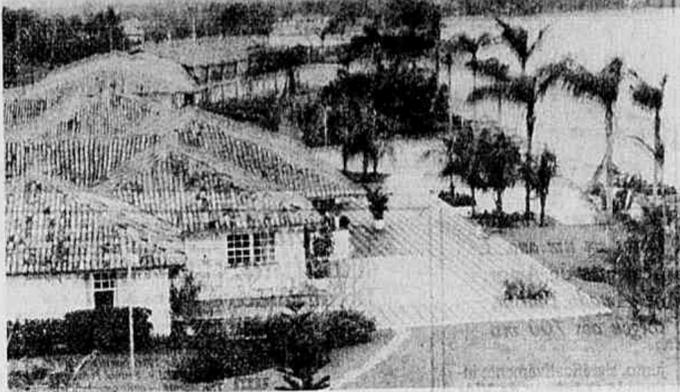
Penedo, cidade alagoana do século XVII, e Marechal Deodoro, a primeira capital do Estado, são as duas principais atrações turísticas que a Ematur (Empresa Alagoana de Turismo) vai promover através do seu Plano de Turismo Social. O projeto prevê a criação de oportunidades de lazer para a população de baixa renda e a descentralização do fluxo turístico das praias do litoral norte e sul do Estado. Afinal, Alagoas não é apenas Pajuçara ou Lagoa do Mundaú: o interior está cheio de beleza.

Quantos vêm à AL em 80

Serão 500 milhões os turistas que percorrerão o mundo em 1980 e 20 milhões deles, pelo menos, virão à América Latina. É o que se informa em Vinã del Mar, onde duzentos jornalistas de 22 países participam do 6º Congresso Latino-Americano de Imprensa Turística (Claptur) iniciado no último dia 30.

Feijoada à Braniff

A Braniff faz campanha de mobilização da cozinha do Hotel Brasilton (rua Martijns Fontes, 33) para preparar sua feijoada anual de confraternização. O monumental rega-bofe está marcado para o Salão Topázio do hotel, ao meio-dia de sábado (dia 8)



VIDA MANSÁ

Costa Verde: plantaram um verdadeiro jardim à beira-mar

PARAÍSO

Nesta "cidade" é proibido ficar triste

Costa Verde-Tabatinga fica na beira do mar, no Litoral Norte. São 60 milhões de m² do mais puro lazer

PAULO SÉRGIO MARKUN

Campos de golfe, restaurantes, um centro comercial, clubes, toda a infraestrutura. E praia. Essa é a proposta de Costa Verde-Tabatinga, versão nacional de cidades de turismo mundialmente conhecidas, como Porto Retondo, que já é muito mais que um projeto, encrava numa área total de 60 milhões de metros quadrados, no Litoral Norte de São Paulo, entre Caraguatuba e Ubatuba.

Essa área toda foi comprada por um grupo italiano, apoiado por um banco suíço, e começa a se transformar no maior empreendimento turístico do litoral brasileiro, segundo seus idealizadores. Nessa primeira etapa, estão sendo urbanizados 1,2 milhão de metros quadrados. E urbanizar, no caso, não significa somente colocar água, luz, esgoto e abrir as ruas, mas criar realmente um centro urbano com opções de lazer para toda a família e equipamento para nenhum comodista botar defeito.

Costa Verde-Tabatinga é um condomínio fechado, a beira-mar, mas seus construtores asseguram que ele não impede o acesso de outras pessoas à praia. Mas, dentro do loteamento, só entram os proprietários de lotes ou apartamentos e seus convidados. Segurança total, portanto, garantida não só pelas portarias, como por uma guarda particular, que patrulhará todas as ruas.

Como pretendem utilizar essa primeira etapa do projeto à maneira de um cartão de visitas, os construtores invertiram a lei que manda reservar 30% da área total para uso coletivo: no condomínio Costa Verde-Tabatinga, 70% do terreno são ocupados pelas áreas públicas e por um gigantesco campo de golfe, e apenas 30% foram comer-

cializados, sob a forma de quase quatrocentos lotes, mais duzentos apartamentos situados numa colina que dá uma ampla vista para o mar. Sem contar os apartamentos individualizados - cada projeto é diferente do outro - situados no világio, réplica perfeita desses vilarejos europeus à beira-mar, com seus telhados desenhados, pequenas vielas, prédios irregulares e vastas marquises, sob as quais se pode circular toda a área central.

Pode-se-se portanto, escolher entre terrenos dando frente para a praia, fundos para o campo de golfe ou apartamentos na colina e no világio. Para a total, contudo, funciona a central de serviços, que deixa o condomínio mais próximo de um hotel gigantesco do que de um loteamento convencional.

Uma das possibilidades oferecidas por essa central: na sexta-feira, o dono da casa telefona e informa que irá até lá no fim de semana. Uma empregada do condomínio abrirá a casa, ligará a geladeira, fará uma inspeção em tudo e poderá até mesmo abastecer a despensa. Outra alternativa: comprar uma das doze suítes do hotel já construído no centro do condomínio, praticamente dentro da praia e que levam consigo o flat service. Além desses apartamentos, o hotel tem outros dezoito, todos funcionando já a pleno vapor, como forma de movimentar o condomínio, onde há

algumas dúzias de casas em construção - que dispõem já da infra-estrutura básica instalada.

Em janeiro, dizem Francesco Giovannini e Roberto Sabbadini, os idealizadores do empreendimento, muitas famílias já passarão as férias no condomínio. E em julho será inaugurada a primeira das duas praças circulares que compõem o világio, com 20 lojas e 87 apartamentos. O campo de golfe está sendo rapidamente gramado, e depois virá um flutuante, primeira etapa do clube náutico, quadras de tênis e poliesportivas (que integram o clube esportivo), estande de tiro ao alvo, um centro hipico na vizinhança da Mococa, boate no subsolo do hotel, centro de serviço para barcos, cabeleiros, sauna etc.

Os lotes mais distantes não ficam nem a 800 metros dos clubes e do világio. É um grande estacionamento, bem atrás das praças circulares, que juntamente com as garagens subterrâneas dos apartamentos, mantém os carros longe do centro.

Para facilitar as coisas, a Tabatinga-Lagoa fez um pequeno concurso de arquitetura: selecionou cinco arquitetos de renome e encomendou projetos-padrão para os lotes do condomínio. Ricardo Ramenzoni, Elza Walters, Szpiegel-Magalhães, Ana Longi e Olavo Onken assinam essas plantas, hoje expostas no show-room do condomínio, na rua Augusta, 1053.

Na pista do réveillon ideal

Em Atenas, como Cary Grant

Mesmo que você não tenha a pinta de Gary Grant em *Ten Days in Athens*, também pode dar uma de playboy internacional. Não há melhor cenário para isso do que um tombadilho de navio, de preferência singrando o Mediterrâneo. No filme, Grant era um mudo que pagava as contas com charme; para você, um cruzeiro cinematográfico vai sair um pouco mais dispendioso, mas, em compensação, pode dar no outro de dez a zero em matéria de roteiro.

Começa que o Navarino parte de Cannes, no dia 21, tão cheio de veneno que se dá ao luxo de esnobar Gênova (uma paradinha rápida, de quatro horas). Quando botar o pé em terra firme novamente, já estará em outro continente, perambulando pelos mercados de prata da Atenas. De volta a bordo, é bom ir preparando o smoking e o recheio dele (que tal sauna, ginástica e uma massagem?) para a festa de Natal, com show.

Alexandria é o próximo porto e, com Cairo ali ao lado, já tem programa para uma tarde quente. Já sabendo que depois de amanhã vai estar do outro lado deste mundo, pegando o ônibus Haifa-Jerusalém. Na Terra Santa você se despede do Mediterrâneo, sobe até o Egeu e tenta botar a adrenalina sob controle, porque Atenas está à vista, é 31 de dezembro e um réveillon a bordo, nessas vizinhanças, mexe com o turista mais caçalado.

Preço por pessoa: 155 mil cruzeiros, pela Tour Saitecin (r. Araújo, 165/2º andar)



Entre o cantador e o repentista

Pode ser que o pessoal não resista e, à meia-noite, ataque de Tá chegando a hora, mas esse vai ser o único escorregão - muito compreensível aliás - no réveillon tipicamente nordestino que a Tour Brasil (r. da Consolação, 247, cj 1)

está planejando em Fortaleza. O porteiro do hotel Colonial Praia já teve ordem de barrar tudo que for convencional e os únicos alienígenas bem-vindos são vocês, que vão ouvir os melhores cantadores e repentistas da terra. Mas entre pegar o avião em Congonhas, ao meio-dia de sexta-feira, 28, e a ceia de 31, há muita coisa pra fazer. A 27 km de Fortaleza, vocês podem passar uma tarde em Maranguape, cidadezinha encravada no

pé da serra, para bons passeios no balneário de Pirapora e compras baratas na fábrica de colchas de chenille. E na segunda, dia 1º, uma ksauña e piscina no hotel mesmo. Na pior preguiça, que o avião de volta só sai à meia-noite.

Vocês dois vão gastar 31,980 cruzeiros.



Entre vulcões, na Ilha da Páscoa

O fascínio que as ilhas exercem sobre a gente, essa tem em dobro: praias desertas, vulcões, uma cidade cerimonial, cavernas, o mistério dos gigantes esculpidos em larva que "protegem" a costa e até a leão do mar com setete mil súditos. "Clima" é o que não falta à Ilha da Páscoa, onde os que têm espírito aventureiro se sentem tão em casa como Hotu-Matua e sua rainha.

Santiago é o ponto de partida para essa viagem de fim de ano da Agência Brasília (pça da República, 115). No dia 30, depois de sobrevoar 3.000 km de Pacífico, vocês avistam as ruínas das grandes plataformas de pedra que cercavam a ilha. E exploram seus mistérios até 4 de janeiro.

Os dois vão gastar 130 mil cruzeiros.



Na Gaiola, no estilo Mississipi

As praias do São Francisco, a boa caçaria de Januária e a arte dos mestres sertanejos que esculpem aquelas formidáveis carrancas em madeira estão no caminho de seu réveillon a bordo da Gaiola, um vapor igual aos do Mississipi. Viagem para quem quer um fim de ano calmo, sem levar muita coisa na bagagem, além da roupa de banho e da vara de pescar.

A aventura, programada pela Paradiço, (praça da República, 199-cj 11), começa dia 27 em Belo Horizonte, onde se pega o ônibus rumo a Pirapora, com parada para visitar Marquim, uma das mais famosas grutas mineiras. Depois, o rio e a mata são a paisagem. Vocês têm cinco dias inteiros para navegar e esquecer-se da vida, só voltando à civilização quando já for 2 de janeiro. Um casal faz essa viagem por 37,600 cruzeiros.



INDICADOR HOTELEIRO

SÃO PAULO CAPITAL

ARTEMIS HOTEL
Aptos. standard e de luxo - Estacionamento - American Bar - Esmeraldo café com 15 itens - TV a cores. Al. Barão de Limeira, 44 - Tel. Gerência 221-9366 - Reservas: PBX 221-9166.

BROADWAY
Aptos. de luxo - ar condicionado - geladeira - TV a cores - jornais diversos - Lavand. - American Bar - Estacionamento gratuito - Av. S. João, 536. Fone: 222-2811.

CITY
O LAR DA CORTESIA. Apos. de luxo - televisão - jornais diversos - Public Relation, Estac. American Bar - lavand. prop. café com 15 itens - R. Brigatão Tobias, 721 - Fone: 227-0022. End. TE: CITOTEL.

HOTEL ADRES
400 ADRES, 081 - FONE: 211-2111 - CEP: 04011-040

REAL HOTEL
Aptos. tipo colonial com TV e gelad. - Ar condicionado - Restaurante inter. American Bar - Preços razoáveis - R. Timbiras, 621 - Telefone: 220-7811

REAL PALACE
Um hotel tranquilo no ponto nobre de São Paulo 20m da Praça da República - Apos. com est. colonial e música FM TV Ar Cond. - American Bar com música ao vivo. Galeria de Arte - Av. Ipiranga, 797 - Fone: 220-7827

TYCHO'S BAR
Anexo ao restaurante do MERAK HOTEL - O Hotel da Zona Sul - Av. Lavandisca, 262 - Moema - Fones: 643-7903 e 642-8181

LITORAL GUARUJÁ

GÁVEA PALACE HOTEL
Apartamentos e Suites. Restaurante Internacional. American-bar, salão de Convenções, serviço de praia. Reservas em São Paulo: rua 7 de Abril, 296 - 7º andar - fone: 239-4978.

INTERIOR AMPARO

GRANDE HOTEL AMPARO
Agora sob nova direção. Moderníssimos apos. todos acarpetados e climatizados. Palmates e café da manhã. Lavandaria própria. Reserva e informações: fone: 79-2093 - Pça. Barão do Rio Branco, 33 - Amparo.

ATIBAIA

ESTÂNCIA LYNCE
Hotel de campo e Restaurante Água - sol - cor - vida. Salão p/convênções, piscina bar, fitness, esportes, cavalos, TV etc. Tel. 484-2942 - S. Paulo 222-2811

Para anunciar TELEFONE PARA: 257-0099 Sr. RAUL

CHALÉS HOTEL Fazenda Vale do Sol
RESERVA S.P.
Av. São Luiz - 112 - 12º and. conj. 1202 - São Paulo
259 0481-257 9705

LUA DE MEL
FINS DE SEMANA TEMPORADAS FÉRIAS
- Genial - Diferente

MARCEL RUA EPITÁCIO PESSOA, 98 (CONSOLAÇÃO) NOTA: 8

Ah! como é rara, fora de Paris, uma omelete bem feita. Mas certamente seria inatacável se quem a tivesse preparado fosse Jean, o dono do Marcel juntamente com Jacques. Jean é cozinheiro, lionês; Jacques é maître, alsaciano.

Naquela noite, Jean funcionava como maître, não foi à cozinha e a omelete me desiluiu. Mas quando Jean, que comprou o restaurante do primeiro dono, Marcel Aurières, enfiou seu rosto de cuisto na cozinha e trabalhou sabores como um pintor dosa as suas cores, então a cozinha francesa pode conhecer momentos de glória. Jean serve 36 pratos, dos quais alguns são de sua criação: o soufflé de camarões Marcel (com queijo); o soufflé

Ceylan (risoto com frutos do mar e curry); o poisson Jean Jacques (filé de pescada ao forno com gratin dauphinois); os camarões au caviar; os camarões Monte Carlo, suavemente introduzidos dentro de uma batata, assados ao forno e gratinados com queijo.

Mas de todos os pratos eu, pessoalmente, prefiro o coelho com ameixas, uma combinação robusta e suave, que se vale da cumplidade do Madeira. Jean prepara também um excelente patê de fois e outro muito sábio de campanha. Sobremesa tradicional da casa: as tartelettes, barquinholas de massa podre com frutas, inclusive os comovedores myrtilles. A escolha de vinhos é sempre boa, com o único senão, inevitável, de depender dos representantes. Em todo caso, confie nos conselhos de Jean ou Jacques; eles sa-

bem das coisas. (Preço por pessoa, em média 500 cruzeiros.)

LA BETTOLE, RUA AMAURI, 527
NOTA: 7

Bettole, palavra italiana, quer dizer estalagem, cuja frequência deixa a desejar. E palavra antiga e, por isso talvez, La Bettola tem a pretensão de parecer pouxada medieval. A boa comida compensa as cadeiras de ençoço vagamente gótico, digamos. (Atenção: não pendure ali seu paletó.)

Ataque honestos e, em alguns casos, importantes pratos de massa. Paglia e Fieno, ao molho de tomates, pergumado de manjerico; Tortelloni di Ricotta (no recheio, colhe-se também a pastosa presença de nozes) ao creme, ou, mais simplesmente, passados na manteiga e salpicados por folhas de sálvia. Cogumelos

secos italianos podem ser convocados sobre as mesas deste restaurante para enriquecer fatalmente um "risoto" de alta qualidade.

Importante: no La Bettola é possível tomar Barolo, coisa rara em São Paulo. Barolo, um dos melhores tintos italianos, vinho piemontês de antiga estirpe e admirável resistência ao envelhecimento (e somente saído do tonel depois de cinco anos), vale sempre a pena. Mas sem Barolo e sem outro vinho, você vai gastar entre 300 e 350 cruzeiros por pessoa.

Equilibrada sobre os saltos finos das botas sob medida, a dona da casa circula entre as mesas ocupadas por pares seus, figuras da alta burguesia paulistana.

Ela tem o fascínio grave de Circe. Em outros tempos, foi Nausica. Marília Braga virou empresária de refeição. Decorado com simplicidade criativa, digamos assim, o Oscar fica entre os anos 30 e a trattoria da província italiana. Mesmo que as pessoas entradas em anos se sentem às mesas do Oscar (mas é minoria, ali), o ambiente é irremediavelmente jovem. Pode-se tomar vinho em canecas e chopes bem tirado. E comer honestos pratos, a começar por três opções de massa encabeçadas por ricchelle apreciáveis. Muito bons o bacalhau na brasa e o salsicão com salada de batatas. O cardápio é deliberadamente simples, os gêneros são de excelente qualidade e a comida nada mais pretende do que ser bem-preparada, sem requintes e sem afetação. (Preço médio por pessoa, 250 cruzeiros.)

- COTAÇÕES**
- ***** — ÓTIMO
 - **** — MUITO BOM
 - *** — BOM
 - ** — REGULAR
 - * — SOFRÍVEL
 - — PÉSSIMO

Na Tupi, a retrospectiva das eliminatórias do festival de MPB

BOAVIDA

Sérgio Buarque de Holanda autografa "Tentativas de Mitologia". Livraria Livre (rua Alagoas, 671), às 18h30

SHOW/MÚSICA

João Bosco estará cantando as músicas de seu último disco. No Municipal

**** JOÃO BOSCO**
Teatro Municipal às 21h.

Com roteiro e textos de Al-dir Blanc, o show que João Bosco estreia hoje, reúne as músicas de seu último disco "Linha de Passe".
Precos: de Cr\$ 10 a Cr\$ 50.

*** GRUPO 14BIS**
Fundação Getúlio Vargas (av. 9 de Julho, 2029)

Este, o primeiro "show" deste grupo em São Paulo. Flávio Venturini, Vermelho, Sérgio Magrão, Heli Rodrigues e Cláudio Venturini interpretarão entre outras "Casa Encantada", "Nascente" e "Criaturas da Noite", músicas compostas pelo próprio grupo. De 4º a domingo às 21h preço único Cr\$ 120

*** WANDERLEIA EM CONCERTO**
Café Teatro Moustache (r. Sergipe, 160)

Depois de uma longa ausência da pública de São Paulo a ex-"ternurinha" volta para uma curta temporada de quatro dias.
Horário: 1 da madrugada
Covert: Cr\$ 300

****** MOREIRA DA SILVA**
Ópera Cabaret (av. Rui Barbosa, 354)

Conhecido como um dos iniciadores do samba de breque, Moreira da Silva estará apresentando os seus sucessos como: "Filmando na América", "Na Subida da Marra", "Conversa de Botequim", "Gago Apaixonado" e outros. Moreira da Silva e Makalé estarão concorrendo à finalíssima do "Festival de Música Popular Brasileira", da Tupi, com a música "Tira os Óculos e Mostra o Homem".

Recital de piano e canto com Neyde Carvalho (soprano) e Saul de Almeida (pianista). O programa inclui Debussy: "Suite Bergamasque"; Três Prelúdios; Fauré: "Poème d'un Jour"; Duparc: "L'invitation au Voyage"; Chanson Triste; Paulenc: "Airs Chantés".
Precos: Cr\$ 40 e Cr\$ 20

**** CÉLIA**
Homo Sapiens (r. Marquês de Ilu, 182), à meia-noite

A veterana cantora estará cantando músicas como "Marinô", "Café de Manhã" de Roberto Carlos.
Covert: Cr\$ 200

**** CORAL PAULISTANO**
Biblioteca Mário de Andrade, (r. da Consolação, 94) às 18h30

Sob a regência de Miguel Arqueróns, interpretará músicas de Clorinda Rosato e Oswaldo Lacerda. Entrada franca

DANÇA

**** GRUPO ANDANÇA**
Rua São Caetano
Teatro Brasileira de Comédia (r. Major Diogo 315)

Sete bailarinas, Cristina Brandini, Juçara Goldstein, Lia Rodrigues, Malu Goncalves, Marta Salles, Sílvia Bittencourt e Sônia Galyvão dançam coreografias inspiradas no casamento. De 5º a domingo às 21h. Precos: Cr\$ 100 e Cr\$ 50. Até o dia 16

***** ZÉ RAMALHO**
Teatro Procópio Ferreira (r. Augusta, 2833)

No show "A Peleja do Diabo com o Dono do Céu", lançado todo disco do mesmo nome. No espetáculo, Zé Ramalho está acompanhado de Os Pau-de-Arara Band, nove músicos que sempre o acompanham.
De 21 horas, Preço: Cr\$ 150

****** CAETANO VELOSO**
Teatro Pixinguinha (r. Dr. Vila Nova, 253), às 21h.

No show de lançamento de seu último disco, "Cinema Transcendental", Caetano está acompanhado da Outra banda da Terra. O repertório inclui, entre outras músicas, "Oração ao Tempo", "Os Meninos Dançam", "Menino do Rio", "Trilhos Urbanos", "Beleza Pura", "Cajuína" e "Elegia".
De terça a domingo. Precos: Cr\$ 200 e Cr\$ 60; sábado, Cr\$ 250 e Cr\$ 80. Até 9 de dezembro

Horários: de 2º a 5º, às 23h30; sexta e sábados, às 24 horas.
Covert: Cr\$ 150 (de 2º a 5º) e Cr\$ 300 (sexta e sábado) Até 8 de dezembro.

**** CANTO E PIANO**
MASP (av. Paulista, 1578) às 21h

TELEVISÃO

As aventuras de um inspetor e um juiz, na semana francesa do 13

***** FESTIVAL 79**
Tupi, 21h25

Ainda não é a final. Só no sábado saberemos quem levará o milhão de cruzeiros. Hoje será apresentado apenas uma retrospectiva das eliminatórias. Uma boa chance de se conferir critérios e mentalidades, da emissora, do público e do júri. E para se ouvir Arrigo Barnabé, Walter Franco, Moreira da Silva e Macalé, e alguns outros poucos. Por falta de tempo, a fanfarrônica de Ziraldo e a histeria de boa parte do auditório estarão limitados.

***** UM TIRA BANDEIRANTES, 22h**
Na "Semana Francesa". Episódio da série policial "Chamas Ardentes", que reúne um inspetor e um juiz em aventuras realistas dirigidas por Denis de La Patellière. Não tem nada a ver com a paródia em dobro de "Staryk & Hutch". "Chamas Ardentes" "enfoca os problemas modernos de fraude fiscal, as multinacionais e as relações tecnocráticas justiça-polícia".

**** SAFARI NO ALASKA**
Tupi, 13h

Documentário da série "Aventura ao Ar Livre" mostrando a Alaska (que já foi território do Império Russo) "dps montanhas às tundras, das pequenas riachos aos icebergs".

**** ENTRE A LOURA E A MORENA**
Globo, 14h45

"The Gang's All Here" de Bubby Berkeley (EUA, 1943) É o primeiro filme de Carmen Miranda nos EUA, dirigido pelo grande mestre dos balés grandiosos e geométricos. Há uma cena famosa em que Carmen canta "The Lady into the Tutti-frutti hall" cercada por gigantes bananas móveis. O enredo é convencional: um jovem milionário servindo no Exército volta para casa e é recepcionado por um show com sua grande paixão (Alice Faye) e toda "gang" do New Yorker Night Club: Benny Goodman, O Bando de Lua, Edy Allen.

**** DESIRÉE, O AMOR DE NAPOLEÃO**
"Desirée", de Henry Koster (EUA, 1964) Cultura, 22h

Os fãs de Marlon Brando não vão conseguir deixar de achá-lo ridículo de franjinha e mão na barriga. A história baseada em "best-seller" de Annemarie Selinko se centra na sua namorada de infância, que acabou virando rainha da Suécia. No sábado o filme volta a ser exibido. Hoje, antes da projeção, debate com críticos e especialistas.

TEATRO

Na Sala Guiomar Novaes, Na Carrera do Divino

***** TIRO AO ALVO**
De Flávio Márcio
Teatro Faop (r. Alagoas, 903, tel. 826-4233)

Flávio Márcio analisa a repressão através de uma família burguesa. A direção é de Ronaldo Brandão. Com Marco Nanini e Lilian Lerner.

De 3º a 6º, às 21h; sábados às 20 e 22h30; e domingos, às 18 e 21h.
Precos: Cr\$ 200 e Cr\$ 100; 6º e sábado, Cr\$ 200 (único); e 4º, Cr\$ 100 e Cr\$ 50 (18 anos)

****** NA CARRERA DO DIVINO**
Pessoal do Victor
Teatro Funarte — Sala Guiomar Novaes (al. Nolhmann, 1058)

Baseado no livro "Os Parceiros do Rio Banho", de Antônio Cândido, este espetáculo pretende mostrar a cultura capenga sem mito e sem folclore e também discutir os problemas do campo. Fascinante.

Hoje, a festa comemorativa da centésima apresentação da peça.

De 3º a 6º, às 21h; sábados às 20 e 22h; domingos às 18 e 21h.
Precos: Cr\$ 100 e Cr\$ 70

****** NAVALHA NA CARNE**
De Plínio Marcos
Teatro Aliança Francesa (r. General Jardim, 184)

Depois de uma década censurada, a volta de uma das obras mais importantes do nosso dramaturgia. Sob a direção de Emílio de Biasi, o texto relata o submundo de uma metrópole através de uma prostituta, um homossexual e um cafetão. Com Ruthênia de Moraes, Edgard Gurgel Aranha e Odilon Wagner.

De 4º a 6º, às 21h30; sábados às 20h30 e 22h30; e domingos às 18h30 e 21h30.
Precos: Cr\$ 200 e Cr\$ 100

***** MOCINHOS BANDIDOS**
De Fauzi Arap
Teatro Sesc-Anchieta (r. Dr. Villa Nova, 245)

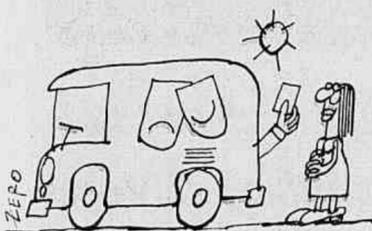
Brasil ano de 1979. Os personagens falam de tortura, drogas, repressão política, triângulos amorosos, futebol e televisão. Bruna Lombardi é a mocinha que contracenava com o bandido Carlos Alberto Ricalli. Amilton Manteiro, José Fernandes de Lira, Umberto Magnani e Walderez de Barros completam o elenco. Direção de Fauzi Arap.

De 4º a 6º, às 21h; sábados às 20 e 22h30; e domingos às 18 e 21h.
Precos: Cr\$ 100 e Cr\$ 50; 6º e sábado, Cr\$ 100 (único) — (16 anos)

Campanha da Kombi

As Kombis da Campanha 79 da APETESP, onde você comprará entradas para qualquer peça em cartaz por apenas Cr\$ 50,00 estarão estacionadas, hoje, nos seguintes locais:

- São Bento (Largo de São Bento — Metrô)
- Santo Amaro (Largo Treze de Maio)
- Lapa (Praça José Azevedo Antunes)
- Tatuapé (Praça Sílvio Romero)



Programa do dia

XV Bienal: últimos dias



Já bouve, é verdade, outras Bienais mais efervescentes, mais polêmicas, mais ricas. Esta 15ª foi recebida com certa má vontade. A culpa não é sua; ela apenas reflete a atual crise da arte. É mostruário, termômetro — e por isso deve ser vista. No Ibirapuera

MACUNAÍMA
Galeria Imagem-Ação (av. 9 de Julho, 3284)

Esta exposição tem como tema a peça "Macunaíma", adaptada por Antunes Filho. As fotos (43) são todas em branco e preto montadas em painéis de autoria de Henrique de Macedo Netto. Até o dia 15.

Horários: das 9 às 12 e das 14 às 22h, de 2º a 6º feiras. Aos sábados, das 9 às 12h e das 14h às 17h

A ARTE DA PRATA NO BRASIL
MASP (av. Paulista, 1578)

Exposição de prata brasileira dos séculos XVII, XVIII e XIX, com a colaboração de colecionadores paulistas. Ao mesmo tempo, ficará exposta o segundo volume da série Arte e Cultura, sobre este tema, cujo texto foi confiado a P.M. Bardi.

RENDAS DO NORDESTE
MASP (av. Paulista, 1578)

São trabalhos de renda do Nordeste, como portacopos em renda de bilro do Ceará. Até o dia 16 de dezembro

PEDRO MANUEL
MASP (av. Paulista, 1578)

Sua individual de agora reúne pinturas a óleo sobre madeira, aglomerado ou encaixel, que se baseia nos verdes das paisagens e folhagens.

LABARROS
Galeria de Arte Delfin (r. Marconi, 28)

Mostra os seus trabalhos de tapeçaria, resultado de suas pesquisas feitas com barbante. Até 21 de dezembro

RACHEL ARRUDA
Galeria Paulo Prado (r. Eng. Alcides Barbosa, 53)

A pintora que integra o grupo de Waldemar da Costa mostra suas naturezas-mortas, paisagens, peixes e barcos executadas entre 1978 e 1979. Precos: de 10 a 50 mil cruzeiros. Até o dia 30

CERÂMICAS
Pindorama (av. Faria Lima, 1409)

São 400 peças de cerâmicas utilitárias, de Megumi Yuasa.

A inauguração será hoje às 21h. Até o dia 15

BRUNO PEDROSA
MASP (av. Paulista, 1578)

Será inaugurada hoje às 18h uma exposição de desenhos e o lançamento do álbum "O Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro" de Bruno Pedrosa. Até 16 de dezembro

JACQUES ARDIES
Galeria Cravo-Canela (r. São Benedito, 1161)

São obras de 32 artistas primitivos e ingênuos. Até o dia 29 de dezembro

ANGEL SAN MARTIN
Galeria Espade (r. Pamplona, 929)

São óleos do artista chileno que também é professor da Espade. Até o dia 14

COLETIVA
Livraria Manduri (r. Consolação, 323, loja 1)

Helaisa de Queiroz, Jeanne e Zeida, Mary Lucy Porto, Ninco Bordanó e Vera Rodrigues mostram suas aquarelas, gravuras, desenhos e objetos. Até o dia 20

CINEMA

Jean Louis Trintignant e Catherine Deneuve estão em *A Grande Malandragem*. No Liberty

****** A ÁRVORE DOS TAMANCOS**
"L'Abero degli Zoccoli"
De Ermanno Olmi (Itália, 1978)

Este filme ganhou a Palma de Ouro no último Festival de Cannes. Ele traz uma série de episódios que procuram retratar os últimos momentos da "civilização agrícola", antes da industrialização. O mais importante deles é uma espécie de parábola da "perda do paraíso", mostrando uma família expulsada da fazenda por ter derrubado uma árvore para

fabricar um par de tamancos. Belas Artes (Sala Villalobos)
Horários: 12h, 15h, 18h e 21h (10 anos)

****** Q ÚLTIMO TANGO EM PARIS**
"The Last Tango in Paris"
De Bernardo Bertolucci (Itália/França, 1972)

Um dos mais comentados filmes desta década. Paul (Marlon Brando), um americano de 50 anos, dono de um hotel em Paris, trava co-

nhcimento com uma jovem de 20 anos, Jeanne (Maria Schneider) quando examinavam um apartamento vazio para alugar. Durante três dias eles vivem, nesse apartamento, um relacionamento intenso e dramático, por vezes sadomasoquista. Paramount 4, Copan, Regina, Gazetinha-Centro, Gazeta, Cal Center e Palmella

Horários: 12h15, 14h45, 17h15, 19h45 e 22h15 (18 anos)

****** NOSFERATU, O VAMPIRO DA NOITE**
"Nosferatu, der Vampir"
De Werner Herzog (Alemanha, 1978)

Uma nova versão do "Nosferatu", de Murnau (1922). Além de copiar e até desenvolver as mais importantes seqüências desse filme de 1922, Herzog foi buscar mais material diretamente no romance de Bram Stoker interpretando a chegada do Conde Drácula à Alemanha como uma profecia da ascensão nazista. Na versão Murnau-Herzog do mito, o vampiro vem de navio da Transilvânia e toma conta da cidade de Wismar, trazendo consigo um exército de ratos portadores da peste. Bristol e Lumière
Horários: 13h35, 15h40, 17h45, 19h50 e 21h55 (14 anos)

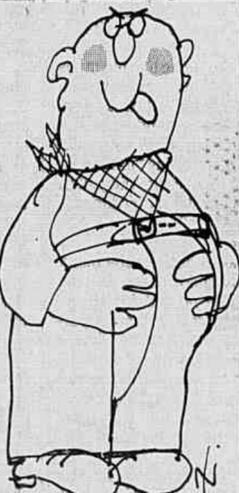
****** SONATA DE OUTONO**
"Höstsonat"
De Ingmar Bergman (RFA, 1978)

Com este filme, Bergman reconciliou-se com a crítica que quase fora unânime em repudiar o "Ovo da Serpente". Os velhos temas do cinema são agora retomados. Mãe (Ingrid Bergman) e filha (Liv Ullmann) se en-

contram na hora do lobo e ultrapassam o silêncio, trocando gritos e sussurros, que as colocam face a face numa situação que se inicia repleta de vergonha mas termina como uma lição de amor. Com Halva Bjork e Erland Josephson. Paramount 1, Gazetinha e Vitrine
A partir das 14 horas (14 anos)

ABOMINÁVEL

A COMILANÇA
Só a censura explica com que as pessoas se precipitam para ver este filme de Marco Ferreri — a história de quatro homens dispostos a comer até morrer. Daí os casos de indigestão, cada vez mais numerosos. A mesma estética, em todo caso, não é tão farta assim. E há um problema: quando encerrar este filme? Depois da refeição? Desastre. Antes? Outro desastre. Mas, apesar disso, ele merece ser visto. Um bom horário: 16h30, no Arouche A



Happy Days Miguel Paiva

EU PAGO UMA FORTUNA PARA A FAXINEIRA E A CASA CONTINUA IMUNDA!



ELA DISSE QUE É UM PROBLEMA SOCIAL, A SUJEIRA TOMOU CONTA E SÓ SAI DERRUBADA PELAS FORÇAS POPULARES.

ESPECIAS

****** SEMANA DOS DIREITOS HUMANOS**
(rua Benta Freitas, 306), às 19h30

A programação de hoje reúne três filmes sobre os direitos humanos: "Nós e Elas, O gente, pois não e Trabalhadores rurais". Entrada franca.

A GRANDE MALANDRAGEM
"L'Argent Des Autres"
De Christian de Chalonge

Este filme narra o processo de investimento de milhões de pessoas que aplicam sua poupança ao furti-

na em fundos especializados, bancos e outras instituições mais discretas. Com Jean Louis Trintignant e Catherine Deneuve. Liberty
Horários: 13h, 15h10, 17h20, 19h30, 21h40 (18 anos)

**** SUPER 8 DE HUMOR**
MAM (Parque Ibirapuera)

Uma coletânea de vários autores só de filmes super-8 de humor. Inédito. Serão exibidos 11 filmes. Horários: 16h, 17h e 18h30. Entrada franca

IMBROGLIO (UFA!)

O campeonato deve continuar. São ordens de Giulite

Dezta vez, a novela parece ter chegado ao fim, e o certame deve recomeçar na quarta-feira. No ato final, Nabi foi o mocinho da história

TONICO DUARTE

A massacrante novela intitulada "O Campeonato Paulista", escrita a muitas mãos pelos cartolas, teve ontem ares de último capítulo. E, de uma forma inesperada, o mocinho da história acabou sendo Nabi Abi Chedid, que saiu vencendo e pode, no ato derradeiro, trocar lânguidos beijos com os seus próprios erros. Depois de quase um mês de suspense e unhas roídas, o torneio deverá recomeçar nesta quarta-feira, a menos que o agora vilão Delphino Fachina, presidente do Palmeiras, não aceite jogar o regional e o nacional simultaneamente.

Só ficaram faltando cavalos brancos para que os emissários do Planalto emprestassem mais pieguice à novela. O último capítulo transcorreu da seguinte maneira: João Guilherme de Aragão, ministro interino da Educação e Cultura, deixou o poder de mediação nas mãos de Giulite Coutinho, presidente do CND e amigo pessoal de Nabi Giulite, por sua vez, determinou: "Recomendo à Federação Paulista de Futebol o imediato reinício do campeonato, observada a legislação esportiva vigente", mediação posteriormente homologada pelo ministro interino Aragão.

Assim sendo, o próximo passo é o Corinthians desistir da Justiça comum e consentir em ser julgado pela desportiva. O TJD da Federação, no caso. E é isto mesmo o que deverá acontecer, pois Vicente Matheus já afirmou previamente que

concordaria com a mediação, qualquer que fosse ela. Assim, no caso do jogo que não houve - a malsinada rodada dupla, lembrem? - a Ponte ganhará os pontos da partida.

Toda novela que se preze é um jogo de cartas marcadas, e "O Campeonato Paulista" não poderia ser diferente. Os quatro finalistas serão: Palmeiras, Guarani, Corinthians e Ponte Preta. A Ferroviária, coitada, elo mais fraco da corrente, finou-se em suas pretensões. Na verdade, o clube de Araraquara já foi colocado até para disputar um certo torneio incentivo, realizado no mesmo período da semifinal. Seria um prêmio de consolação? Bem, ontem Nabi estava feliz como qualquer Tarcísio Meira da vida que, após marchas e contramarchas, consegue definitivamente ganhar o amor eterno de Glória Menezes: "Já oficiamos o Corinthians para que ele retire a ação da Justiça comum. Acredito que esta foi uma solução feliz para o futebol paulista, graças a Deus".

Pelos lados do Parque Antártica, Fachina, sem ser ameaçador, pediu à Federação que não obrigasse o Palmeiras a jogar a cada 48 horas. Porém é isto mesmo o que deverá acontecer, pois Giulite Coutinho determinou que o campeonato termine antes do fim do ano, comendo um pedaço das férias dos jogadores. E Palhinha, presidente do Sindicato dos Atletas Profissionais de São Paulo, o que achará de tudo isto?



JUARI
Ele diz que já não tinha condições de continuar no Santos

NEGÓCIOS

Santos vende Juari para o México

Por 13 milhões de cruzeiros, ele foi para o Universidade de Guadalajara. Luís Fernando deve ocupar seu lugar

CELSO BERTOLI, de Santos

O Santos acabou desfazendo-se de um de seus poucos ídolos desde a saída de Pelé: vendeu Juari, o seu maior goleador nos últimos tempos, por Cr\$ 13 milhões, ao Universidade de Guadalajara, do México. A transação foi concretizada na tarde de ontem entre o presidente Rubens Quintas e o empresário Nicola Gravina, sendo o pagamento realizado à vista.

Juari, que deveria jogar hoje no amistoso contra o XV de Jau, como parte das negociações pela vinda do goleiro Marola, viajará na próxima quarta-feira para o México, juntamente com o diretor de patrimônio do Santos, Ricardo Chadad, para acertar as bases de seus dois anos de contrato. Comenta-se que o jogador deverá receber 80 mil dóla-

res (Cr\$ 2.560.000) de luvas e 15 mil dólares (Cr\$ 480.000) de salários, uma vez que não tem direito aos 15% por não ter ainda dois anos de profissionalismo.

A venda de Juari pegou de surpresa a grande torcida santista, que em lugar de ver a diretoria contratar um grande craque - no caso, Luís Fernando, do América de São José do Rio Preto -, acabou perdendo o seu goleador. Mas o próprio presidente Rubens Quintas afirmava que a diretoria só tomou essa decisão devido a um compromisso assumido com o atacante logo após a desclassificação do Santos para as finais do campeonato paulista - ou seja, a vender seu passe para uma outra agremiação.

"Realmente, o Juari por

diversas vezes veio solicitar que eu colocasse seu passe à venda", explicou Quintas. "E, no meu entender, por tudo o que ele vem enfrentando em sua vida particular, cheguei à conclusão de que o jogador não teria mais condições de continuar na Vila Belmiro, enquanto Quintas acertava os detalhes finais da transação. Juari comentava que, caso não fosse negociado até o final dessa temporada, estaria disposto até a abandonar o futebol.

"Não dava mais para continuar no Santos", disse ele. "Só quero dizer que aqui na Vila ainda tenho muitos amigos e que não estou saindo por pressão de ninguém, muito menos da torcida, pela qual sempre fui respeitado como jogador de futebol; saio por outros problemas, que prefiro não revelar, problemas esses que acabaram com minha permanência no Santos".

O centroavante tem hoje 20 anos e estava há cinco na América do Sul: "Isto é vôo livre", que está sendo lançado hoje no Rio.

Gaiser já alcançou a condição de profissional desse esporte, com patrocínio da Pepsi-Cola, uma oficina de reparos de asas e não menos de dez alunos, o que lhe vem permitindo desprezar a engenharia como profissão. É um dos poucos dentre os seiscentos pilotos de vôo livre credenciados no país a alcançar esta situação.

O esporte vem se desenvolvendo muito em seus poucos anos de existência, com cerca de 200 mil adeptos praticantes em todo o mundo, e pedido junto ao Comitê Olímpico Internacional para figurar entre as

VÔO LIVRE

Segredos do campeão brasileiro

Paul Gaiser, bicampeão brasileiro e 9º no ranking mundial, lança um livro sobre um esporte que cresce

MARCELO FAGÁ, do Rio

O vôo livre é apenas o 11º esporte mais arriscado dentre todas as modalidades, figurando bem atrás do motociclismo, do automobilismo e mesmo do paraquedismo, segundo concluiu uma recente pesquisa encomendada por companhias de seguro americanas. Mas ficar suspenso como um pêndulo sob uma pipa de 25 quilos, balançando o corpo a fim de dirigi-la, de um lado para outro, para a frente e para trás, a centenas de metros de altura do solo, requer muito sangue-frio, precisão de movimentos e conhecimentos meteorológicos.

Para o carioca Paul Gaiser, bicampeão brasileiro de vôo livre e 9º colocado no ranking mundial, esse esporte requer mais alguma coisa: uma boa alimentação, "chegada a natural, sem muita carne e sem álcool" oito horas de sono e bom preparo físico. Um pouco disso tudo esse jovem de 24 anos, que se formou em engenharia mecânica, mas não exerce a profissão, ensina no primeiro livro sobre vôo livre editado na América do Sul: "Isto é vôo livre", que está sendo lançado hoje no Rio.

O iniciante cumpre quatro fases durante o curso. Primeiro, corrida com a asa em plano horizontal, para sentir o peso e a reação aos comandos; depois, a subida gradativa de uma encosta até a altura de 10 metros; em seguida, as primeiras curvas em decolagem acima de 10 metros; e só então o exame para receber o brevê da Associação Brasileira de Vôo Livre.

Ai já se pode gastar dinheiro na importação da asa, pois as de fabricação nacional são consideradas inseguras e já chamadas de "bacalhau". Com isso, o praticante pode arriscar a dar seus primeiros vôos, com cuidado especial para não "amarelar" na hora da decolagem.

O Nacional pode parar ainda hoje

As lições (péssimas) das pelo futebol de São Paulo, ao que tudo indica, ultrapassaram as fronteiras do Estado. Atlético Mineiro e Goiás parecem tê-las assimilado muito bem e, agora, estão ameaçando utilizar a Justiça comum para paralisar o Campeonato Nacional. Tudo porque o Atlético não concordou em jogar em Goiânia, conforme determinou a CBD, alegando que a entidade desrespeitara o seu próprio estatuto. Ontem, Heleno Nunes era um poço de lamentações: "É lastimável a intransigência do presi-

dente do Atlético, Walmir Pereira. No entanto, a acatarei o que a Justiça determinar".

A crise já repercutiu em São Paulo, onde, sem olhar para o próprio rabo, o presidente do Palmeiras, Delphino Fachina, dizia ser este um ano muito "triste para o futebol brasileiro". Detalhe: Fachina é ator coadjuvante do imbroglia paulista. No Rio de Janeiro, o velho Oto Glória, técnico do Vasco, elaborava sábio pensamento: "É política demais para pouquíssimo futebol".

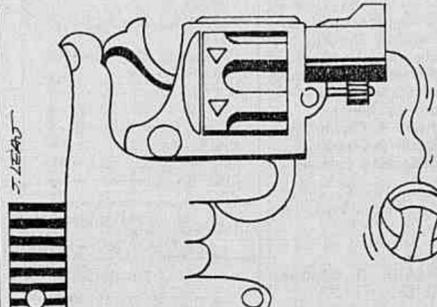
Portella pediu ajuda a Giulite

Na Cidade do México, onde se encontra participando da 5ª Conferência Regional da Unesco, que reúne ministros da Educação da América Latina e do Caribe, Eduardo Portella fez ontem uma curta declaração ao JORNAL DA REPÚBLICA: "Fiquei sensibilizado pelo fato de os clubes paulistas me terem escolhido como mediador. Mas, estando fora do Brasil, entrei imediatamente em contato com o presidente do CND, Giulite Coutinho, para que ele encontrasse a solução mais correta e rápida".

MOACIR JAPIASSU

Um duelo! Eram os cartolas de 22

A pressa numa atividade que exige tanta paciência, como é a pesquisa histórica, costuma provocar mais confusões do que uma quadrilha de cartolas liderada por alguém como Nabi Chedid. Digo isso ao receber carta do leitor Francisco Vieira de Chagas Moutinho, que me pede detalhes sobre "a incrível briga entre brasileiros e uruguaios, no Sul-Americano de 1922".



Moutinho tem nas mãos recorte mais ou menos antigo de um influente jornal do Rio contando essa história cheia de curiosidades, entre elas "uma troca de tiros entre dirigentes, felizmente sem vítimas a lamentar".

Não houve nada disso, Moutinho; nada. As confusões no Sul-Americano ocorreram durante a partida entre Brasil e Chile, a 17 de setembro de 1922, no estádio do Fluminense; o único uruguiaio envolvido foi o juiz e ninguém trocou tiro com ninguém.

Era estréia das duas seleções no torneio e logo aos 12 minutos o grande

Neco deixou Tatu cara a cara com o goleiro adversário - Brasil 1 a 0. Ai começou a violência e o juiz Villarinos, uruguiaio deixou o pau comer. Os chilenos intimidaram Friedenreich, Rodrigues e Formiga à base de pancada e no final do primeiro tempo o centroavante Bravo escorou um escanteio e empatou o jogo.

No segundo tempo, sob o olhar complacente de sua senhoria, a deslealdade passou em campo.

Formiga, um pontadireita arisco e driblador, foi derrubado várias ve-

zes, algumas dentro da área, e o juiz olhando. A torcida, furiosa, ameaçou invadir o campo e o juiz correu para os vestiários e ali ficou escondido por seis minutos. Arthur Friedenreich, caçado pelos adversários, deixou o gramado e nem pôde jogar a segunda partida, contra o Paraguai.

Quando o juiz voltou, debaixo das vaias da torcida, os chilenos agrediram o goleiro, Marcos Carneiro de Mendonça, e o lateral Fortes, e então, Agostinho Fortes Filho, partiu para a briga declarada. A torcida invadiu mesmo o campo e o

juiz Villarinos teve de correr para não apanhar. No dia seguinte, os jornais O Paiz e Combate insultaram o juiz (e os uruguaios, de maneira geral) e o chefe da delegação inimiga quis bancar o cavalo do cão - desafiou para um duelo os cronistas esportivos dos dois jornais. Mais ninguém levou a sério.

Coragem, dom Filpo; bola pra frente!

Dom Nelson Ernesto Filpo Nunes, o "malandro de camisa de seda", aguarda por esses dias o bilhete com o qual deixará o São José para mais um doloroso footing pela rua da amargura. Desempregado, sem um time para ensinar seus truques de velho milongueiro. Dom Filpo mereceria melhor fim de carreira. É um bom e competente treinador, de folha exemplar em grandes clubes. Esse Palmeiras de hoje só conhece a exata medida de seu valor quando é comparado à Academia dos anos 60 e foi Dom Filpo que fundou a Academia. Agora mesmo sou informado de que o Grêmio de Porto Alegre, na impossibilidade de contratar Telê para substituir Orlando Fantoni, consola-se com a mediocridade de Paulo Lumumba. Por que não chamam Dom Filpo? A

torcida há de recordar sempre o entusiasmo que este veterano teinador transmite aos jogadores e até às arquibancadas e gerais, acompanhando, aos gritos e pulos, o sucesso das jogadas que ensaiou. Não há equipe indiferente à magia daqueles olhos azuis de criança astuciosa, na vibração que nunca pára, e o futebol precisa desses instantes de alegria. Dom Filpo, leitores, é uma instituição.

O mundo acabou em 40 dias. Faz tempo

Quarenta dias é muita coisa, está aí a história da arca de Noé para comprovar. "Em quarenta dias é possível destruir o mundo", repeti ao torcedor Janistraquis de Azevedo Varejão, mas não pude convencê-lo. "Considerado", disse-me ele, "é porque vosmicê não conhece o Serginho. O infeliz já foi suspenso por mais de ano e voltou pior; que são quarenta dias para um cabra desses?" É, mas foi o que se pôde arranjar para Serginho no TJD - quarenta dias de suspensão pela arruaça durante a partida São Paulo X Corinthians; umas prolongadass férias de fim de ano para esse astro do deboche, artífice menor cuja passagem pelos campos de futebol tem a única serventia

de nos recordar a diferença entre a molecagem e a força de um temperamento indomável - Ah! Almir, que o povo chamava de Pernambuco, como andas fazendo falta!

Minas e o fim do santo padre

O lamentável almirante Heleno Nunes, que adormecera traquilo de terça para quarta-feira, acordou ontem com água pelo pescoço. É que o Goiás, depois de ter prometido jogar em Belo Horizonte, contra o Atlético, num exemplo de formidável espírito de renúncia, voltou atrás e a partida continua ameaçada. E como os mineiros não jogarão em Goiânia "nem por mediação do próprio Papa", conforme declarou seu presidente, a situação, convenhamos, é delicadíssima. Houve um tempo em que os brasileiros se queixavam ao bispo, à menor sombra de injustiça; hoje, marginalizam-se até cardeais, de maneira cruel, e (pasmem!) o Santo Padre é obrigado a reconhecer que não tem prestígio nem para botar o Atlético Mineiro em campo. Falece a religião, num desrespeito intolerável, e vai isso acontecer logo em Minas, rara paragem aonde a força do terço e da novena já desencadeou revoluções. Vade retro!

ROBERTO MARCHER

Betti Ann, boa também de tênis

Talvez a semana tenística não seja das melhores, tecnicamente falando. Está, porém, engraçadíssima.

Imaginem que os australianos exigem a presença do edipinho, o roliço Jimmy Connors, no qualificação (fase pré-classificatória) do torneio de New South Wales, que começará no próximo dia 17, na Austrália.

Connors, muito a fim de entrar em forma para o aberto da Austrália, talvez até aceite tal humilhação.

No presente momento, Jimmy participa de um torneio tipo exibição (sua grande especialidade) em Montreal. Exibem-se por lá o sueco Bjorn Borg e o chileno Hans Gildemeister. Falta apenas McEnroe, proibido de participar da brincadeira, pois deve treinar para a partida contra a Itália, válida pela Davis 79 e a ser jogada no próximo fim de semana.

Bela vence a fera

A tenista norte-americana Betti Ann

Stuart venceu ontem, na Austrália, a sua compatriota, a aguerrida veterana Billie Jean King, em dois sets: 7/5 e 6/3. Betti Ann, que tanto espanto e encanto causou no último torneio de Wimbledon, ao jogar com os lindos seios de fora, provou contundentemente que não é boa só de físico. Joga um tênis de primeira linha.

Gildemeister afiado para a Davis

Hans Gildemeister, que estará em São Paulo, na semana que vem, disputando a Davis contra o Brasil, anda jogando bem. Ontem, ele derrotou o norte-americano Pat Dupre no torneio exibição de Montreal por 6/3 e 6/3.

Apesar do aspecto jocoso deste evento, a vitória do pinocheteano deve ser levada a sério. Dupre, típico all american boy, não dá colher de chá.

Pérolas Tenísticas

O nível do tenista pode ser medido através de seu segundo saque.

MÚSICA

O rendoso cadáver de Elvis

TARIK DE SOUZA

ELVIS PRESLEY (Our Memories of Elvis) - RCA. Paradoxalmente, quanto mais se publica livros e depoimentos a respeito de Elvis Presley menos o conhecemos...

PAULINHO DA VIOLA (Zumbido) - Odeon. Sem utilizar as influências jazzísticas (o pai, chorão ortodoxo do conjunto Época de Ouro, proibia-lhe ouvir música estrangeira)...

Brel só agora liberado pela censura: "Se o homem nasceu e bom não se conservou a culpa é da sociedade que o transformou".

JACQUES BREL (Greatest Hits) - Band. Alguma lei invisível, mas sólida, condenou o mercado nacional a jejuar música francesa...



LEIA E ASSINE ISTOÉ

MOVIMENTO CORAL DO ESTADO DE SÃO PAULO CALENDÁRIO NATAL 1979. HOJE, dia 6/12 - 21h IGREJA IMACULADA CONCEIÇÃO...

VOZES DE VIOLAS. Bendegó + GEREBÁ + CAPENGA PASSOCA + CARLAO SOUZA ALZIRA ESPINDOLA + ALMIR SATER...

DANIEL HAAR APRESENTA. DE 5 A 9 DE DEZEMBRO - ÀS 21 HS. TEATRO FUN. GETÚLIO VARGAS AV. 9 DE JULHO, 2029...

CINEMA

CENTRO. ARCADES - Av. Ipiranga, 804 - A multa que queria pagar - 18 anos - às 9, 10, 12, 13, 20, 22, 23, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100...

SÃO BERNARDO. HAWAY - R. Olavo Bilac, 40 - 448-6488 - O último tango em Paris - 18 anos - às 14, 16, 20 e 22 horas. SÃO CARLOS. AURORA - R. São João, 341 - 223-7991 - O Dragão do Areno Sagrado - 18 anos - às 14, 16, 20 e 22 horas. SÃO PAULO. AURORA - R. São João, 341 - 223-7991 - O Dragão do Areno Sagrado - 18 anos - às 14, 16, 20 e 22 horas.

TELEVISÃO. 2. 12h00 - É Hora de Esporte. 12h45 - Jornal da Cidade. 13h00 - Falcão de Brasília. 13h30 - Telecurso 2º Grau. 14h15 - Ação Super 8. 14h45 - Inglês com Música. 15h15 - Caminhos da Aventura...

A loteria da nova capital

Já se fazem apostas no cafezinho da Assembléia. Mas o destino do projeto de Maluf parece estar nas mãos de uma dúzia de indecisos, cinco da Arena e sete do MDB

As apostas estão abertas, senhores. Multipliquem o seu capital acertando o resultado da votação do projeto do governador Paulo Salim Maluf, na forma de uma emenda à Constituição do Estado, que propõe a transferência da capital para o interior. O banqueiro imaginário bem poderá ficar sem fregueses, pelo menos enquanto insistir em colocar a mudança da capital como objeto de apostas. Na Assembléia Legislativa, a cotação dos votos varia um pouco todo dia. Quem se arrisca?

AGENOR LINO DE MATTOS

Se o caráter do primeiro voto valesse alguma coisa, Maluf já teria transferido a capital. Vota sim, acompanhando a maioria do "grupo democrático", adesista.

ALMIR PAZZIANOTTO

Será dele o primeiro voto contrário à transferência da capital. O que não vai ser surpresa, pois é um dos autênticos do partido na Assembléia e sempre votou contra projetos que considera não prioritários.

ANDRÉ BENASSI

Mesmo sem ser dos deputados mais conhecidos, sempre votou com a liderança. E já se comprometeu a dizer não à transferência.

ANTÔNIO CARLOS MESQUITA

É a primeira grande dúvida na lista de votação. Foi um dos que assinaram o documento de formação do "grupo democrático", mas pretende ficar no partido que sucederá o MDB. Alguns deputados acreditam que votará contra.

ANTÔNIO REZK

Mais um voto pela rejeição da pretensão do governador. Está contra e não abre. É do grupo autêntico, e considera a transferência da capital "um desvario".

BENEDITO CAMPOS

Deputado de primeiro mandato, acompanhou e apoiou o "grupo democrático". Vai votar sim e ainda afirmar que a nova capital é a única salvação. Por aí.

CÉLIO DOS SANTOS

Foi o único emedebista presente que votou contra a emenda que propunha o plebiscito. A alguns deputados confidenciou que é contra a transferência, mas quem acredita que votará pelo não? Em todo caso, é considerado um indeciso.

DORETO CAMPANARI

Alguns deputados não fazem muita fé, mas ele se manifestou contra a proposta de Maluf, mesmo porque pretende continuar no futuro MDB.

ÉDSON TOMAZ DE LIMA

Outro do "grupo democrático", e votará pela transferência da capital. Alguns dos moderados do MDB tinham esperanças de convencê-lo a votar contra, mas a reza foi pouca.

ÉDSON REAL

Mais uma carta fora do baralho emedebista. Nenhum opositor tentou "salvá-lo", pois acham que é caso sem salvação. Para a oposição, é claro. É um dos catorze "democráticos".

EDUARDO SUPPLY

Está convencido de que a transferência da capital não é uma questão prioritária, e que não atende às necessidades da população. Teme que aconteçam, novamente, as pressões ocorridas na época da votação do nome de Reynaldo de Barros para a prefeitura da capital. E vem denunciando isto, da tribuna.

EMÍLIO JUSTO

Também vota contra, acompanhando a decisão da bancada. E está trabalhando para convencer alguns indecisos.

EVANDRO MESQUITA

É um dos indecisos "do lado de cá", como dizem os que vão votar contra. Traduzindo: está mais próximo de votar com a bancada do que a favor de Maluf.

FERNANDO MORAIS

Não quer ver Maluf pela frente, autêntico que é. Há quinze dias apresentou um projeto de resolução que visa a alterar o regimento, e "jogar para a frente" a proposta do governador, que somente seria votada 85 dias depois da sua apresentação. Como um dos autênticos, procurou tomar suas precauções.

FLÁVIO BIERRENBACH

Outro voto contra indiscutível. Como presidente da Comissão de Constituição e Justiça, é o responsável por mais de uma ira do governador. Diz sempre que a transferência da capital só é prioritária para a promoção pessoal de Maluf.

FRANCISCO DIAS ALVES

Votará com a bancada, pela rejeição da transferência. Não é dos deputados que mais se destaca, mas não joga com o governador.

FRANCO BARUSELLI

Desde que a proposta de transferir a capital foi divulgada, já anunciava o seu voto: contra. É um deputado ativo, no plenário e no café da Assembléia.

VICENTE ALESSI FILHO

GERALDO SIQUEIRA

É um dos contra de primeira hora. Divide as suas preocupações com a proposta de transferência e com a possibilidade de aderir ao PT.

GORO HAMA

Mandou para o arquivo um projeto do governador, que pretendia alterar o ICM. Vai votar contra - se pudesse, até duas vezes.

HÉLIO CÉSAR ROSAS

Mesmo envolvido numa denúncia feita da tribuna por Eduardo Suplicy, garantiu que vai votar contra. Na época da indicação de Reynaldo de Barros, foi um dos votos favoráveis a que a bancada não fechasse questão para votar. Mas vota contra mesmo.

IRMA PASSONI

Está convencido de que a transferência da capital não implica na melhoria de vida para a população de São Paulo, e que os 8 bilhões de cruzeiros que o governador pretende aplicar numa nova cidade têm melhor aplicação. Vota contra.

IVAN SPÍNDOLA DE ÁVILA

Como bom integrante do "grupo democrático", vai votar a favor da transferência. Acha que Maluf é "um estadista".

JIHEI NODA

Apesar de integrar o "grupo democrático", deve votar contra. Por uma única razão: é um deputado rigoroso com o seu comportamento, e muito antes de assinar o manifesto dos adesistas já anunciava a sua disposição de ir contra a proposta de Maluf. Pela coerência, é um voto a menos para o governador, mas a situação, na Assembléia, não é das mais coerentes. Coluna do meio.

JOÃO BATISTA BREDA

É dos que vão votar contra e daqueles que nem gostam de discutir muito a questão depois de se definirem. Quer ver as verbas da nova capital melhor empregadas.

JOÃO GILBERTO SAMPAIO

Vota contra. É um dos deputados mais preocupados com a unidade do partido e da bancada. E diz que nunca gostou de "obras faraônicas e inúteis".

JOSÉ BUSTAMANTE

Da tribuna, discursou três vezes contra a transferência, de maneira enfática. No seu caso, no entanto, isto ainda não é suficiente. Quem não se lembra que ele sumiu do plenário durante a votação da emenda do plebiscito? Como não se pode confiar em coerências, coluna do meio três vezes.

JOSÉ EDUARDO RODRIGUES

Deputado de primeiro mandato, se alinha com os autênticos. Não será pelo seu voto que a capital irá para o interior.

JOSÉ SILVEIRA SAMPAIO

Por ele a capital já estaria transferida, para o Céu, se esta fosse a proposta do governador. Se não tiver maior razão para isto, votará a favor, pelo menos por causa da vontade de Maluf. É um dos que assinaram o manifesto adesista.

JOSÉ STOROPOLI

Sempre foi contra a transferência, e é impermeável às vontades de Maluf. Principalmente depois que o seu arquinheiro Manoel Sala comandou a debandada dos "democráticos" para os braços do governo.

JOSÉ YUNES

De tanto denunciar as pressões do Palácio dos Bandeirantes para aprovar o nome de Reynaldo de Barros, acabou perdendo dois empregos, como consultor jurídico de empresas estatais. Assinou a emenda constitucional que previa a realização de um plebiscito em todo o Estado para aprovar a transferência da capital. Vota contra.

LUIZ BENEDITO MÁXIMO

Trabalha muito à procura de mais doses ao voto contrário à transferência. Pode até convencer alguns indecisos.

LUIZ CARLOS DOS SANTOS:

Vota contra por duas razões: um ade ordem pessoal, pois está convicto de que a mudança da capital é desnecessária e custosa; outra, de ordem partidária: afinal, é o primeiro-secretário da Assembléia, e vai permanecer no futuro MDB.

MANOEL SALA

Está tão bravo com os emedebistas que vota qualquer coisa que o governo queira. E diz que para isto não precisa ouvir base nenhuma: "Os meus eleitores nem querem saber disso, e me apoiam em qualquer coisa". É um dos articuladores do "grupo democrático" de Maluf.

MARCO AURÉLIO RIBEIRO

Autêntico de primeiro mandato, vota contra. Enquanto discute fórmulas regimentais possíveis para mandar a proposta de Maluf para o fundo dos arquivos, pensa no PT.

MARCOS CORTES

Uma dúvida. De um lado, é pressionado pelos seus alunos de cursinho, que o elegeram, para votar contra; de outro, diz-se que obedece cegamente às ordens do dono do cursinho, que custeou sua campanha. Quem se arrisca? Em todo caso, ficou de estudar o projeto e depois se manifestar.

MAURO BRAGATO

É um dos deputados mais jovens da Assembléia, e afinado com os autênticos. Vai votar contra, e também pensa, às vezes, no PT.

MÁRIA LADEIA

Nem admite discutir o seu voto, "que será contra em letras maiúsculas". Pretende continuar no sucessor do MDB, e sempre acompanha a tendência da bancada.

MÍLTON BALDOCHI

Pessoalmente é favorável, mas as bases pressionaram, e ele resolveu seguir o que elas decidirem. E encomendou às rádios de Franca um plebiscito, que ainda não está pronto.

NODECI NOGUEIRA

Em uma reunião da bancada, declarou solenemente que votará contra. E diz que pretende cumprir a promessa.

OSCAR YASZBEK

Outro dos catorze do "grupo democrático". Quem assinalar a coluna do "a favor" acerta em cheio.

OSMAR FONSECA

Pretende ir para o PTB, mas garante seu voto contra a transferência da capital.

REGINALDO VALADÃO

Vai acompanhar a bancada votando contra. Nunca escondeu que era desfavorável à transferência.

ROBERTO PURINI

Também acompanha a posição da bancada. Vota contra.

ROBSON MARINHO

Presidente da Assembléia, tem certeza que a proposta do governador não será aprovada. Com a ajuda do seu voto.

RUBENS DE LARA

Um dos mais atuantes deputados do MDB, excelente na articulação. Vota contra.

SÉRGIO DOS SANTOS

Como bom autêntico, vota contra. Preferiria ver "tantas verbas aplicadas em obras socialmente importantes".

SÉRGIO MORINAGA

Assinou o documento dos adesistas, mas assegura que só dará o seu voto depois de estudar "muito bem" o projeto. Quem acredita? Vota a favor.

THEODOSINA RIBEIRO

Não é das opositoristas mais convictas, mas prometeu votar contra.

VANDERLEI MACRIS

Líder da bancada emedebista na Assembléia, nunca escondeu o seu voto: contra.

VANDERLEI SIMONATO

É o candidato de Robson Marinho para ocupar a liderança do partido no ano que vem. Contra.

VICENTE BOTTA

É o primeiro-vicepresidente da Assembléia, o que prova que cargo não é parâmetro de voto. Diz que vai acompanhar o voto dos "democráticos", pois é um deles. Mais um voto para Maluf.

WALTER AUADA

Só vota contra a capital se estiver fora de si. Amigo do governador, é um dos líderes dos "democráticos".

WALTER MENDES

Garantiu seu voto contra, se esta for a decisão da bancada do sucessor do MDB. O que vai ocorrer.



RINDO FÁCIL

Facilidades na Assembléia e muitos críticos no bolso. Quem não ri?

Quem vai criticar um projeto tão generoso?

PAULO SÉRGIO MARKUN

O governador Paulo Maluf tem um grande argumento para calar os arquitetos e planejadores que criticam seu sonho de construir uma nova capital: os 540 milhões de cruzeiros que o Estado deve dispendir, de 1980 a 1982, para elaborar os estudos e projetos da cidade nova. Como é quase certo que não se utilize agora o sistema usado em Brasília, cujos edifícios foram projetados por Oscar Niemeyer, contra um salário mensal, como funcionário da Novacap.

É bem verdade que muitos planejadores têm assumido uma posição claramente contrária à nova capital, como a de Jorge Wilhelm, ex-secretário de Planejamento do governo Paulo Egydio. Mas as máximas linguas podem dizer que somente os que estão fora do páreo têm tido a coragem de condenar o projeto antes de saber quem irá realizá-lo. Numa época de vacas tão magras, a maioria prefere ficar em silêncio, ou fazer críticas apenas em conversas informais.

De qualquer modo, tudo está por ser feito, quanto à nova capital. A localização, comenta-se na Secretaria dos Negócios Metropolitanos e no Palácio dos Bandeirantes, já foi definida, mas é segredo guardado a sete chaves. E a exposição de motivos, encaminhada à Assembléia depois de ter sido reescrita três vezes, para ficar mais próxima da linguagem dos mortais, define apenas os grandes traços de Anchieta.

Cidade vertical, horizontal ou outra São Paulo?

A proposta diz, entre outras coisas, que não será apenas uma transferência administrativa. E fala na implantação de indústrias, respeitando as exigências da Cetesb, para não criar uma cidade de funcionários públicos, sem vida própria. Diz que ela será construída a partir de unidades de vizinhança, com 5 mil moradores e que deverão conter "todo o equipamento institucional, social, cultural, educacional, recreacional e administrativo, compatível com a referida população, além de um comércio de atendimento diário, local, corretamente dimensionado". O que significa algo semelhante às superquadras de Brasília, uma estrutura urbana que muitos planejadores criticam, por se assemelhar a uma colcha de retalhos, composta de pequenas cidades do interior.

Dez unidades, juntas, compõem um setor, polarizado por um comércio de uso ocasional. E a nova capital terá, quando em sua plenitude, dez setores e 500 mil habitantes.

Haverá vias de pedestres, cobrindo 10% da área urbanizada. Cento e oitenta quilômetros quadrados serão preservados, como área de proteção ecológica, o que faz prever que a região deve ter, ao redor de uma planície central, zonas mais íngremes, que fariam esse anel de proteção. E a densidade demográfica média - 67,57 habitantes por hectare - faz prever uma cidade vertical, embora não defina se será algo semelhante a Brasília, com edifícios relativamente baixos, ou uma série de torres enormes, como as propostas por Niemeyer para uma cidade nova na Arábia Saudita.

De qualquer modo, Anchieta não será uma nova São Paulo. Mesmo porque, se tudo der certo, terá apenas 15 mil operários, muita área verde, um padrão de vida razoável - fala-se que o funcionalismo teria incentivos para mudar de São Paulo - e uma aparência quase interiorana.

As experiências anteriores indicam como não fazer

Se os idealizadores da nova capital evitarem os erros cometidos em outras cidades novas ela poderá ser uma surpresa urbanística. Cidades planejadas não são novidades, mas a experiência da humanidade registra raros casos de sucessos, nesse campo. A primeira tentativa foi na Inglaterra. Ebenezer Howard, inspirado nas teorias da revolução burguesa, pensou as "cidades jardins de amanhã": novos núcleos urbanos independentes, afastados das grandes cidades, com casas próprias rodeadas de grandes jardins, propriedade coletiva do solo e todos os equipamentos. A partir desse modelo surgiram Letchworth (1903) e Welwyn-Garden City (1919). Depois, o urbanista francês Le Corbusier colocou suas propostas em prática na Chandigarh indiana, até hoje um monumento ao fracasso.

No Brasil, Belo Horizonte e Goiânia saíram dos rabiscos para a realidade, antes de Brasília. E em todos os casos, a realidade mostrou-se bem menos moldável que o lápis, a borracha e a prancheta.

A FAVOR	CONTRA	INDECISOS
32	35	12
Arena MDB 11	Todos do MDB	Arena 5 MDB 7